

EMILIANE MORAES SILVA

ANÁLISE CRÍTICA
DE PROPOSTA ESTÉTICO-CORPORAL:
A REPRESENTAÇÃO DE IDENTIDADES EM
REPORTAGENS DE *PLÁSTICA E BELEZA*.

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2008

EMILIANE MORAES SILVA

ANÁLISE CRÍTICA
DE PROPOSTA ESTÉTICO-CORPORAL:
A REPRESENTAÇÃO DE IDENTIDADES EM
REPORTAGENS DE *PLÁSTICA E BELEZA*.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Lingüística.

Linha de Pesquisa: Análise do Discurso.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sônia Maria de Oliveira Pimenta.

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2008

Ao Deus, em Cristo Jesus, autor e consumidor da minha fé.

Aos meus pais, Gilson & Janita, que não falam a língua dos anjos, mas a dos homens justificados; que são exemplos em amor sincero e, em toda a trajetória de sonhos e realizações, não procuraram seus próprios interesses, mas sofreram, superaram, esperaram, lutaram e alcançaram graça e plenitude diante do Pai e de nós, os amados que os cercam.

Às minhas irmãs.

À minha vó Cecília (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Ao Gilson & Janita, pelo amor e apoio incondicional.

À Cássia, pelo auxílio e pelos recursos fundamentais.

À Emilene, pelo incentivo e palavras de estímulo.

À Gilsane, pelas admoestações, força e cumplicidade.

À Cecília, pelos momentos felizes que Deus nos ofertou no passado e por aqueles que, em Cristo, acredito, estão por vir.

À Betel, à Redê e à Caverna... Esses lugares onde Deus fala e faz através de gente compromissada, povo que se ama, importa com o outro e não se conforma com perspectivas que situam a vida como mera tradução finita da materialidade dita humana.

Ao Christian Gillis & Ivênio dos Santos, pela porta aberta, conselhos e direcionamentos em momentos certos.

Ao Marcelo, pelas orientações sobre a produção jornalística; pelos títulos do Giddens e do Touraine (minhas novas aquisições para acervo particular); e, ainda, pelas nossas inúmeras discussões sobre mídia, raça, identidade e gênero.

Às minhas amigas Jane & Lílian; presenças carinhosas, verdadeiras, que só tem produzido bons frutos.

Ao Sistema Batista de Ensino.

Ao PÓS-LIN e aos professores do programa, especialmente aos do NAD.

A minha banca examinadora; professores Adail Rodrigues-Júnior e José Luiz Meurer.

À professora Sônia Pimenta, por me apresentar o universo da Análise Crítica e da Lingüística Sistêmico-Funcional.

A todos os demais colegas e amigos, pessoas que através de auxílios, diálogos e ações de graças, me apoiaram e me sustentaram nessa parte de minha caminhada.

*“Não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas
que se não vêem; porque as que se vêem são
temporais, e as que não se vêem são eternas.”*

Paulo de Tarso
(II Coríntios 4:18)

SUMÁRIO

RESUMO.....	08
SUMMARY.....	09
LISTA DE FIGURAS.....	10
LISTA DE QUADROS.....	11
INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	19
1.1. A TEORIA SOCIAL DO DISCURSO	20
1.1.2. TEXTO, PRÁTICA DISCURSIVA E PRÁTICA SOCIAL.....	22
1.1.3. A NOÇÃO DE GÊNERO E PRÉ-GÊNERO PARA A ADC.....	25
1.1.3. VALORAÇÃO DE ESTILOS E IDENTIDADES.....	26
1.2. A LÍNGÜÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL DE HALLIDAY.....	28
1.2.1 A METAFUNÇÃO-IDEACIONAL: O SISTEMA DE TRANSITIVIDADE.....	29
1.3. A REPRESENTAÇÃO DE ATORES SOCIAIS.....	31
1.4. A MULTIMODALIDADE.....	34
1.5. A SEMIÓTICA SOCIAL.....	37
CAPÍTULO II - IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO, GÊNERO E RAÇA	39
2.1. IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO.....	40
2.2. GÊNERO	42
2.3. “ÉTNIA E RAÇA”.....	46
CAPÍTULO III - DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	52
3.1. O <i>CORPUS</i> E OS PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE	53
3.2. REPORTAGEM (1): “DE OLHO NA DOBRINHA”	57
3.3. REPORTAGEM (2): “PLÁSTICA AFRO”	76
3.4. REPORTAGEM (3): “DONA DO SEU NARIZ”	93
3.5. REPORTAGEM (4): “BELEZA GLOBALIZADA”	101
CONCLUSÃO.....	115
BIBLIOGRAFIA	121
ANEXOS	125

RESUMO

Este trabalho identifica e analisa as estratégias e a organização visual-léxico-discursiva, utilizadas pela revista *Plástica e beleza*, em reportagens que visam incentivar a realização de cirurgias plásticas, estéticas, em leitoras de supostas raças distintas. Tal proposta tem como suporte teórico: a Análise do discurso crítica, de Norman Fairclough, a Semiótica Social de Hodge e Kress, a Multimodalidade de Kress e Van Leeuwen e a Lingüística Sistêmico-Funcional de Michael Halliday. Além dos trabalhos de Kress (1997) e Thompson (1995) para a observação dos *atores sociais* e dos *modos de operação de ideologia*. A análise tem como ponto-de-partida o estudo da sentença com base no *sistema de transitividade* de Halliday. O foco são as identidades coletivas, os *atores sociais*, as maneiras utilizadas e inseridas no *corpus* para tratar representações, assumidas como raciais ou étnicas, e, ainda, a suposta hierarquização de identidades, dentro de uma *paisagem semiótica*; na qual se insere um discurso que levanta e associa beleza física às questões relacionadas à raça e à auto-estima feminina.

SUMMARY

This work identifies and analyzes the discourse-lexico-visual organization and strategies that were applied by *Plástica e beleza* magazine, in reportings that encourage esthetical plastic surgeries to ladies readers that belong to assumed distincts races. The theoretical presuppositions base are: Critical discourse analysis, by Norman Fairclough, Social semiotics, by Hodge and Kress, Multimodal discourse, Kress and Van Leeuwen and systemic-functional Linguistics, by Michael Halliday. As well as Kress (1997) and Thompson (1995) works to *social actors* and *operation's ideologic mode* investigation. The sentence study, based on the *transitivity system* by Halliday, is the analysis's starting point. The focus is put a collective identities, *social actors*, the used modes that are inserted on the *corpus* to consider assumed representations, like racial or ethnical, and, still, an assumed form of an identity hierarchies of *semiotic landscape*; in which there is a dicourse that develops and associates beauty physical and subjects related to race and feminine self-esteem.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Os tipos de processos em Halliday (1994).....	30
Figura 2: cadeia para atender categorizações previstas no <i>sistema de transitividade</i> de Halliday (1994)	31

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Concepção tridimensional do discurso em Fairclough (1992).....	22
Quadro 2: Noções-base da TSD em Fairclough (2001).....	24
Quadro 3: Resumo dos tipos de processos em Halliday (1994).....	31

INTRODUÇÃO

No que se refere aos estudos de linguagens, o pesquisador tem assumido a responsabilidade de ultrapassar a observação de redes de relações internas, que se estabelecem entre conjuntos de elementos lingüísticos, e se voltado para o estudo das chamadas *práticas sociodiscursivas*¹. Nessas, a noção de *contexto*² não se restringe ao delineamento de espaços ou circunstâncias de ordem material, mas diz respeito às características organizacionais, ao controle das interações discursivas, e aos aspectos interdiscursivos, ideológicos e socioculturais, que apontam para as finalidades e estratégias comuns aos processos sociocognitivos de produção para interação. Nessa perspectiva, os sujeitos são percebidos não só como falantes, locutores ou interlocutores, mas como *atores* ou *agentes*³ que são influenciados e, ao mesmo tempo, capazes de exercer influência, através da evocação e articulação, de acordo com a situação em que estiverem inseridos, de papéis sociodiscursivos distintos.

Com trabalhos que atendem a essa perspectiva, a Análise do Discurso Crítica (ADC) e a Semiótica Social têm, de forma bem-sucedida, composto diálogos e interfaces com outras áreas de conhecimento e se aproximado de campos consolidados como a Sociologia, a Antropologia e as Ciências Políticas⁴. Nesta pesquisa, por exemplo, recorreremos aos estudos antropológicos para a observação de gênero, identidades sociais, da representação dita étnica ou racial, em reportagens selecionadas da revista *Plástica e beleza* da editora United Magazines, periódico inserido há 10 anos no mercado brasileiro e especializado em estética corporal feminina.

O que propomos é, a partir do estudo da sentença, perceber como o suporte midiático em questão traduz representações assumidas como raciais ou étnicas, e se tais representações sugerem hierarquização de identidades em discurso de temática estético-corporal, destinado às mulheres, o qual levanta e associa beleza física em questões relacionadas à raça e à auto-

¹ Noção básica da ADC, inserida na TDS de Fairclough (1992, p.90), que visa delimitar o *discurso*, além do plano lingüístico, como “prática que contribui para a constituição das diferentes dimensões de estrutura social”.

² Noção que, segundo Fairclough (2001, p.37) corresponde situações, instituições, circunstâncias sociais e culturas que envolvem os falantes no ato da produção do *discurso*.

³ Fairclough (2003a, p. 223) e outros analistas do discurso observam o sujeito como *ator* ou *agente social* – que influenciam e são influenciados. Estes traduzem maneiras de ser, representações e identidades individuais ou coletivas.

⁴ No Brasil, ressaltamos os núcleos de estudo da ADC dos professores Débora Figueiredo e Caldas-Coulthard da UNISUL; Izabel Magalhães da UNB; Luiz Moita Lopes da UFRJ; Sônia Pimenta da UFMG e Viviane Heberle da UFSC; os quais investigam o discurso e questões relacionadas ao gênero, à violência, à raça e etc.

estima feminina. Para consolidar essa proposta, selecionamos a Teoria Social do Discurso (TSD) de Norman Fairclough, a Semiótica Social de Hodge e Kress, a Multimodalidade de Kress e Van Leeuwen e a Lingüística Sistêmico-Funcional de Michael Halliday. Além dos trabalhos de Kress (1997) e Thompson (1995) para a observação dos *atores sociais* e dos *modos de operação da ideologia*.

Tanto da ADC como a Semiótica Social e a Multimodalidade privilegiam, além dos aspectos constitutivos e de interdependência das *práticas discursivas*, a observação de ideologias e mudanças sociais sugestionadas, veiculadas ou travadas no e pelo discurso. Nas 3 propostas, a organização das chamadas *escolhas realizacionais*⁵ constituiu-se em base para percepção ou identificação de estratégias de legitimação de crenças ou de valores sociais sugestionados numa materialidade discursiva ou *paisagem semiótica*.

O *sistema de transitividade*⁶ que compõem *metafunção ideacional* da Lingüística Sistêmico-Funcional de Halliday é base de sustentação para essa investigação. É através desse que queremos identificar e analisar *atributos* e *processos* inseridos em *sentenças* ou *presunções valorativas*; utilizadas para narrar comportamentos, ações ou identificar experiências e características das identidades coletivas mencionadas pela revista e tratadas nessa dissertação.

O trabalho individual de Van Leeuwen (1997), no qual esse analista discute e propõe categorias de representação de *atores sociais*⁷, nos auxilia na identificação de possíveis viabilizações de posturas solidárias, a partir de estratégias de *personalização* e de *encobrimento* de participantes.

⁵ As escolhas realizacionais, modos semióticos ou estruturas de significação não-arbitrária, são mencionadas nos trabalhos (adotados para essa pesquisa) de Fairclough (1997, 2003a), de Hodge e Kress (1988) e de Kress e Van Leeuwen (2001).

⁶ As noções de Halliday (1995) e Fairclough (2003a) utilizadas para a composição desse parágrafo são explicitadas no cap. II dessa dissertação.

⁷ A partir de Van Leeuwen (1997), Fairclough (2003a) menciona 7 categorias de representação de *atores sociais*, entre as quais são citadas: a *personalização* e *impersonalização* de sujeitos. Ambos estudos são trabalhados e mencionados no cap. II e na análise crítica composta nessa investigação.

Já a Teoria Social Crítica de Thompson (1995), através dos *modos gerais de operação ideológica*, nos auxilia na percepção de formas simbólicas, estratégias, de estabelecimento ou sustentação de relações sistematicamente assimétricas de poder ou dominação.

A fim de perceber quais *complexos ideológicos*⁸ que permeiam e sustentam a estrutura macro-social contemporânea, na qual também se insere e solidariza a leitora de *Plástica e beleza*, recorremos aos estudos de Butler (1990, 2003). Filósofa norte-americana, Judith Butler propõe considerar o *gênero* como um modo de subjetivação de sujeitos sociais, ou seja, uma estrutura performativa, constituída através da repetição de atos que tenham alguma correspondência com normas sociais e culturais instituídas. Os trabalhos de Minow (1984), Scott (1990, 1995) e Pimenta (2006) compõem diálogos com os de Butler e também são considerados para o desenvolvimento do capítulo II dessa dissertação.

As noções de “raça” e “etnia”, aqui, consideradas, advém dos estudos sobre identidade e reformulação do racismo em contextos pós-modernos, desenvolvidos por Munanga (1998, 2003). A partir desses, percebemos como diferentes *atores sociais*, coletividades ditas étnicas, atuam em textos; e tentamos responder o que justificaria a operabilidade dessas noções classificatórias num periódico que associa a cirurgia plástica a temas como saúde e auto-estima feminina.

Objetivamos, ainda, identificar se as matérias selecionadas, através da exploração de estereótipos físicos, sugerem hierarquização de tais identidades ou representações humanas. Fazemos isso reconhecendo atributos, valores, objetivos, desejos e comportamentos, sugeridos pela instância produtora, aos grupos de leitoras, em análise crítica da composição e organização de imagens, *sentenças e cláusulas complexas do corpus* a ser apresentado.

Esta dissertação possui uma introdução, 3 capítulos e conclusão. Na introdução, são expostos os objetivos gerais da pesquisa, explicitamos os referenciais teóricos, utilizados para a composição de uma análise do discurso crítica, e explicamos como estudos sobre

⁸ Noção admitida pela ADC e presente nos estudos de *Semiótica Social* de Hodge e Kress (1988, p.46). Os *complexos ideológicos* propiciam a investigação de ideologias inseridas e propagadas no e pelo discurso, as quais representam, sustentam ou modificam relações de poder de uma ordem social existente.

gênero e raça são evocados, e organizados, para atender uma investigação cujo *corpus*, conforme já ressaltado, foi coletado de uma revista feminina que apregoa o consumo de um corpo perfeito e, em reportagens específicas, propõe procedimentos estéticos distintos para leitoras de supostas raças ou etnias distintas.

Ao término dessa exposição inicial, fazemos considerações sobre a trajetória da cirurgia plástica de cunho estético-corporal no Brasil, país que, segundo a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP), assume, atualmente, o 2º lugar do mundo, em número, nesse tipo de procedimento médico especializado, e discorremos, ainda, sobre a estrutura de subjugo e inferiorização de representações sociais que correspondem às hierarquias baseadas na supervalorização de um estilo dominante admitido como padrão.

“Pressupostos teóricos” é composto de uma visão sobre o cenário teórico constituído. Nele, são apresentados os conceitos, as teorias e modelos, aparatos metodológicos, que subsidiam as reflexões visual-lingüístico-discursivas elaboradas nesse trabalho. Concedemos destaque ao modelo de Norman Fairclough para análise de *eventos discursivos*, abordamos as noções-base *texto*, *práticas discursivas* e *práticas sociais* e, a fim de auxiliar na descrição das estratégias utilizadas pela instância produtora na composição do *corpus* selecionado, destacamos o *significado acional* demarcando a distinção entre *gênero*, *pré-gênero* e *ação*.

Ainda em “Pressupostos teóricos”, atemo-nos ao *sistema de transitividade* de Halliday (1994), destacamos os estudos sobre representação de *atores sociais* de Van Leeuwen (1997) e admitimos esses como ponto de partida para análise das valorações sugestionadas para identidades e estilos, o que corresponde aos aspectos discursivos *maneiras de ser* trabalhadas por Fairclough (2003a). Enfim, apresentamos a Semiótica Social de Hodge e Kress (1988) e a Multimodalidade de Kress e Van Leeuwen (2001). Nessas, vemos que o ato de escolha é feito através de um conjunto de signos que são afirmados ou negados no contexto de uma determinada estrutura. Nesse momento, as noções de *prática social*, *produção*, *complexo ideológico*, *luta hegemônica* e *solidariedade*, validadas também na TSD, são destacadas.

No capítulo II, nos remetemos à *identidade e representação*. Considerando os estudos de Stuart Hall, pontuamos que tais noções não possuem significado fixo ou final. Isso porque é o ser, em sociedade, que atribuí, juntamente com a sua coletividade, significado às coisas e ao mundo. Tal capítulo ainda observa, a partir de Munanga (1998, 2003), como a proposta de hierarquização de valores, usos, costumes e identidades humanas é sugerida pelas noções “raça” e “etnia”, ainda utilizadas para demarcar diferenças, principalmente físicas, nas diversas comunidades do século XXI.

Em número de cirurgias plásticas realizadas, o Brasil perde apenas para os Estados Unidos. Segundo dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, em matéria publicada na revista *Veja*, em exemplar veiculado em julho de 2008, a média desses procedimentos, hoje, é superior a 800 mil por ano. A SBCP ainda revela que a maioria, 60% dessas cirurgias, é de cunho estético. As mulheres representam 81% do total estimado e 13% dessas são jovens entre 14 e 18 anos. Tais procedimentos são realizados, em sua maioria, em hospitais e cerca de 16% deles são feitos em clínicas especializadas. As lipoaspirações lideram o segmento de intervenções estéticas, seguida pelas cirurgias para implantes de silicone na mama, na face e no abdômen, respectivamente.

No que corresponde à *prática social*, a possibilidade de vislumbrar, por trás de um discurso midiático, a propagação de ideologias que sustentam categorizações de supostas heterogeneidades, faz com que esta pesquisa contribua para a atual reflexão a respeito de conhecimentos e crenças tradicionalmente internalizados, em *status* de naturalização, na sociedade neoliberal do século XXI. Dessa maneira, pretendemos atentar para a estrutura de subjugo e inferiorização de representações sociais que correspondem às hierarquias, relações de poder, baseadas na supervalorização de um estilo dominante, mas de baixa reincidência, e, ainda, identificar o estímulo ao reconhecimento, à solidariedade, a partir de um outro, legitimada.

Nesse contexto, a mídia se firma como sistema multifacetário e polivalente que, ao desempenhar suposta função informativa, presta solidariedade ao sistema econômico em que se propõe atuar, além de estabelecer e contribuir, de maneira significativa, para a legitimação de padrões subjetivos, ocultando o real caráter sócio-histórico desses padrões.

Em seguida, no capítulo I, nos atemos às teorias dos estudos de linguagens que subsidiaram a nossa pesquisa.

CAPÍTULO I
PRESSUPOSTOS
TEÓRICOS

1.1. A TEORIA SOCIAL DO DISCURSO

A Teoria Social do Discurso (TSD), proposta pelo britânico Norman Fairclough na década de 1990, volta-se para a observação da linguagem como prática articulada no contexto social, que sugere ou traduz representações, relações sociais e identidades, propiciando a manutenção, a quebra ou a reformulação de sistemas de conhecimento e crença.

De caráter transdisciplinar, a teoria de Fairclough operacionaliza a concepção da *linguagem* como modo de interação e produção social a partir dos estudos de Bakhtin (1997, 2002) sobre *gêneros discursivos* e *dialogismo*. É a partir dessas duas noções que a TSD observa os discursos como parte de uma cadeia ativa e sugere a caracterização do *espaço de luta hegemônica* – lugar onde circulam normas discursivas e ideológicas sob as quais os sujeitos se qualificam – como conceito referencial para observação e análise de contradições sociais e disputas pelo poder legitimadas através da linguagem, das escolhas dinamizadas pelo sujeito no momento da constituição de eventos sóciodiscursivos.

A TSD percebe o *discurso* como a linguagem em uso, um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação.

Segundo Fairclough (1992, p. 90, 91),

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.

A análise do discurso crítica une a análise de texto, do discurso e da estrutura social. Para o analista britânico em questão, não é possível um entendimento real dos efeitos de um

discurso, no contexto social, sem se observar de perto o que acontece quando pessoas falam ou escrevem.

Fairclough (1997, p.80) afirma que “o conceito de *hegemonia* implica o desenvolvimento – em vários domínios da sociedade civil (...) – de práticas que naturalizam relações e ideologias específicas e que são, em sua maioria, *práticas discursivas*.” A partir de tal noção, a TSD dialoga com os estudos sobre sociedade e modernidade de Giddens (1991, 2002). Nesses, os indivíduos, sujeitos da pós-modernidade, são admitidos como seres ainda direcionados por ícones institucionais, como sacerdotes e sábios que auxiliam na sustentação das relações de dominação. Tais relações podem estar presentes em formas simbólicas próprias da atividade social particular ou adquirir grau de naturalidade, a partir das autoconstruções reflexivas que propiciam a internalização de conceitos e valores dissimulados, aparentemente estratificados. Nesse sentido, Fairclough afirma que a *luta hegemônica* pode ser vista como disputa pela sustentação de um *status* universal que atinge não só o plano material, numa base capitalista, mas também o mental e o social, uma vez que o poder depende da conquista do consenso, atitudes de solidariedade e ideologias assimiladas.

A noção de *ideologia* da TSD é oriunda da TSC, Teoria Social Crítica de Thompson (1995). Esta postula cinco modos gerais de operação que correspondem às noções de *legitimação*, que diz respeito às ações consideradas justas e dignas de apoio; de *dissimulação*, a qual traduz a utilização de estratégias consideradas simbólicas, de negação ou ofuscação de conceitos; de *unificação*, que diz respeito à padronização ou aos símbolos de identificação coletiva para se adquirir solidariedade; de *fragmentação*, a qual corresponde à segmentação de indivíduos e grupos que possam representar uma ameaça a um grupo dominante e a de *reificação*; por meio do qual uma situação transitória é representada como permanente, ocultando, assim, o seu caráter sócio-histórico.

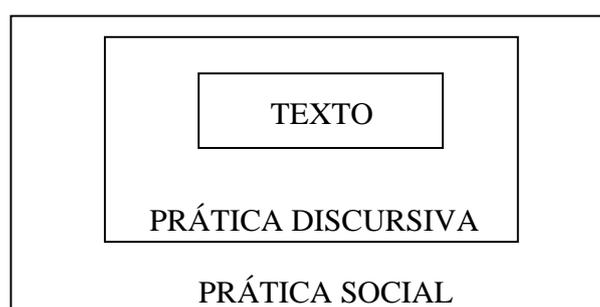
De acordo com Fairclough (2001a, p.12), “as *práticas discursivas* são investidas ideologicamente à medida que incorporam significações que contribuem para manter ou reestruturar as relações de poder”. Ou seja, a *ideologia* é constituída por significações, formas de ver o mundo, que se manifestam em *textos*, contribuindo para manter ou mudar formas de poder. Norman Fairclough (2003a, p.8) afirma que *textos* são elementos de

eventos sociais que ocasionam mudanças casuais ou regulares em percepções, atitudes, valores e relações sociais. Dessa maneira, a análise textual se firma parte essencial, mas não o todo constitutivo, de uma investigação discursiva, na visão da TSD.

Fairclough (2003a) explica, ainda, que *ideologias* são, em princípio, representações. Essas, ao serem legitimadas em *práticas sociais*, são anexadas às identidades dos sujeitos, os chamados *agentes sociais*. A partir dessa ótica, a TSD, percebendo as noções de *metafunções de linguagens* da Lingüística Sistêmico-Funcional de Halliday, propõe uma análise de discurso voltada para três significações: a *representacional*, a *acional* e a *identificacional*, que correspondem às práticas discursivas e, respectivamente, aos modos de representar, agir e ser das esferas de produção e recepção de discurso. O *significado acional* observa o texto como modo de interação em eventos sociais; já o *representacional* enfatiza a representação de aspectos do mundo – físico, mental, social – ; e o *significado identificacional* refere-se à construção e à negociação de identidades no discurso.

1.1.2. O TEXTO, A PRÁTICA DISCURSIVA & A PRÁTICA SOCIAL

Conforme já sugestionado, a ADC desenvolvida por Fairclough propõe que cada *evento discursivo* seja analisado sob três ângulos ou dimensões que se completam: *texto*, *prática discursiva* e *prática social*.



Quadro 1: Concepção tridimensional do discurso em Fairclough (1992)

Tal modelo propicia ao investigador, no momento da análise, o contato com a descrição, interpretação e explicação do evento selecionado. Conforme se sistematiza no quadro disposto na página anterior, a *prática discursiva* (produzir, distribuir e consumir textos) é

uma forma de *prática social*, mas nem toda *prática social* (algo que as pessoas fazem) é uma *prática discursiva*.

A análise do *evento discursivo* como *texto* privilegia a descrição dos elementos lingüísticos, incluindo o léxico, as opções gramaticais, a coesão e a estrutura do texto. Nessa perspectiva, a *prática discursiva* propiciaria a identificação e análise de processos sociocognitivos relacionados a ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares nas diferentes *práticas sociais* realizadas pelo sujeitos.

Resende e Ramalho (2006, p.29) observam que o quadro tridimensional acima, inserido em *Discourse and social change* (1992), foi remodelado, posteriormente, por Chouliaraki e Fairclough (1999). Segundo essas pesquisadoras:

Chouliaraki e Fairclough (1999) mantêm as três dimensões do discurso, contudo de maneira mais pulverizada na análise e com um fortalecimento da análise da prática social, que passou a ser mais privilegiada nesse modelo posterior.

Em suas considerações, Resende e Ramalho (2006) acrescentam que houve, entre os modelos, um movimento do *discurso* para a *prática social*, já que aquele passou a ser visto como um momento dessa.

Nessa perspectiva, ao observar a produção, a distribuição e o consumo dos textos, a análise da *prática discursiva* pode focalizar a recepção e interpretação realizada pelos leitores, buscando discutir a coerência, construções de sentido, as intenções ou força ilocucionária pertinentes, e, ainda, explorar as diferentes vozes e posicionamentos ideológicos a partir das noções como a de *interdiscursividade* e a de *intertextualidade*.

A partir de Kristeva (1969) e Barthes (1969), a *intertextualidade* é percebida como propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto das relações explícitas ou implícitas que um texto ou grupo de textos determinados mantém com outros. É a partir de tal noção que a ADC evoca a *interdiscursividade*. Através dessa, um analista tem a oportunidade de se voltar para a observação da heterogeneidade normal da linguagem escrita ou falada, suas composições ou combinações de gêneros textuais e discursos diversos.

Segundo Fairclough (1992), a dimensão de análise de um evento discursivo como *prática social* deve procurar explicar como o *texto* é investido de aspectos sociais ligados a formações ideológicas e formas de hegemonia. Dessa maneira, efetiva-se uma análise de tradição macrossociológica, com características interpretativas, voltada para a identificação de circunstâncias institucionais e organizacionais do *evento discursivo* e para a percepção de maneiras, estratégias, que moldam a natureza de uma *prática discursiva*.

Em trabalho traduzido em 2001, pela Universidade Federal de Minas Gerais, Fairclough disponibiliza, em quadro, um resumo de noções básicas da TSD; o qual está disposto abaixo, para fechamento do subtópico 1.1 dessa pesquisa.

DISCURSO (substantivo abstrato)	Uso da linguagem concebido como prática social.
EVENTO DISCURSIVO	Instância de uso da linguagem, analisada como <i>texto</i> , <i>prática discursiva</i> , <i>prática social</i> .
TEXTO	A linguagem escrita ou falada produzida num evento Discursivo.
PRÁTICA DISCURSIVA	A produção, distribuição e consumo de texto.
INTERDISCURSIVIDADE	A constituição de um texto a partir de discursos e gêneros diversos.
DISCURSO (substantivo comum)	Modo de significar a experiência a partir de uma perspectiva particular.
GÊNERO	Uso da linguagem associado com uma atividade social particular.
ORDEM DO DISCURSO	Totalidade das práticas discursivas de uma instituição, e as relações entre elas.

Quadro 2: Noções-base da TSD em Fairclough (2001)

1.1.3. AS NOÇÕES DE GÊNERO E PRÉ-GÊNERO PARA A ADC

Na Teoria Social do Discurso, cada prática produz e utiliza *gêneros particulares* que articulam *estilos* e *discursos* de maneira relativamente estável num determinado contexto sociohistórico e cultural. Fairclough (2003a, p.65) afirma que “*gêneros* são o aspecto especificamente discursivo de maneiras de ação e interação no decorrer de *eventos sociais*”. Assim, quando faz-se uma análise de um texto ou de interações em termos de gênero, procura-se entender como tal materialidade figura, envolve diferentes agentes que o produzem e consomem (lêem e interpretam) e, ainda, como essa contribui para ação social e interação em eventos sociais.

Fairclough (2003a, p.66) considera que alguns *gêneros* pressupõem padrões composicionais rigorosos e outros são mais flexíveis. O analista acrescenta que tais estruturas também variam em relação aos níveis de abstração. Nessa perspectiva, Fairclough (2003a) distingue os *pré-gêneros* dos *gêneros situados*. Os primeiros, conceito resgatado de Swales (1990), são categorias mais abstratas, que transcendem redes particulares de práticas sociais e que atuam na composição de diversos *gêneros situados*. Narração, argumentação, descrição e conversação são *pré-gêneros* no sentido de que são potenciais abstratos, próximos e passíveis de serem alçados na composição de diversos tipos de texto.

Gêneros situados, por outro lado, são categorias menos abstratas, utilizadas para definir *gêneros* que são específicos de uma rede de *prática particular*, segundo propõem Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 56), “um tipo de linguagem usada na performance de uma *prática social* particular”. No caso do *corpus* dessa pesquisa, a *prática particular*, midiática, em análise tratam-se de exemplares de *gênero situado*: reportagem. Este se traduz como ato de comunicação midiática que, convencionalmente, é produzido para dissolver ou suprir a ignorância da instância pública em relação aos acontecimentos ou assuntos diversos. Nesse contexto, ao se assumirem produtores de um periódico especializado em estética corporal feminina, os sujeitos enunciadore de *Plástica e beleza* consolidam uma identidade socioinstitucional de autoridade perante o leitor e o contexto de que fazem parte e atuam.

1.1.4. VALORAÇÃO DE ESTILOS E IDENTIDADES

Em *Analysing discourse* (2003a, p.223), Fairclough afirma que *estilos* são identidades, e, por isso, estão ligados à utilização de *nominalizações*, ou *nomes*, que melhor traduzem maneiras de ser. No que se remete ao estudo dos processos de identificação de sujeitos, como pessoas identificam elas mesmas ou são identificadas por outra, a TSD prevê uma ADC além do processo textual de significação e destaca os efeitos constitutivos do discurso. Nessa perspectiva, os estudos sobre representação desenvolvidos privilegiam, no momento da análise, as identidades dos agentes inseridos no evento discursivo, considerando, assim, os aspectos sociais e particulares que envolvem esses falantes.

Estilos são percebidos em uma cadeia de traços lingüísticos e não-lingüísticos. Eles constituem o aspecto discursivo de identidades, ou seja, relacionam-se à identificação de *atores sociais*, os *agentes sociais* em ação. Tal processo de identificação relaciona-se às maneiras como a sociedade promove classificações e sustenta sistemas legitimação de valores.

Fairclough (2003a, p.171) afirma que *avaliação* pode ser implícita ou explícita e se subdivide em 4 categorias: *sentenças valorativas*, *sentenças com modalidades deôntica*, *sentenças com processo verbal afetivo mental* e *presunções valorativas*. As *sentenças valorativas* são compostas a partir de *processos relacionais*. Nesses casos, o elemento valorativo é, normalmente, um atributo, um adjetivo ou uma frase nominal. Entretanto, há casos o verbo ou o advérbio assumem conotações valorativas como nas sentenças: “Ele acovardou-se” ou “Ele compõe brilhantemente”.

Ressaltamos que a TSD resguarda a relatividade do discurso e ressalta que as *sentenças valorativas* podem ser desejáveis ou não-desejáveis. Por exemplo, na frase: “Ela é comunista”, o *atributo* é julgado como *presunção valorativa* positiva ou negativa de acordo com a impressão particular de um falante.

Segundo Halliday (1985, p.75), *polaridade* é a escolha entre o positivo e o negativo, como na oposição “é / não é”, e *modalidade* é “o julgamento do falante sobre as probabilidades ou obrigatoriedades envolvidas no que se diz”, ou seja, as possibilidades intermediárias entre sim e não, os tipos de indeterminação situados entre os chamados polos. Nesse contexto, para o caso das escalas de obrigatoriedade e inclinação, Halliday (1985, p.86) sugere o termo *modulação*. Entretanto, na perspectiva da ADC, Fairclough (2003, p. 168) agrega a categoria de *modulação* à *modalidade*. Para ele, esta está relacionada ao quanto as pessoas se comprometem quando elaboram *afirmações*, *perguntas*, *demandas* e *ofertas*. *Afirmações* e *perguntas* referem-se à troca de conhecimento (à troca de informação de Halliday); e *demandas* e *ofertas* à troca de atividade (a troca de bens e serviços de Halliday), sendo que todas essas funções discursivas estariam relacionadas à *modalidade*.

As *presunções valorativas* são os casos em que a avaliação não é engatilhada por marcadores relativamente transparentes de avaliação, ou seja, os valores estão mais profundamente inseridos nos textos e a construção de significado depende do que está implícito – o que está presumido. Segundo Fairclough (2003, p.58), as relações de poder são mais eficientemente sustentadas por significados, amplamente, como tácitos.

No caso das *sentenças com processo verbal afetivo mental*, diz-se que as avaliações são de caráter afetivo porque são geralmente marcadas pela subjetividade; presentes em estruturas, como “Eu gosto disso” ou “Eu adoro aquilo”, que auxiliam no processo de identificação de *afinidade*. Esta pode ser *baixa* ou *alta* em relação ao sistema em que é inserida. Segundo Hodge & Kress (1988, p.123), um alto grau de afinidade indica uma maior *solidariedade* entre *participantes*, *agentes sociais*, e uma modalidade menor. Já um baixo grau de afinidade indica uma *solidariedade* menor e um maior grau de poder na relação de um *participante* com um outro.

1.2. A LINGÜÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL DE HALLIDAY

Na introdução de *An introduction to functional grammar*, Halliday (1994, p. 13) afirma que a perspectiva sistêmico-funcional percebe a interpretação a partir do texto, do sistema e dos elementos das estruturas lingüísticas. Nesse contexto, tal proposta privilegia a investigação da linguagem em uso, os significados motivados por essa e a organização de sentenças ou frases selecionadas por um indivíduo no momento de fala ou escrita.

Halliday (1994, p.13) observa que “todas as linguagens são organizadas em torno de duas principais maneiras de significado, o ‘ideacional’ ou reflexivo, e o ‘interpessoal’ ou ativo.” Assim, a língua é um construto essencialmente social que possibilita ao falante a expressão de uma série de significados prováveis, *escolhidos* conscientemente, ou não, pelo usuário, dentro de uma cadeia sintagmática que, relacionada às variações de contexto, produz significados diferentes, os quais se organizam estruturalmente em um mecanismo lingüístico, a gramática, cujo papel é unir as seleções feitas de forma sistematizada, organizando-as.

Em sua proposta, Halliday (1994) trabalha o conceito de *metafunções de linguagem* e afirma que essas ocorrem simultaneamente. A *metafunção interpessoal* corresponde à relação com o outro, ou seja, à realização em que há troca entre falante e ouvinte, com relação aos papéis da fala; já a *metafunção ideacional* diz respeito à representação e codificação na língua de experiências de mundo e a *metafunção textual* se remete às relações dentro do próprio enunciado ou entre o enunciado, a situação e a organização do conteúdo.

Na *metafunção interpessoal*, a realização se dá através do sistema MODO, que organiza a sentença em dois componentes: o *modo oracional*, constituído pelo *sujeito* – aquele que é responsável pela validade da proposição, pelo *finito* – ligado às relações modais e temporais da proposição - e o *resíduo*, composto de *predicador*, *complemento* e *adjuntos* – partes constituintes do grupo verbal, essenciais para completarem o sentido da proposição.

Na *metafunção ideacional*, a realização se dá através do *sistema de transitividade* que é composto de três elementos: *participante*, *processo* e *circunstâncias*. Na *metafunção textual*, a organização da mensagem ou conteúdo é concretizada por uma estrutura dividida em duas partes: o *tema*, que é o ponto de partida da mensagem, e o *rema*, onde o *tema* é desenvolvido.

Como nos interessa identificar e analisar atributos, valores, ações e comportamentos relacionados de *participantes* sugeridos nas reportagens de *Plástica e beleza*, utilizamos, como base de sustentação dessa investigação, o *sistema de transitividade* da *metafunção ideacional*. É partindo desse instrumento para análise de sentenças que tentamos perceber supostas hierarquizações de identidades coletivas no *corpus* coletado para essa dissertação.

1.2.1 A METAFUNÇÃO IDEACIONAL: O SISTEMA DE TRANSITIVIDADE

Para Halliday (1994, p.106), as diferentes representações lingüísticas de significado e interpretações da realidade se realizam dentro de um *sistema de transitividade*, o qual se distribui em tipos de *processos* (construções verbais), a partir de três elementos: o *participante*, ou grupo nominal, aquele que realiza a ação ou é afetado por ela; o *processo*, ou grupo verbal, que é a ação propriamente dita; e as *circunstâncias*, ou grupos opcionais como os adverbiais ou preposicionais.

Halliday (1994) afirma que há três tipos de *processos* principais: *material*, *mental* e *relacional* e três tipos de processos intermediários: *comportamental*, *verbal* e *existencial*. O esquema disposto na página seguinte estabelece os tipos de *processos* e o tipo de significado veiculados em cada um deles. Nele, é possível observar que os *processos materiais* relacionam-se às experiências externas, às ações no mundo físico; os *processos mentais* estão ligados às experiências do mundo interior, dos pensamentos e das emoções; os *relacionais*, às relações de identificação e à classificação.

Os processos intermediários encontram-se na fronteira entre os principais. Os *comportamentais* encontram-se entre os *materiais* e os *mentais*, e dizem respeito às

manifestações externas do mundo interior, e os *verbais*, entre os *mentais* e os *relacionais*, e representam relações simbólicas exteriorizadas através da linguagem. Já os *existenciais*, como o próprio nome já indica, encontram-se no simples fenômeno da existência.



Figura 1: Os tipos de processos (Halliday, 1994)

De forma objetiva, o quadro 3 na página seguinte mostra os diferentes *processos* e principais *participantes* do *sistema de transitividade* de Halliday. Ressaltamos que, embora essa pesquisa busque perceber valorações relacionadas às representações e identidades no discurso, o que está diretamente associado a identificação de *sentenças valorativas*, nas quais evidenciam-se *processos relacionais*, *valores* e *atributos*, os outros tipos de *processos* e *participantes* são importantes e também percebidos durante a análise do capítulo III. Isso porque *presunções valorativas* podem ser percebidas em *expansões de sentenças complexas* ou até mesmo em modalizadores adverbiais, indicadores de circunstâncias de *sentenças simples*, como já mencionamos anteriormente.

Processos	Categoria de significado	Participantes
Material: Ação Evento	Fazer Fazer Acontecer	Ator Objeto
Comportamental	Comportar-se	Comportante Extensão
Mental: Percepção Afeição Cognição	Sentir Ver Sentir Saber	Experienciador Fenômeno
Verbal	Dizer	Dizente Alvo
Relacional	Ser/Estar Atribuir Identificar	Portador, Atributo Identificado, Identificador Valor, Característica
Existencial	Existir	Existente

Quadro 3: Resumo dos tipos de processos (Halliday, 1994)

1.3. A REPRESENTAÇÃO DE ATORES SOCIAIS

Em sua Gramática Sistêmico-Funcional, Halliday (1994, p.33) define *ator* como sujeito lógico, o agente da ação, cujas atividades e relações constituídas não são meramente simbólicas ou restritas a um nível gramatical. Na *Gramática do design visual*, Kress e Van Leeuwen (2001a., p.62) trabalham essa mesma noção para propor, em narrativas de representação, a análise do *desing da ação social*.

Na Multimodalidade, na Semiótica Social e em outras teorias que compõem diálogo com a ADC, um *ator* pode ser representado não de forma supostamente usual, através de um *nome*, que traduz certa identidade única, mas por sua atividade ou outros modos que presumem julgamentos acerca do que são ou do que fazem. Dessa maneira, a análise de representações pode ser útil no desvelamento de ideologias em diferentes textos e interações.

Van Leeuwen (1997, p.219) apresenta uma descrição, classificação sociosemântica minuciosa de *atores sociais* - indivíduos que ao atuar assumem identidades e papéis sociais, sendo capazes representar e legitimar valores particulares ou universais. Segundo esse analista, um *ator* pode ser ou ter sua atuação ofuscada ou enfatizada de acordo com o objetivo da esfera produtora em relação ao receptores do discurso.

Fairclough (2003, p. 145-146) ressalta, entre as categorias legitimadas nos trabalhos de Van Leeuwen (1997), 7: *inclusão e exclusão*; de *pronomes* e de *nomes*; *função gramatical*; *ativada e passivada*; *pessoal e impessoal*, de *nome e classificação*, *específica e genérica*.

A categoria de *exclusão* pode se dar por *supressão* ou *encobrimento*. Na primeira, não há qualquer referência aos participantes em qualquer parte do texto. Isso se daria por recursos de construção gramatical como, por exemplo, uso de *nominalizações* e orações infinitivas funcionando como participante gramatical, apagamento de beneficiários e outros. Já no *encobrimento*, o ator está situado em segundo plano. Neste grupo, as identidades podem não ser mencionadas diretamente em relação a uma dada atividade, mas são aludidas em outro lugar no texto. Elipses em orações infinitivas formadas com gerúndio ou participípio são exemplos de *encobrimento*.

Na categoria de *ativação*, os atores sociais são representados como forças ativas e dinâmicas em uma atividade. Através dela, percebe-se “quem faz e a quem faz”. Na categoria de *passivação*, os atores sociais são representados como *meta*, ou seja, são os receptores finais da atividade.

A categoria *impersonalização* é diferente das demais que representam os *atores sociais* como seres humanos. Nesse grupo, faz-se uso de substantivos abstratos ou concretos cujos significados não incluem a característica semântica "humano". Fairclough (2003, p.146) trata a *impersonalização* a partir da expressão-exemplo: “the filth”, “os imundos”, nomeação reconhecidamente britânica para se referir aos policiais ingleses.

Entre as formas de *personalização*, Fairclough (2003, p. 145-146) destaca as categorias de *nome* e *pronome*, nas quais cabe a distinção entre as pessoas do discurso e a utilização de substantivos; a categoria *função gramatical*, que corresponde, por exemplo, à relação *ator* e *afetado* dentro de uma *circunstância* ou à utilização de pronomes possessivos, e ainda as de *nomeação* e *classificação*; *generalização* e *especificação*.

Na *nomeação*, há utilização de nomes próprios (sobrenome, nome, abreviações, letras ou nomes) e, na *classificação*, os *atores sociais* são organizados em subcategorias, normalmente grupos nominais, firmadas a partir de critérios institucionalizados como idade, sexo, origem, classe social, riqueza, raça, etnicidade, religião, orientação sexual, entre outras.

Generalização e *especificação* são formas de *personalização*. Nessas ou atores podem ser representados como classes ou como indivíduos específicos e identificáveis. Sobre essas categorias, Fairclough (2003, p.146) explica:

Quando atores sociais são classificados, eles pode ser representados especificamente ou genericamente – por exemplo ‘os médicos’ pode se referir a um grupo específico de médicos (aqueles que trabalham em um hospital particular), ou à classe de médicos em geral, todos os médicos (‘os médicos vêem eles mesmo como deuses’).

Ressaltamos que Van Leeuwen (1997) prevê outras subcategorias associadas à representação de atores sociais que são evocadas e mencionadas, nessa pesquisa, se necessário, a partir da análise *corpus* coletado.

1.4. A MULTIMODALIDADE

De acordo com os historiadores, o advento da escrita corresponde ao 4º milênio a.C. Entretanto, sabe-se que os registros, através de códigos lingüísticos, é posterior aos registros visuais, não-verbais; tal fato revela que, num passado distante, a sociedade e suas respectivas ações ou relações tinham, em suas bases, um provável sistema de comunicação centrado em imagens, gestos ou outros tipos de manifestações icônicas efetivas de linguagem. Esse sistema, no decorrer da história, cedeu espaço ao verbal, logocêntrico, hoje predominante.

Entretanto, na contemporaneidade, a utilização de recursos multimídia - modalizações lingüístico-discursivas de cunho audiovisual -, que caracterizam as ações capitalistas do século XXI, são capazes de convencer e seduzir de forma tão ou mais eficiente que as de cunho verbal. Prova disso são as intensas campanhas publicitárias e, até mesmo políticas, que abusam de imagens de objetos, lugares, pessoas e vinhetas para impactar o leitor e transformá-lo num consumidor em potencial de produto ou num propagador de um estilo de vida.

Tais imagens, além de explorar recursos arquitetônicos como perspectivas, tonalidades e enquadramentos, ao tentar constituir um discurso possível ou verossímil, acabam por sugerir manutenção ou reestruturação de relações humanas, identidades individuais ou coletivas, ou de papéis psicosociodiscursivos diferentes.

Dispostos a auxiliar na investigação de manifestações de linguagens para além do código lingüístico, Kress & Van Leeuwen desenvolveram a Multimodalidade. Nessa, conforme expõe Pimenta (2006, p.72), o *evento discursivo* é constituído por diversos *modos semióticos*, isto é, unidades de significação não-arbitrárias, mas reconstrutivas, que, organizadas, constituem uma determinada *paisagem semiótica* – noção do discurso multimodal que diz respeito ao ato, à ação ou ao evento comunicativo efetivo, que corresponde não só à materialização escrita, mas, também, à de ordem gestual, visual ou oral.

Para analisar os discursos inseridos nos diversos gêneros de linguagem, Kress & Van Leeuwen (2001) - a partir da Linguística Sistêmico-Funcional- elaboram a *Gramática do design visual*. Nessa, os constituintes da gramática proposta por Halliday são transpostos para o campo visual. Dessa maneira, no que se remete à transitividade, Kress & Van Leeuwen consideram, por exemplo, a narratividade presente ou sugerida em imagens e, a partir de uma perspectiva *ideacional*, observam e categorizam *participantes*, sujeitos envolvidos num *evento discursivo* imagético; os *processos*, ações experimentais, possíveis e representadas; e as *circunstâncias*, caracteres delimitadores, pertinentes às atividades desenvolvidas, além de critérios subjacentes, associados à organização e às *escolhas realizacionais*.

Ressaltamos que a Multimodalidade mantém diálogo com a Teoria Social de Fairclough e com a Semiótica Social de Hodge & Kress, ao procurar analisar como a linguagem traduz relações sociais, identidades, além de sistemas de conhecimento e crenças. Nessa perspectiva, o indivíduo falante influencia e é influenciado pelas *comunidades discursivas* nas quais atua, faz uso e está sujeito aos *sistemas logonômicos* – conjuntos de regras que prescrevem as condições de produção e recepção de significados – e é exposto aos *complexos ideológicos*, responsáveis pela manutenção das chamadas relações de controle social e de solidariedade que, por sua vez, tendem a aceitar, contemplar ou romper com as ações languageiras convencionais e eleger, ou discriminar, os eventos que transgridem as *regras logonômicas* já previamente institucionalizadas.

Salientamos que, na estruturação do modelo de análise multimodal, Kress & Van Leeuwen mencionam quatro domínios de prática nos quais se efetivam as relações entre os sujeitos e a organização de possíveis significados: o do *discurso*, que diz respeito à tradução ou representação, ao conhecimento e aos valores inseridos na sociedade; o da *produção*, que remete à estruturação e à organização de mensagens; o da *distribuição* que corresponde ao meio possível de veiculação; e o do *design*, que consiste na escolha dos já mencionados *modos realizacionais*.

Dessa maneira, evidenciamos que perceber os níveis da representação e da comunicação envolvidos nas relações humanas e os significados possíveis nas manifestações discursivas, traduz-se em um dos objetivos da proposta multimodal australiana. Entretanto, observamos que essa não percebe os parceiros envolvidos no processo comunicativo, o contexto e nem as noções pertinentes às atividades discursivas como fixas e estáveis, mas, ao contrário, admite que a formação de significados é dinâmica e de múltiplas articulações. Tal percepção é sugerida, inclusive, na noção de *potencial semiótico*, mencionada em Kress e Van Leeuwen (2001, p.42) que permite a um analista de discurso, durante o estudo de um *corpus*, vislumbrar ou sugerir, mas não estratificar, o que é dito, o como é dito e as significações dos recursos semióticos utilizados em uma situação comunicativa constituída.

1.5. A SEMIÓTICA SOCIAL

A Semiótica é a ciência da interpretação de signos na sociedade. Segundo Pimenta (2001), ela baseia-se na capacidade inata do cérebro de produzir transformações mentais a partir das nossas experiências corporais e de codificá-las em forma de signos ou sistema de signos. A chamada Semiótica Social, de base australiana, tem os trabalhos de Hodge & Kress (1988) como precursores. Nos estudos desses autores, privilegia-se a observação da *semiose* – processo semiótico – e dos efeitos da produção, reprodução e circulação de significados usados, de forma variada, pelos diferentes agentes da comunicação. Tais agentes correspondem aos diversos papéis sociais legitimados, tais como pais, professores, sacerdotes e artistas de televisão. Estes, quando dispõem de grande aceitação popular, têm seus comportamentos, estilo de vida, seus valores e até suas interpretações reproduzidas ou solidarizadas pelo grande público. Cientes disso, agências de publicidade, por exemplo, recorrem, freqüentemente, aos artistas de maior evidência e, reconhecendo-os como formadores de opinião que realmente são, através de textos apelativos ou da simples exibição de suas imagens, garantem o sucesso de eventos, produtos, promoções e campanhas de cunho diversos, até mesmo as de caráter assistencialista.

É através de *agentes sociais*, sejam essas personalidades famosas, educadores, profissionais habilitados ou não, que a Semiótica percebe a propagação de valores, crenças e o reconhecimento de outras identidades, nas diferentes comunidades discursivas e suas respectivas instituições. Dessa maneira, os conhecimentos diversos, traduzidos em ações, propiciam, conforme já foi sugerido, o processo contínuo de legitimação - ou de resistência - de noções subjetivas percebidas, padronizadas ou classificadas pela coletividade como certo ou errado, leal ou fraudulento, marginal ou de boa estirpe.

Na chamada Semiótica Social australiana, diferentemente da Escola de Praga e da Escola de Paris, o interesse que permeia as relações humanas e os discursos hegemônicos sustentados através das manifestações sociais são privilegiados. As relações de poder e as estratégias capazes de seduzir ou persuadir uma macrosfera destinatária, a partir da conservação de ideologias dominantes modalizadas, são focalizadas ou investigadas. Entretanto, ressaltamos que, em relação ao suporte lingüístico-teórico, a Semiótica Social

parte, como acontece em outras escolas, da noção de *signo* e *significado* advinda de Saussure (1975).

Porém, Hodge & Kress não percebem o signo a partir de uma noção centrada em impressões de cunho psíquico e arbitrário; pelo contrário: tais semioticistas ressaltam que significações são motivadas pela interação da *estrutura sintagmática* – que corresponde ao nível da sentença – e da *estrutura paradigmática* – que corresponde às escolhas discursivas.

As noções de *prática social*, *produção*, *complexo ideológico*, *luta hegemônica* e *solidariedade*, validadas na Teoria Social do Discurso, também são assimiladas nos estudos de Hodge e Kress. Tais conceitos fluem de uma ótica marxista, em que o mundo material e social implicam formas de organização que propiciam, na sociedade do século XXI, por exemplo, a manutenção de desigualdades, a centralização de poder, a partir da concentração de renda, ou valores, e de bens legitimados pelo uso da força, e, principalmente, conforme é enfatizado por esta pesquisa, pela propagação de ideologias de controle que modalizam o comportamento dos sujeitos, a fim de validar as estruturas de dominação.

Tal sistema é sustentado pela ação contínua da esfera dominante que, ao se assumir como instância de produção do discurso, ciente das posturas de solidariedade ou resistência possíveis e projetadas pela esfera de recepção, no momento da estruturação comunicacional, promove *escolhas realizacionais* coniventes com seus objetivos e com *design* eficiente que atinjam a esfera do desejo, permitindo a assimilação de mensagens e de seus respectivos conteúdos. Tais escolhas, *modos semióticos*, de acordo com Pimenta (2006, p.74), podem ser qualquer marca, qualquer movimento corporal ou símbolo, usados para expressar pensamentos, informações ou ordens.

CAPÍTULO II

IDENTIDADE &

REPRESENTAÇÃO,

GÊNERO & RAÇA

Em seus estudos culturais, Hall (1995, p. 28) admite que não existem *identidades* fixas ou permanentes. Ele afirma que o “eu” é constituído na relação com o outro, ou seja, que as representações de pessoas, objetos e eventos no mundo não apresentam qualquer significado fixo ou final. Nesse perspectiva, é possível afirmar que os *eventos discursivos*, as práticas sociodiscursivas, *gêneros* e *participantes* não são passíveis às estratificações e são mutáveis de uma cultura ou de um período para outro.

Considerando que os indivíduos, de alguma maneira, se posicionam quando sujeitados a discursos, o autor de *Quem precisa de identidade?* percebe a linguagem como o elo de ligação entre mapas conceituais, o veículo pelo qual as representações são traduzidas e organizadas em signos, e as *práticas discursivas* como movimento que legitima, num determinado contexto, o falante, *sujeito social*.

Sobre a constituição do *sujeito* e da *identidade*, a partir de *eventos discursivos*, Hall (2000, p. 111, 112) explicita:

Utilizo o termo identidade para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, de um lado, os discursos e as práticas que tentam nos interpelar, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constróem como sujeitos aos quais se pode falar. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições de sujeito que as práticas discursivas constróem para nós. Elas são o resultado de uma bem-sucedida articulação ou fixação do sujeito ao fluxo discursivo.

Corroborando esse pensamento de Stuart Hall, Kathryn Woodward (2000, p.17), explica que a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido a nossa experiência e aquilo que somos.

Ao entendê-las como assumidas e incorporadas, tanto Hall quanto Woodward admitem que *identidade e representação* envolvem atitudes de julgamento, classificação, inclusão, exclusão de indivíduos e coletividades, e que quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar uma identidade.

Em trabalho posterior, Hall (2005, p.17) destaca, mais uma vez, a subjetividade que permeia as identidades e afirma que essas

vão se construindo a partir de uma gama de relações que se estabelecem entre gêneros, gerações, etnias, classes: as pessoas têm determinado gênero, podem pertencer a uma mesma geração ou etnia e circular em diferentes classes sociais. Todas essas categorias, reunidas em uma pessoa, colocam-na em diferentes relações com seus pares, o que torna difícil definir uma identidade, conduzindo-nos a buscar uma espécie de lógica de produção de subjetividade.

Hall argumenta que, no contexto pós-moderno, as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é percebida como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processo culturais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma suposta ancoragem estável no mundo social.

Bourdieu, em *O poder simbólico* (1998b, p.108), também se detém na construção das noções *identidade e representação*. Nesse seu trabalho, o pesquisador afirma que a *representação* tem o poder de construir uma realidade na medida em que ela pode contribuir para produzir aquilo por ela descrito e designado. Para esse autor, as representações podem ser tanto *mentais* quanto *objetais*. As primeiras são os atos de percepção, de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e seus pressupostos. As representações *objetais*, por sua vez, ganham materialidade em coisas (bandeiras, insígnias, livros, etc.) ou atos (manifestações públicas) que objetivam organizar, manipular e sancionar as imagens mentais.

Bordieu (1988b, p. 369) percebe que, enquanto representação, a *ideologia* é uma tentativa de fixar o significado, de estratificar no meio social um dado sentido particular, interrompendo a “infinita semiose da linguagem”. Tal pesquisador, considerando os estudos de Stuart Hall, assume que a formação de identidades está envolvida numa luta simbólica, tácita, na qual o poder simbólico se traduz na capacidade de um grupo, por exemplo, impor um determinado significado a outro. Nesse sentido, a representação é constituída a partir do lugar do outro, ao longo de uma falta e das divisões sugeridas pela presença de um não-idêntico.

Em seus estudos sobre relações sociais, signo e representatividade, a pesquisadora Sônia Pimenta (2006) afirma que a pesquisa voltada para identidade e representação traz uma complexidade de assuntos a serem tratados e envolve diversas dimensões, incluindo física, emocional, cognitiva, moral e social. A analista observa que, no contexto atual, no qual o foco de investigações passou a se reter em práticas individuais em minorias, muitos lingüistas e analistas do discurso passaram a perceber a investigação social não só como uma contribuição, mas uma necessidade. Nessa perspectiva, a Pragmática, a Análise do Discurso Crítica e a Semiótica Social têm levantado, em diferentes trabalhos, questões fundamentais sobre as conseqüências e implicações do uso lingüístico e das diferentes formas de linguagens em nossas interações humanas.

2.2. GÊNERO

Segundo Pimenta (2006, p.60), a pesquisa sobre relações de *gênero* e conceito sociocultural de papéis sexuais encontram-se em uma quarta década e a suas repercussões nos meios acadêmicos têm aumentado nos últimos anos. A analista afirma que as questões do feminino e do poder na sociedade têm atingido diversas áreas do conhecimento, como a filosofia, a política, a história, a literatura, os estudos culturais e de mídia, o cinema, a antropologia, a saúde e a política social, o direito e a criminologia. Em seus diferentes percursos, tais estudos têm percebido a linguagem como veículo para a legitimação de crenças, valores e identidades.

Pimenta (2006, p.61) afirma que

as teorias feministas e culturais contemporâneas colocam a linguagem em uso como um tema central de suas investigações. A linguagem é nos dias de hoje, portanto um assunto político. Isso porque ela é um componente essencial em qualquer cultura humana. Ela codifica os valores e as preocupações dos grupos sociais, transmitindo-os para as próximas gerações. Além do mais, é através das práticas discursivas que nos constituímos como sujeitos e nossas identidades são estabelecidas.

Nesse contexto, a pesquisadora incentiva a realização de estudos sobre *gênero* que focalizem a análise multimodal. Ela alerta que tais investigações são ainda incipientes e praticamente inexistentes.

Para essa análise crítica, são mencionados os trabalhos de Butler (1990, 2003) e Scott (1995). Em comum, tais estudos situam a sexualidade além da esfera física ou biológica. Percebem-na como construção social que se remete às funções ou aos comportamentos-padrão que auxiliam a um indivíduo, no contexto em que esse estiver inserido, à identificação, aceitação e ao reconhecimento, em relação a determinado gênero.

A visão de Judith Butler (2003, p.29) sobre *gênero* difere de teorias feministas que, embora delineiem a identidade feminina a partir o contexto cultural, situam a noção de *sexo*, como construção naturalmente adquirida. Ressalta-se que essas teorias as quais se firmaram na distinção *sexo* e *gênero* impulsionaram estudos engajados. Esses defendiam perspectivas “desnaturalizadoras” sob as quais, para muitos pesquisadores, se constituía, no senso comum, a associação do feminino discriminado como frágil e submisso.

A filósofa norte-americana quis retirar da noção *gênero* a idéia de que este decorreria do *sexo* e discutir em que medida tal distinção torna-se arbitrária. Segundo Butler (2003, p.45), aceitar o *sexo* como um dado natural e o *gênero* como um dado construído, determinado culturalmente, seria aceitar também que esse último expressaria uma essência

do sujeito. Ela defendeu haver nessa relação uma suposta “unidade metafísica”; na qual se diz que um eu verdadeiro é simultâneo ou sucessivamente revelado no sexo, no gênero e no desejo.

Em *Gender trouble, feminism and the subversion of identity*, Butler (1990a, p.29) argumentou que o gênero seria um fenômeno inconstante e contextual, que esse não denotaria um ser substantivo, mas corresponderia a “um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes”. A pesquisadora propõe a idéia gênero como *efeito*, e não a partir de um sujeito centrado. Ela afirma que aceitar essa concepção seria admitir que a identidade, dita, para outros, essência, são expressões e não um sentido restrito ou uma interpretação, em si, de um sujeito.

Dando seqüência às críticas aos estudos e às propostas chamadas feministas, Butler (2003) alerta que seria válido considerar que as legitimações de gênero e de identidade contribuem para as relações de poder e solidificam hierarquias sociais. Scott (1999, 2001) e Minow (1984) também admitem que diferentes identidades são constituídas por ações e valores distintos, os quais tendem a julgamento e hierarquização.

Ao problematizar as estratégias de inclusão de grupos marginalizados, como as chamadas ações afirmativas, Scott (2001, p.374) questiona:

As diferenças entre grupos sociais criados por exclusões prévias devem ser positivamente reconhecidas para que se supere a discriminação? O tratamento preferencial é necessário para compensar erros passados? Tal tratamento não seria uma forma de aceitar e reproduzir as mesmas diferenças que são a base da discriminação? A discriminação positiva é resposta à discriminação negativa?

Já Minow (1984, p.160) discorre sobre o que ele denomina de “dilema da diferença”. A pesquisadora considera que

ignorar a diferença no caso de grupos subordinados deixa em seu lugar uma ‘neutralidade defeituosa’, mas centrar-se na diferença pode acentuar o estigma do

desvio. Tanto centrar-se na diferença como ignorá-la provocam o risco de recriá-la. Este é o 'dilema da diferença'.

Nessa mesma perspectiva, Butler (2003, p.35) observa que a insistência sobre a coerência e unidade da categoria das mulheres rejeitou efetivamente a multiplicidade das interseções culturais, sociais e políticas, nas quais o espectro concreto das 'mulheres' é constituído. Nesse sentido, tal categoria, em suas pretensões globalizantes, tende a ser normativa, excludente e ignorar outras dimensões que marcam privilégios, como de classe e de raça.

Conforme já salientado, ao assumir que a constituição da identidade social ativa, interacional e representacional, desperta disputas ou jogos pelo poder, a análise do discurso crítica tem realizado trabalhos voltados para a observação da linguagem em uso, dos papéis sociais representados, ou sugeridos, e das ideologias projetadas em *eventos discursivos*. Tais investigações destacam o contexto, a estrutura social, as dimensões culturais que determinam a esfera do lingüístico, enfatizando as diferenças hierárquicas de poder, de sexo, de raça e de idade em materialidades comuns, como as que selecionadas para elaboração dessa pesquisa.

A noção de *poder* utilizada nos trabalhos da ADC, admitida por Fairclough e nos estudos de gêneros supramencionados - Butler (1990, 2003), Scott (1999, 2001) e Minow (1984) –, advém dos estudos de Foucault (1979, 1987). Nesses, o filósofo aborda, primeiramente, os regimes de saber como forma de poder nos processos de *formações discursivas*. Para Foucault (1987, p.43, 44), essas correspondem às regras de constituição de saberes que por sua vez dizem respeito aos sistemas de dispersão e regularidades. Tais regras são as circunstâncias a que estão submetidos os elementos ditos de repartição (objetos, modalidades de enunciação, conceitos, escolhas temáticas). Elas são as condições de existência (mas, também, de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) de uma dada repartição da linguagem em uso.

É a partir dessa noção de *formações discursivas* que Foucault (1987) observa a constituição de saberes como ponto de tensão de poder. Esse não é percebido como uma instituição,

estrutura ou determinada potência de que alguns sejam dotados. O poder é o nome dado a uma situação estratégica complexa em uma sociedade determinada. Ele é exercido a partir de inúmeros pontos permeados por relações desiguais e móveis. Para Foucault (1987), não se pode fazer uma apreensão do poder, pois esse é essencialmente gerador de efeitos.

Em sua proposta para estudo crítico, Fairclough (2003a) afirma que logo após a análise do discurso, recorrências, gêneros e vozes e de interações lingüísticas, o analista crítico deve se ater na função do problema na prática. O foco nessa etapa seria verificar se há uma função particular para o aspecto da linguagem em uso proposta em discussão, ou seja, para além da descrição dos conflitos de poder em que as instâncias comunicacionais se envolvem, o investigador deve avaliar sua função nas práticas discursiva e social. A etapa seguinte são os *possíveis modos de ultrapassar os obstáculos*. O objetivo, nesse momento, seria explorar as possibilidades de mudança e superação dos problemas identificados, o que se efetivaria por meio das contradições das conjunturas.

Embora percebamos as fases de análise sugeridas por Fairclough (2003a), gostaríamos de ressaltar, aqui, o “dilema da diferença” mencionado por Minow (1984). Considerando que no cerne dessa investigação discutem-se padrões de beleza, raça e gênero, entendemos que uma proposta para suposta superação de obstáculos se traduz apenas em maneira de se recriar, modalizar ou rearticular diferenças.

2.3. “ETNIA” & “RAÇA”

O nome “raça” tem sua raiz etimológica no Latim. Ele é oriundo do termo “*ratio*”, que significa sorte, categoria, espécie. Munanga (2004, p.15) observa que, na história das Ciências Naturais, “raça” foi usado, primeiramente, na Zoologia e na Botânica, em estudos como os de Carl Von Linnè (1707 – 1778). Nesses, foram propostas classificações de plantas e animais, incluindo de seres humanos. Tais trabalhos tinham o caráter descritivo e, na proposição de uma classificação de *homo sapiens*, não se restringiam às composições físicas ou apenas de ordem biológica, mas, também, associavam a essas, descrições psicológicas, comportamentais e culturais; a fim de delimitar supostas “raças”.

Em seus estudos, Munanga (2004, p.23) critica a classificação do sueco Linnè. Nessa, o pesquisador sueco sugere a hierarquização de grupos humanos ao utilizar expressões: “brancos”, “musculosos”, “de temperamento sanguíneo”, “engenhosos” e “governados por lei” para discriminar a “raça” européia. Já os índios americanos, ditos ameríndios, receberam de Linné as enumerações adjetivas: “morenos”, “governados pelo hábito”, “cabeçudos”, “de corpo pintado” e “de temperamento colérico”. Os indivíduos da “raça” asiática foram identificados como: “amarelos” e “governados pela opinião”; já os de origem africana como “negros”, “fleumáticos”, “astuciosos” e “governado pela vontade de seus chefes.”

Ainda no século XVIII, a noção de “raça” é transposta dos trabalhos naturalistas para os estudos racionalistas desenvolvidos por filósofos iluministas. Munanga (2004, p.15, 16) relembra que tais pesquisadores do século das luzes contestaram os poderes dos príncipes e o monopólio do conhecimento e da explicação, concentrado nas mãos da Igreja. Dessa maneira, os iluministas se recusaram a aceitar uma explicação cíclica da história da humanidade para buscar uma baseada na razão transparente e universal e na história acumulativa e linear. A partir dessa visão, tais pesquisadores do século XVIII recolocam em debate a questão do saber quem eram os povos recém-descobertos. Assim, lançam mão do conceito “raça” já existente na Zoologia e na Botânica para nomear esses “outros” que passam a ser reconhecidos, na macro esfera social ocidental, como “raças” diferentes. Segundo Munanga (2004), essas se tornaram em objeto de pesquisa na disciplina chamada História Natural da Humanidade, transformada mais tarde em Biologia e Antropologia Física.

Kabengele Munanga admite que a variabilidade humana é uma fato empírico incontestável que, como tal merece uma explicação científica. Nessa perspectiva, o estudioso admite que os conceitos e as classificações servem de ferramentas para operacionalizar o pensamento. Munanga (2004, p.16) explica que

é neste sentido que o conceito de raça e a classificação da diversidade humana em raças teriam servido (...) A classificação é um dado da unidade do espírito

humano. Todos nós já brincamos um dia, classificando nossos objetos em classes ou categorias, de acordo com alguns critérios de semelhança e diferença.

Tal professor da USP admite a relevância da classificação e a distingue como ação distinta da hierarquização. Para ele, se os naturalistas dos séculos XVIII e XIX tivessem limitado seus trabalhos somente à sistematização dos grupos humanos, em função das características físicas, eles não teriam causado nenhum problema à humanidade.

Infelizmente, desde o início, eles (os naturalistas) se deram o direito de hierarquizar, isto é, de estabelecer uma escala de valores entre as chamadas raças; e o fizeram erigindo uma relação intrínseca entre o biológico (cor da pele, traços morfológico) e as qualidades psicológicas, morais, coletivamente superiores aos da raça “negra” e “amarela”, em função de suas características físicas hereditárias, tais como a cor clara da pele, o formato do crânio (dolicocefalia), a forma dos lábios, do nariz, do queixo, etc. que segundo pensavam, os tornavam mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos, etc. e conseqüentemente mais aptos para dirigir e dominar as outras raças. Munanga (2004, p.17)

Munanga sugere que a operação de hierarquização naturalista pavimentava o caminho do racismo. Ele ratifica que, no final do século XVIII, a cor da pele foi considerada como critério fundamental e divisor d'águas entre as chamadas “raças”. Por isso, a espécie humana permanece dividida entre três supostas categorias estancas que resistem até hoje no imaginário coletivo, como se percebe no *corpus* dessa pesquisa, e nas terminologias “raça branca”, “negra” e “amarela”.

Pelos livros didáticos secundaristas, sabemos que a cor da pele, dos olhos e do cabelo são definidas pela concentração de melanina. Um indivíduo considerado “negro” concentra mais melanina que os chamados “amarelos”, os quais, por sua vez, concentram mais melanina que os classificados “brancos”. Tal patrimônio genético corresponde a menos de 1% dos genes que constituem um ser humano; o que torna coerente a inferência que percebe tal critério de classificação genético, para ditas “raças”, como inoperante e ineficaz. Dessa maneira, é coerente afirmar que os negros da África e os autóctones da Austrália

possuem pele escura por causa da alta concentração da melanina, porém, nem por isso eles são geneticamente parentes próximos. Assim como os pigmeus da África e da Ásia não constituem o mesmo grupo biológico, apesar da pequena estatura que eles têm em comum.

Ao propor uma hierarquização de valores, usos, costumes e identidades humanas, trabalhos de pesquisadores humanistas do século XVIII e XIX foram úteis para o período histórico imperialista, no qual se efetivou o processo de ocidentalização de sociedades. Esse, embora inserido num discurso progressista, estimulador de uma suposta modernização dos povos, recebeu severas críticas da História Contemporânea. Isso porque tal processo se traduziu numa supervalorização do estilo de vida do colonizador da Europa Ocidental, e numa sucessão de eventos que propiciaram a usurpação de territórios e sociedades, através de imposições políticas, econômicas e culturais, as quais, dentro do processo de exploração e subjugo que caracteriza o sistema capitalista, viabilizaram a consolidação de valores e práticas racistas.

Munanga (2004) ressalta a dimensão espacial e temporal que envolvem a noção “raça”, delinea o processo de naturalização dessa, observa a inoperabilidade de tal conceito na esfera biológica e como a manutenção desse, no âmbito coletivo, nas diversas instituições sociais da atualidade, torna possível o estabelecimento de relações de poder nos moldes dos estudos naturalistas dos séculos XVIII e XIX.

Embora não se detenha no campo da linguagem, já que não é, logicamente, o objetivo de sua explanação, o professor da USP legitima a sua preocupação com as estratégias discursivas, entre essas as modalizações e substituições lexicais, que propiciam o “mascaramento” de hierarquias estimuladas e consolidadas em sociedades do século XXI.

Segundo Munanga (2004, p. 27),

o que mudou na realidade são os termos ou conceitos, mas o esquema ideológico que subentende a dominação e a exclusão ficou intacto. É por isso que os conceitos de etnia, de identidade étnica ou cultural são de uso agradável para todos: racistas

e anti-racistas. Constituem uma bandeira carregada para todos, embora cada um a manipule e a direcione de acordo com seus interesses.

Para tal pesquisador, as comunidades atuais preferem recorrer ao termo “etnia” para demarcar distinção entre seres humanos. Essa, no contexto acadêmico, segundo Munanga (2004, p.26), remete-se ao conjunto de indivíduos que - além da cultura, na qual se inclui a língua, histórica ou mitologicamente - têm um ancestral em comum e moram geograficamente no mesmo território. Diferente da noção de “raça”, cujas bases de consolidação, como já foi visto, estão relacionadas aos estudos de ordem biológica, tais nomenclaturas, mais recentes, em suas trajetória e utilização, não sofreram tal transposição ou transferência gradativa, já que foram estabelecidas diretamente na esfera sociocultural.

A amplitude de significação, potencialidade etno-semântica, de “raça” faz com que essa atenda às diferentes manifestações da estrutura global social e das relações de poder que a governam. Dessa maneira, os conceitos “negro”, “branco” e “mestiço” variam, num mesmo tempo e espaço. O ser “negro” ou “branco” nos Estados Unidos, por exemplo, é diferente do ser “negro” ou “branco” no Brasil, na Inglaterra ou na África do Sul. Por isso, é coerente afirmar que o conteúdo dessas palavras são de cunho etno-semântico e político-ideológico. Ou seja, se para um geneticista contemporâneo ou para um biólogo molecular a “raça” não existe, no imaginário e na representação coletivos de diversas populações contemporâneas, as diferentes “raças” são firmadas a partir das diferenças fenotípicas como a cor da pele e outro critérios físico-morfológicos já mencionados. Munanga (2004) afirma que é a partir dessas raças sociais que se reproduzem e se mantêm os racismos populares.

No que se remete ao contexto acadêmico, Kabengele Munanga (2004, p.23) observa que tem havido a predileção pelo uso de “etnia” em pesquisas sobre racismo ou hierarquização de culturas. O pesquisador considera que tal lexical é mais cômodo, dito politicamente correto, para o papel discursivo desempenhado por um pesquisador e acrescenta:

Tanto o conceito de raça quanto o de etnia são hoje ideologicamente manipulados. É esse duplo uso que cria confusão na mente dos jovens pesquisadores ou iniciantes. A confusão

está justamente no uso não claramente definido dos conceitos “raça” e “etnia”, “identidade étnica negra”, “identidade étnico-racial negra”, etc.

No que se remete a essa pesquisa, “etnia”, “raça” e os outros lexemas utilizados para traduzir diferentes estereótipos, na esfera física, são percebidos como sustentações léxico-ideológicas, cuja classificação e hierarquia compostas servem para ser prestigiar um padrão proposto e propagado pela *prática particular* em investigação.

CAPÍTULO III
DESCRIÇÃO & ANÁLISE DO
CORPUS

3.1. O *CORPUS* & OS PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE

Há 10 anos no mercado, a revista *Plástica e beleza* sugere padrões de harmonia e beleza física. Ao incentivar suas leitoras à reprodução, através da plástica, de estereótipos elitistas, sugestionados, impostos ou mantidos, conforme discrimina a própria revista, pela “mídia”, tal periódico, em sua argumentação, associa, no desenvolvimento de sua proposta central de ordem estética, caracteres psicossociais, de base comportamental, sugerindo, por exemplo, que a leitora alcance segurança, independência e aceitação através de procedimentos plástico-cirúrgicos supostamente corretivos.

Embora já tenha se voltado para o leitor masculino, através de reportagens direcionadas, coerentemente com sua proposta, *Plástica e beleza* investe nos mais diferentes *modos semióticos*, convencionalmente pertencentes ao universo feminino, na constituição da linguagem midiática, que é marcada por modalizações visuais de textos e exploração de recursos imagéticos diversos.

Como suporte de veiculação de *gêneros textuais* ou *discursivos* pertinentes à proposta em evidência, tal esfera de produção da revista, como a de outros periódicos disponíveis no mercado, organiza suas informações constitutivas por seções temáticas, padronizadas. Um leitor assíduo de *Plástica e beleza* sabe, por exemplo, que, normalmente, ao abrir um exemplar, nele encontrará a seção de abertura “Gente”, em que o *gênero* explorado é a entrevista feita com personalidades, com artistas famosos, cuja foto, em que há exibição, exposição do corpo, é um macro componente visual semiótico, normalmente, encontrado na capa. Sabe ainda que, após essa seção, são disponibilizadas “Sala de espera” e “Plástica do mês”, nesta ordem. Das 10 seções oferecidas pela revista, “Plástica” é a maior e inclui reportagens sobre procedimentos cirúrgicos estéticos diversos. Nessa seção, as matérias veiculadas, com frequência, ultrapassam a sua função, predominantemente informativa e são transformados em estratégia publicitária, já que antecedem textos, propagandas sobre tratamentos oferecidos por clínicas de estética variadas.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, através de *site* interativo disponibilizado na internet, foram observados os 93 exemplares já publicados pela United Magazines entre

fevereiro de 1997 e maio de 2008. Foram selecionadas as reportagens em que supostas raças ou etnias, identidades coletivas, foram exploradas em propostas específicas de correção ou cirurgia plástica para mulheres admitidas, pela revista, como “ocidentais”, “orientais” e “africanas”.

Compõem o *corpus* desta pesquisa, as reportagens: “De olho nas dobrinhas”; “Plástica afro”, “Dona do seu nariz” e “Beleza globalizada”; matérias veiculadas nas edições de número 40, 61, 79 e 93.

Salientamos que não é objetivo dessa pesquisa avaliar a qualidade das reportagens, tampouco se elas cumpriram o seu papel de informar com veracidade os procedimentos necessários para se efetivar uma intervenção estética plástico-cirúrgica.

Segundo já expomos na Introdução, pretendemos observar como *atores sociais*, as identidades ditas étnicas são mencionadas, organizadas e atuam nos textos selecionados de *Plástica e beleza*. Tentamos, ainda, perceber supostas hierarquias e responder o que justificaria a operabilidade de tais representações em um periódico que associa a cirurgia plástica a temas como saúde e auto-estima feminina. Nesse intuito, após observação dos textos, dinamizamos as etapas i, ii, iii e iv abaixo especificadas.

- i. A etapa inicial compreende em identificar e selecionar *sentenças* e *cláusulas complexas* em que estejam inseridas *seleções lexicais*, *nomes* ou *nominalizações*, utilizadas pela instância produtora para evocar grupos de leitoras, representantes de identidades coletivas admitidas, no discurso do suporte midiático em questão, como étnicas ou raciais.
- ii. A primeira etapa intermediária consiste na identificação e percepção, em cadeias, da organização das representações lingüísticas, computadas na etapa anterior, em *sentenças simples* e *complexas*, a partir do *sistema de transitividade* proposto na *metafunção ideacional* de Halliday (1994).

- iii. A segunda etapa intermediária viabiliza a classificação das *sentenças simples* e *complexas* selecionadas, de acordo com a proposta de Fairclough (2003a) para o estudo de *estilos e identidades; valor e valoração*.
- iv. A terceira etapa intermediária corresponde à identificação e percepção, a partir da contemplação da organização das sentenças lingüísticas selecionadas, das estratégias para representação de *atores sociais*, a partir de Fairclough (2003a) – que tem base nos estudos de Van Leeuwen (1997) - e da *Gramática do desing visual*.
- v. A última etapa, em concomitância com a etapa anterior, consolida a análise crítica e percepção dos aspectos sociais ligados às formações ideológicas e formas de hegemonia que sugerem a hierarquização social de identidades e estilos, através da exploração de supostas diferenças, de gênero e de raça, e das teorias sociais sobre representação e identidade exploradas no capítulo 2 dessa pesquisa.

Cientes das diversas escolhas possíveis e das complexidades que envolvem a estruturação lingüística, identificamos, nas chamadas *sentenças complexas*, as *expansões*; que correspondem às relações de interdependência: *parataxis* e *hipotaxis*. Fazemos isso à luz da Gramática Sistemico-Funcional (1994) e dos estudos de Fairclough (2003a) para análise textual para pesquisa social.

Na análise das reportagens, cada uma das cláusulas ou *sentenças complexas* computadas são transcritas e, em seguida, disponibilizadas em *boxes* encadeados, arrolados em páginas distintas. Nesses, a classificação de *valor e valoração* é indicada primeiramente. Em seguida, percebemos o fragmento dentro do *sistema de transitividade*. Distinguimos, assim, os *participantes, processos e circunstâncias*.

Desenvolvemos a partir de aspectos textuais, da *prática discursiva*, a análise da *prática social*. Para tal intuito, as identidades em foco, coletivas e individuais (como grupos étnicos, médicos e jornalistas), deixam de ser tratados como meros *participantes* e são observados como *atores sociais*. Nesse momento é que são evocados os estudos de Van Leeuwen (1997) e *modos de operação ideológica* de Thompson (1995), trabalhados no

capítulo 2 dessa dissertação. A reflexão sobre subjugo e hierarquizações de identidades e estilos, a partir de representações que evocam gênero e raça, tema principal presente, em análise, compõe o último tópico dessa pesquisa.

Antes de prosseguirmos para especificação e análise de dados, disponibilizamos, a seguir, uma cadeia-padrão, desenvolvida para essa investigação. Nela, são dispostos, na base principal, os componentes do *sistema de transitividade* de Halliday (1994): *participante*, *processo* e *circunstância*. As *expansões* (quando presentes) compõem uma base secundária, anexas à base principal. Tais estruturas são situadas após a citação e classificação das *sentenças valorativas* ou *presunções valorativas* previamente selecionadas. As classificações são mencionadas na parte apical da cadeia.

As sentenças são enumeradas, entre parênteses, em seqüência ordenada, considerando, para isso, o número da reportagem em análise e a disposição das cláusulas no texto. As alusões e inferências que compõem a análise crítica, quando necessário, também são sugestionadas nas cadeias. Isso para desvelar discursos e estratégias como os *encobrimentos* e as *impersonalizações* de ações e *atores sociais* articulados nos diferentes textos, fragmentos, indicados.

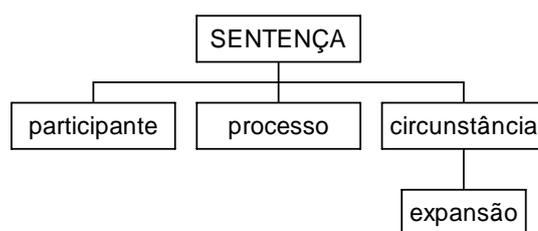


Figura 2: cadeia para atender categorizações previstas no *sistema de transitividade* de Halliday (1994).

3.2. REPORTAGEM (1): “DE OLHO NA DOBRINHA”

“De olho na dobrinha” foi publicada na seção plástica da edição de número 40 de *Plástica e beleza*. Ela é uma reportagem, *gênero situado*, que discorre, incentiva e trata do procedimento cirúrgico “ocidentalização”. Este, de cunho estético, é realizado em pessoas que querem tornar o sulco das pálpebras superior dos olhos mais marcado ou evidente.

A cirurgia de cunho estético é indicada, na revista, para pessoas ditas “orientais”. Essas, interessadas em ter uma aparência física próxima a dos povos chamados de “ocidentais”, se submetem a uma intervenção médica que elevaria o canto lateral dos olhos e adquiririam, dessa maneira, o que a revista chama de “um certo exotismo”.

De acordo com registro disposto no *corpus*, assina pela esfera discursiva produtora, dessa matéria, Regina Nascimento. A identidade socioinstitucional de autoridade do texto é garantida através das vozes, em discurso *direto* e *indireto* dos médicos, cirurgiões plásticos, especialistas, professor doutor Ivo Pitanguy e Francisco Trentini.

Como as outras matérias, em análise posterior, “De olho na dobrinha” associa o *pré-gênero narrativo, descritivo e argumentativo*. A leitora contempla na reportagem: descrições sobre procedimentos cirúrgicos, a fala de médicos sobre processos técnicos e apelos diversos que visam incitar mulheres cujo estereótipo físico revelam a ascendência asiática às intervenções estéticas e, até mesmo, alusões a processos neo-liberais de colonização; os quais justificariam o suposto “desejo da maioria dos asiáticos de ter uma aparência menos oriental”.

Nesse contexto, o processo de *ocidentalização* de sociedades – o qual é observado sob a ótica de Giddens (1991) nessa pesquisa - é aludido, mas, ao mesmo tempo, ofuscado, já que os pontos de conflito que envolvem a hierarquização, subjugo, de usos, costumes e valores são omitidos ou sequer tratados.

Em “De olho na dobrinha”, destacamos 13 sentenças, *simples* e *complexas*, nas quais *seleções lexicais* que traduzem identidades raciais ou étnicas foram destacadas. Como a

reportagem objetiva alcançar uma leitora modelo⁹, a que o estereótipo físico revele a ascendência oriental, tal representação está presente, sublinhada, explícita ou implicitamente, nos fragmentos selecionados, dispostos e categorizados a seguir.

- (1.1) “Os apelos da mídia, destacando olhos grandes e sensuais, lábios grossos, mamas turbinadas e bumbum empinado, intensificam o desejo das descendentes de imigrantes orientais pela aparência ocidentalizada.”
- (1.2) “Como o que mais caracteriza a raça amarela é o formato dos olhos, a busca pela transformação estética idealizada começa pela ocidentalização das pálpebras.”
- (1.3) “Segundo dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, vem aumentando o número de pacientes de origem ocidental que procuram a cirurgia plástica de ocidentalização das pálpebras para ficar mais próximo possível dos padrões de beleza ocidental.”
- (1.4) “Atrás do desejo de ocidentalização da imagem está toda uma cultura e tradição orientais. A transformação radical dos traços étnicos pode é perigosa, porque a própria pessoa pode não se identificar com a nova imagem. Isso não pode ser esquecido. Se ela não tiver uma estrutura psicológica bem definida, a não-aceitação, certamente, irá gerar sérios distúrbios emocionais”, alerta o cirurgião plástico Pro. Dr. Ivo Pitanguy.
- (1.5) “O especialista esclarece que o desejo da maioria dos asiáticos de ter uma aparência menos oriental não é de hoje.”
- (1.6) “O arquipélago do Havaí, ao tornar-se Estado norte-americano, passou a adotar seus costumes, embora algumas tradições ainda permaneçam, os cânones de beleza sofreram intensa influência externa.”
- (1.7) “Mas, foi a população japonesa que mais aderiu ao predomínio da ocidentalização, particularmente no vestuário e nos padrões de beleza.”
- (1.8) “Com a globalização das comunicações, a tendência é a de os países asiáticos se ocidentalizarem muito mais.”
- (1.9) “Os chineses também começam a prestar mais atenção na moda e nos conceitos de estética ocidentais.”

⁹ Segundo o Charaudeau e Maingueneau (2006, p.298), a noção de *leitor modelo* permite opor o público efetivo de um texto ao público que esse texto implica por suas características.

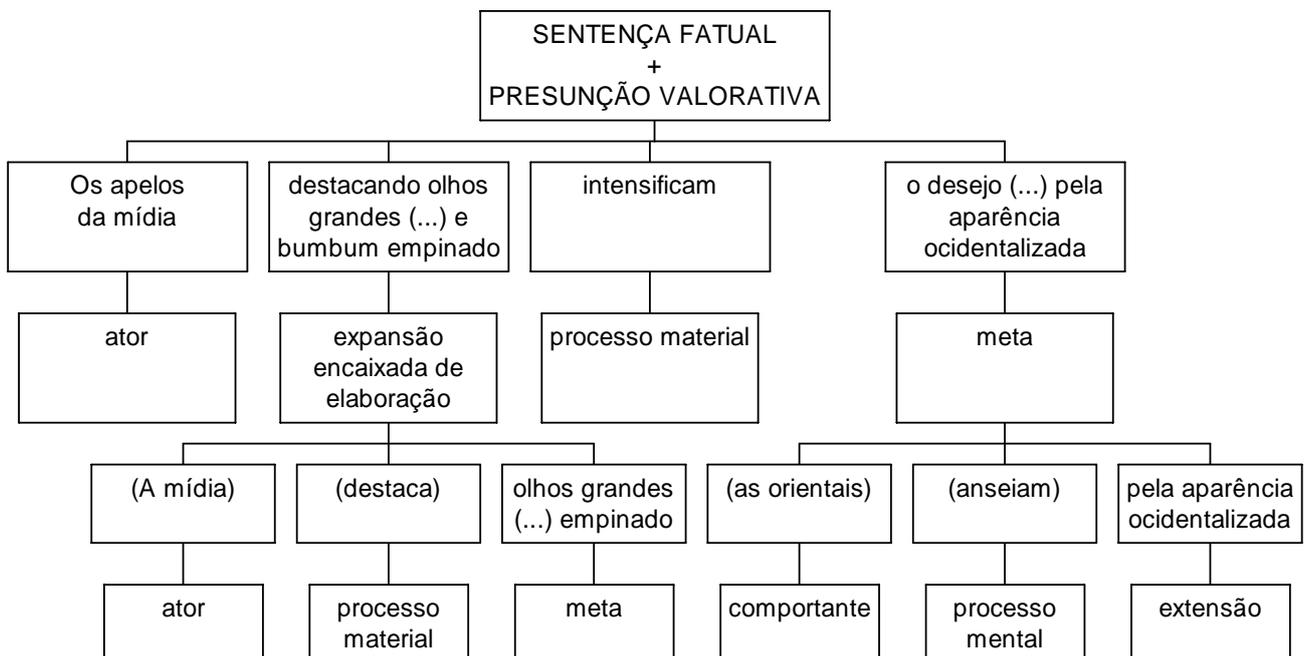
(1.10) “O prof. Pitanguy observa que o sulco palpebral superior, geralmente bem definido e cerca de 7 mm acima da linha ciliar nos ocidentais, está ausente nos orientais.”

(1.11) “O aspecto amendoado, com elevação do canto lateral, confere aos olhos orientais um certo exotismo.”

(1.12) “É notório que a raça amarela apresenta outras características específicas, além dos olhos puxados.”

(1.13) “O cirurgião plástico Dr. Francisco Trentini diz que, freqüentemente, atende pacientes de origem asiática em sua clínica que querem modificar também o formato do nariz e do rosto.”

(1.1) – “*Os apelos da mídia, destacando olhos grandes e sensuais, lábios grossos, mamas turbinadas e bumbum empinado, intensificam o desejo das descendentes de imigrantes orientais pela aparência ocidentalizada.*”



A estrutura (1.1) é a *sentença fatual*⁹ que compõem o *leading* de “De olho na dobrinha”. Segundo Fairclough (2003a, p.109), esse tipo de cláusula “diz respeito ao acontecimento, ao que este é, foi ou tem sido ” e se distingue das *sentenças valorativas*, que se referem ao “desejável e ao indesejável”. Essas, de acordo com Fairclough (2003a, p.172) “são mais claramente percebidas em processo relacionais em que o elemento valorativo é o *atributo*”.

(1.1) não se trata de uma estrutura organizada em torno de um *processo relacional* atributivo, envolvendo diferentes entidades. Entretanto, ela apresenta valoração implícita; fenômeno que Fairclough (2003a, p.173) denomina de *presunção valorativa*. O analista britânico afirma que reserva essa categoria “para casos em que não há marcadores relativamente transparentes de valoração”, ou seja, para casos “onde valores são com frequência mais profundamente inserido nos textos.”

O *leading* de “De olho na dobrinha” é um resumo de um texto que legitima o estereótipo da mulher ocidental. Esse é admitido como padrão de beleza, é associado à sensualidade e, por ser capaz de gerar poder, deve ser assimilado, através de intervenções plásticas, pelas mulheres, leitoras, ditas “orientais”. Tal proposta é organizada já em (1.1) através de *presunção valorativa*, a qual, além do que já foi exposto, sugere que a “os apelos da mídia” são os responsáveis pela hierarquização dos estereótipos físicos mencionados pela revista.

Ainda, de acordo com Halliday (1995, p.192), (1.1) é uma *sentença complexa*; “uma cláusula principal associada a outras sentenças que a modificam”. Ela inclui: o *participante* e *ator* “os apelos da mídia”, o *processo material* “intensificam” e o *atributo* associado a advérbio modal “acentuados demais”. Tal composição é acrescida da *expansão de intensificação causal* - classificação prevista em Halliday (1995, p.306) - “a ponto de não nos deixar à vontade com eles”. Essa atribui carga semântica de consequência à *sentença fatual* em questão.

⁹ As noções de *sentenças fatais* e *sentenças não-fatais* advém das funções discursivas de Fairclough (2003a, p.109) . A primeira corresponde a “cláusulas acerca do que é, foi e tem sido um determinado evento” e a segunda abrange “pretensões e sentenças hipotéticas”.

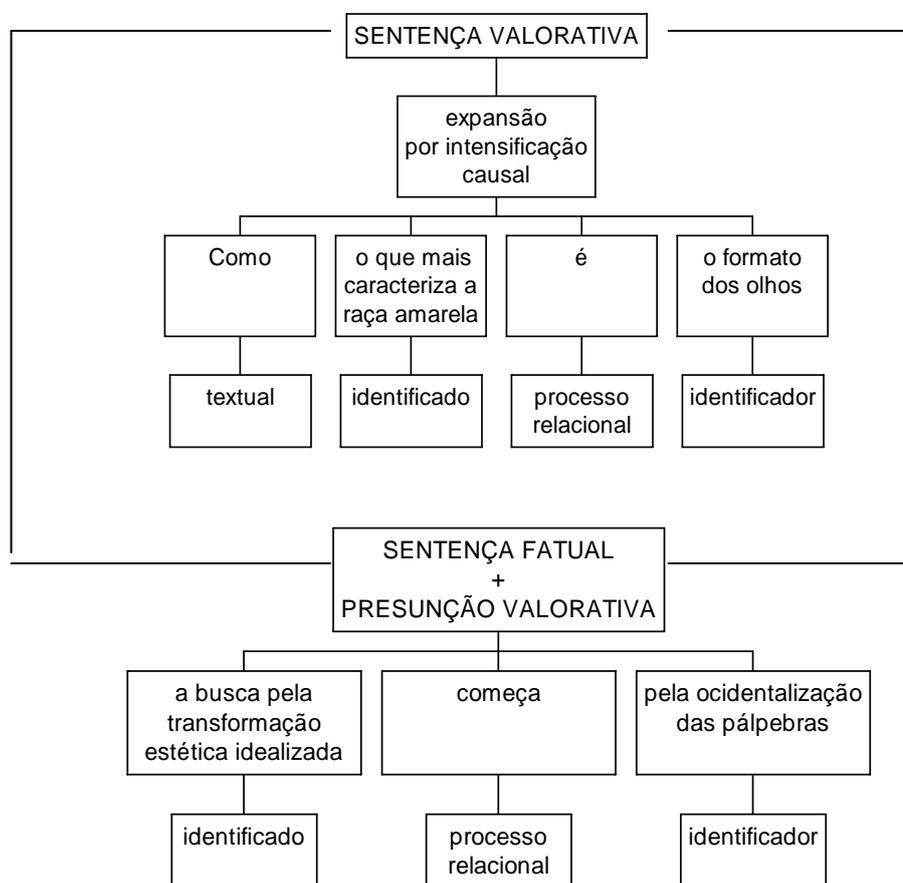
Nessa *sentença fatual*, percebemos que o *ator em tema*¹⁰ são “os apelos da mídia”; *nominalização* que traduz um *processo material* implícito (apelar) e prenuncia o uso do *modo de operação ideológica* denominado por Thompson (1995, p.85) de *dissimulação* por *eufemização*, já que a esfera produtora, aparentemente, se exclui do contexto midiático percebendo esse como um outro.

Conforme apenas sugerimos na cadeia acima, “as orientais”, em (1.1), podem ser observadas como *comportante* do *processo mental* “anseiam”, se analisarmos a extensa *nominalização* que compõe a *meta* da *sentença fatual* proposta.

Os atributos “olhos grandes e sensuais” e “lábios grossos” são explorados na composição da *paisagem semiótica* da p.63. Tal composição apresenta uma mulher, *participante representado*, em *close-shot*, projeção de próximo alcance, cujo olhar de *oferta* sugestiona, ao leitor, segundo Kress e Van Leeuwen (2001, p. 124), *contemplação*.

¹⁰Terminologia oriunda da escola de lingüístas de Praga. Em Halliday (1994, p.38), o *tema* corresponde ao “elemento que serve como ponto de partida da mensagem; a parte em que a sentença se concentra, preocupa.”

(1.2) - “Como o que mais caracteriza a raça amarela é o formato dos olhos, a busca pela transformação estética idealizada começa pela ocidentalização das pálpebras.”

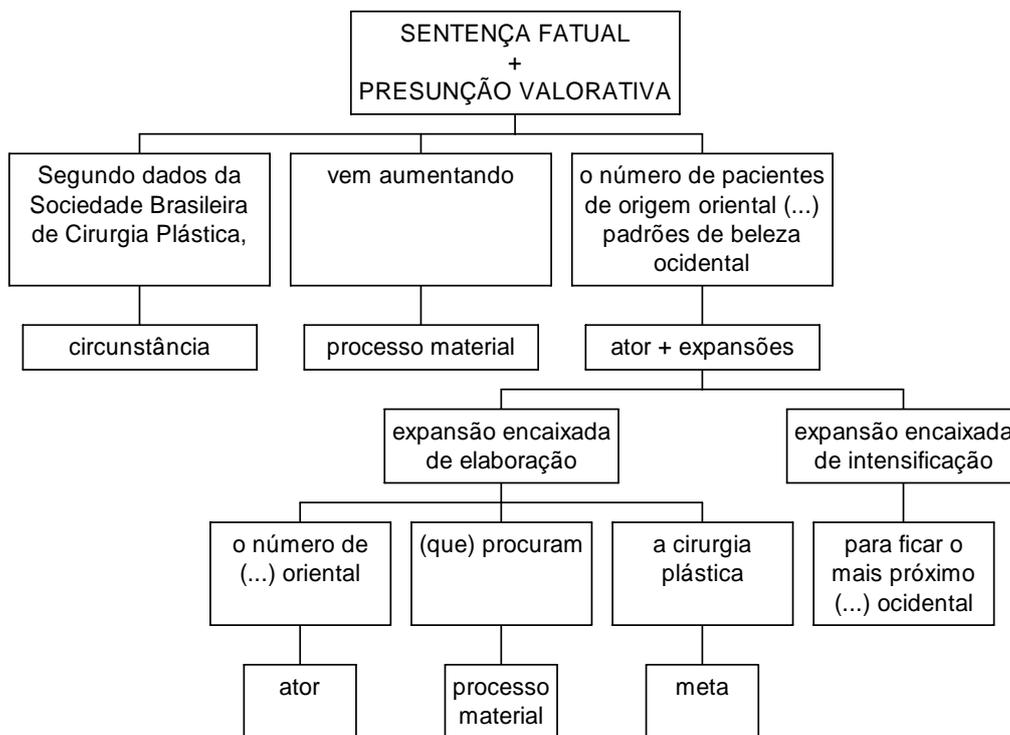


O tema de (1.2) é uma *expansão de intensificação causal*. Ela revela em sua estrutura um *processo relacional intensivo* em que “o formato dos olhos” é identificado como “o que mais caracteriza a raça amarela”. Nesse contexto, o físico aparece como caractere determinante de uma suposta raça, a amarela.

Além disso, essa identidade coletiva, “raça amarela”, componente do *identificado* e o *item lexical* “ocidentalização”, componente do *identificador*, inseridos na *sentença valorativa*, sugerem um processo de permuta de identidades, ou seja, a leitora dita “oriental” é estimulada a perceber, mais uma vez, que o valor físico ocidental é corpo padrão a ser, comprado, adquirido.

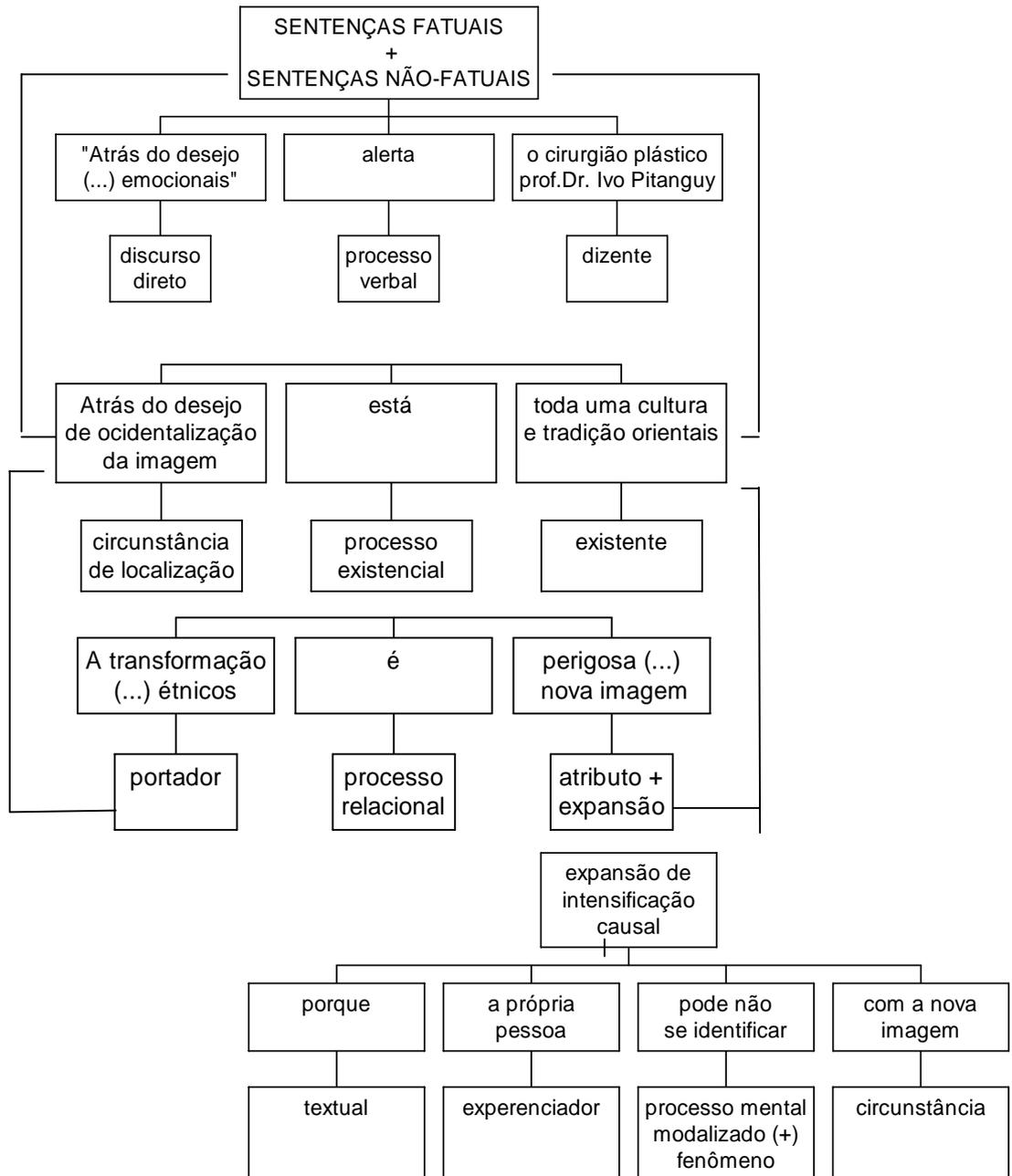
Em harmonia com tal proposta, o macro-componente semiótico da p.64, imagem feminina em *close-up* é referência para a leitora descendente de orientais. Na *participante*, o nariz e o formato do rosto não são, respectivamente, afinado ou angular, e os olhos, longe da aparência ocidental comum, estão em contato com a leitora, o que define um olhar de *demand*, que sugere identificação, proximidade ou solicitação. Além disso, a imagem apresenta variação gradativa de cores, que vão desde marrom até azul, com predominância, no centro, de um tom vermelho-amarelado; o que nos faz remeter à *seleção lexical*, identidade coletiva, “raça amarela” mencionada pela revista.

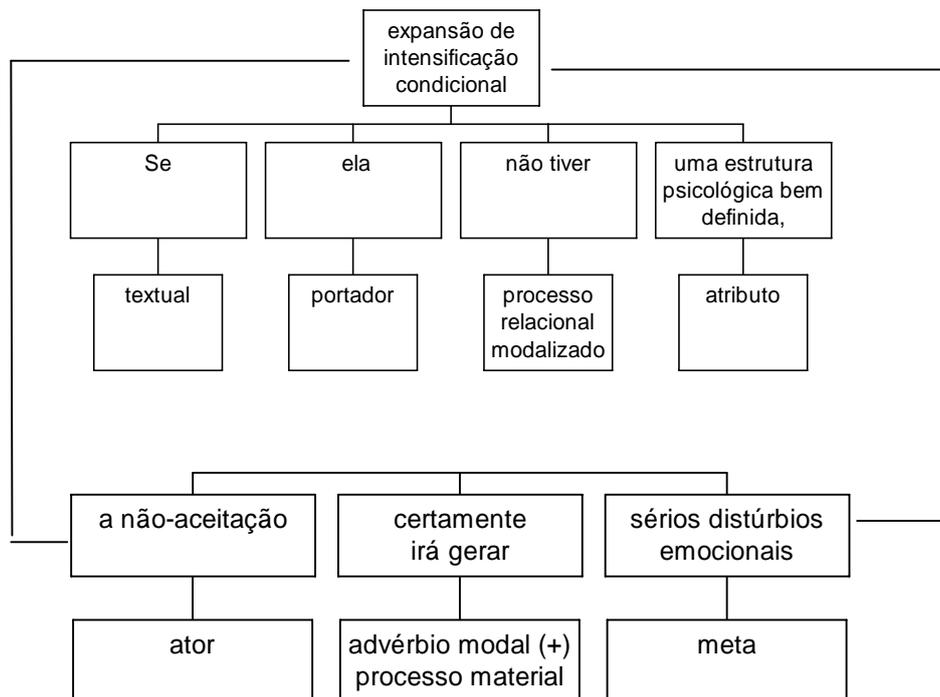
(1.3) - “Segundo dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, vem aumentando o número de pacientes de origem oriental que procuram a cirurgia plástica de ocidentalização das pálpebras para ficar mais próximo possível dos padrões de beleza ocidental.”



Em (1.3), a instituição “Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica” é o *ator social* que legitima o argumento explicitado na *sentença fatorial* (1.2). Nessa, duas *expansões encaixadas*, uma de *elaboração* e outra de *intensificação*, especificam a cirurgia plástica como recurso utilizado por pessoas de origem oriental para se adquirir uma aparência mais próxima dos chamados ocidentais. Nesse contexto, o *item lexical* “ocidentalização” se restringe, como em outras partes da reportagem, a uma concepção estética, e não diz respeito a usos e costumes ou padrões comuns propagados pela Europa moderna.

(1.4) “Atrás do desejo de ocidentalização da imagem está toda uma cultura e tradição orientais. A transformação radical dos traços étnicos pode ser perigosa, porque a própria pessoa pode não se identificar com a nova imagem. Isso não pode ser esquecido. Se ela não tiver uma estrutura psicológica bem definida, a não-aceitação, certamente, irá gerar sérios distúrbios emocionais”, alerta o cirurgião plástico Pro. Dr. Ivo Pitanguy.

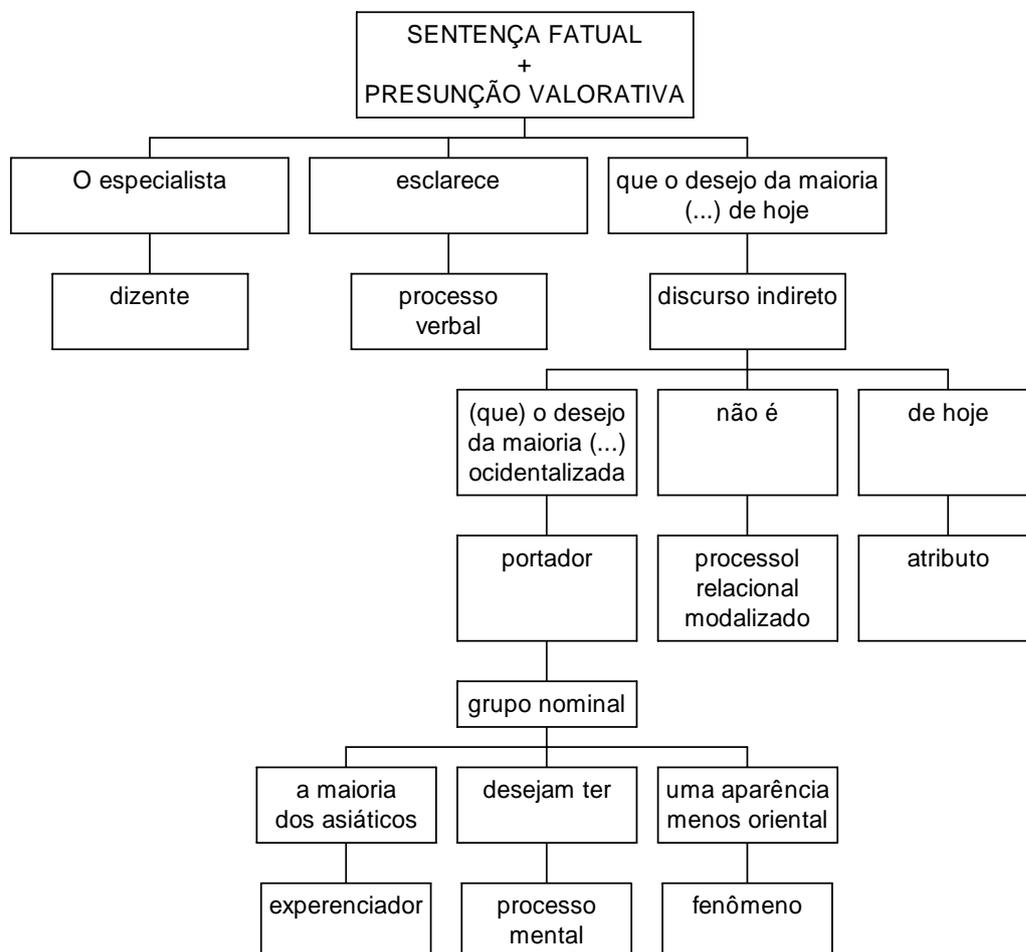




(1.4) é transcrição, demarcada por aspas, da fala do médico Ivo Pitanguy. Nessa, o *discurso direto - sentença de projeção de ilocução parataxis*, conforme categoriza Halliday (1994, p.232) - visa alertar sobre a dita transformação radical dos traços “étnicos”. Na organização de tal fala, não percebemos a exploração de uma identidade coletiva, uma *nominalização*, para se referir ou tratar sobre os brasileiros que são descendentes de indivíduos de nações orientais. Tal identidade existe, mas é distanciada, revelando *encobrimento*, categoria de *exclusão* proposta por Van Leeuwen (1997) e citada por Fairclough (2003a, p. 145).

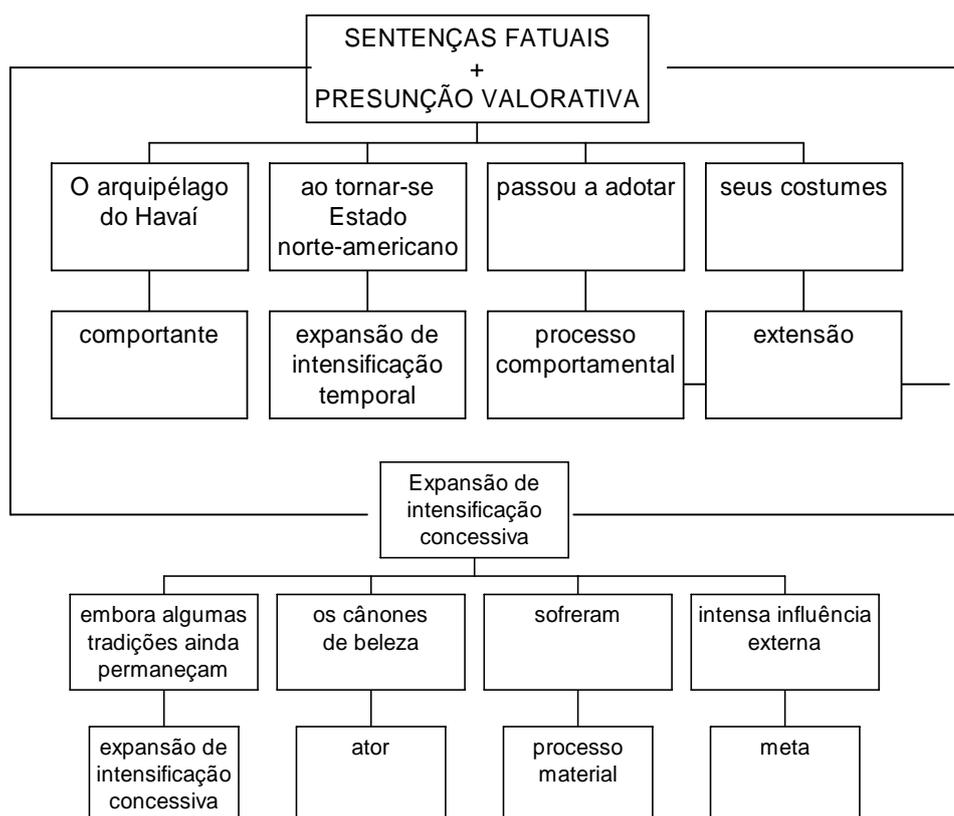
No texto do “Prof. Dr. Ivo Pitanguy”, a pessoa que deseja fazer várias modificações supostamente étnicas, conforme percebemos na *expansão de intensificação causal*, disposta na cadeia da página anterior, é o *ator social*. Este, é o *experenciador* da *expansão* supramencionada e o possível *portador* da *expansão de intensificação condicional*. Nessa, o *participante* é caracterizado como ser que pode vivenciar sérios distúrbios emocionais, devido a uma falta de uma estrutura psicológica “bem definida” e ao estranhamento da nova imagem adquirida.

(1.5) – “O especialista esclarece que o desejo da maioria dos asiáticos de ter uma aparência menos oriental não é de hoje.”



(1.5) retoma o discurso que os “asiáticos” anseiam por aparência mais ocidentalizada. Tal *sentença fatual*, organizada em *discurso indireto*, trata-se de mais fala do médico Ivo Pitanguy. Nessa, percebemos, em *presunção valorativa* que o dito “oriental”, o que não anseia por uma aparência mais próxima dos povos ocidentais, faz parte de uma minoria a qual ainda não cedeu aos apelos promovidos, conforme propõe o *leading*, pela mídia capitalista, e por isso está fora do padrão já aderido por uma maioria. Tal discurso prenuncia o fragmento (1.6), em que há a utilização do *modo de operação ideológica de legitimação*, por *narrativização*, previsto por Thompson (1995, p.15), no qual prevalece a crença de que um valor contaria com a adesão, *solidariedade*, da maioria devido às supostas evidências inseridas em histórias do passado as quais legitimariam o presente.

(1.6) - “O arquipélago do Havaí, ao tornar-se Estado norte-americano, passou a adotar seus costumes, embora algumas tradições ainda permaneçam, os cânones de beleza sofreram intensa influência externa.”

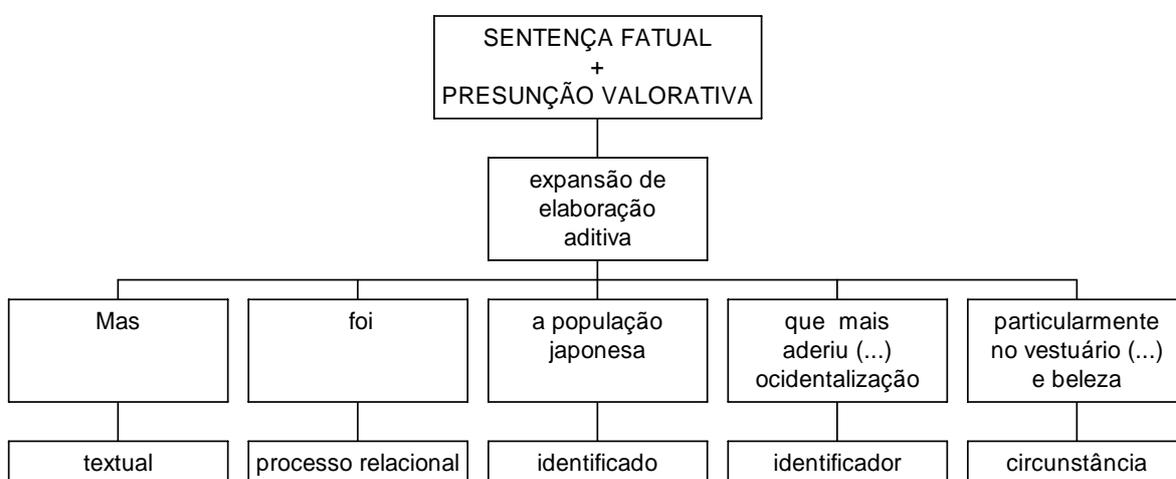


De acordo com Fairclough (2003a, p. 146), em (1.6) “O arquipélago do Havaí” é o *ator social sob impersonalização*, já que o *processo comportamental* modalizado “passou a adotar”, dessa *sentença fatual*, corresponde aos sujeitos ou indivíduos havaianos. São esses que, embora, conforme expresso na *expansão de intensificação concessiva*, mantiveram algumas tradições, ao se tornarem parte do estado norte-americano, mudaram seus comportamentos e passaram a adotar costumes estadunidenses, sofrendo assim intensa influência estrangeira sobre os seus “cânones de beleza”.

Os conflitos e questionamentos inseridos nesse processo de adoção dos costumes estrangeiros pelo arquipélago havaiano não são focalizados pela revista; o que revela a

ofuscação dos pontos de instabilidade, submissão e sujeição de crenças e valores, que tal ação promove ou teria promovido. A composição de tal discurso, revela o *modo de operação* de *legitimação* por *dissimulação*, previsto em Thompson (1995, p.86); no qual as instituições ou relações sociais são representadas de modo que desperte uma valorização positiva em ouvintes ou leitores.

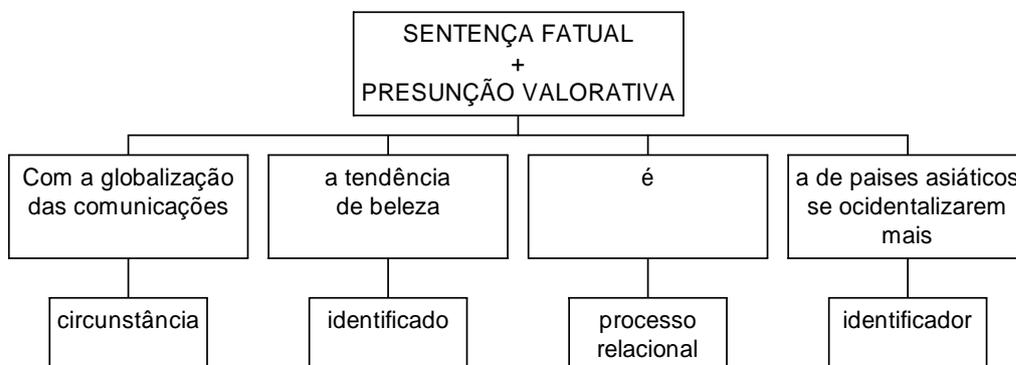
(1.7) – “Mas, foi a população japonesa que mais aderiu ao predomínio da ocidentalização, particularmente no vestuário e nos padrões de beleza.”



(1.7) trata-se de uma *expansão de elaboração aditiva* e complementa a *sentença fatual* (1.6). “A população japonesa”, em tal *expansão*, é identificada, dentro de uma construção *relacional* intensiva, como a “que mais aderiu ao predomínio da ocidentalização”.

Como em “passou a adotar”, selecionado para a composição da sentença anterior, “aderiu” é um *processo comportamental*, apenas sugerido, no qual percebemos, mais uma vez, a valoração implícita, através de *presunção valorativa* que destaca os valores, vestuário e padrões de beleza, ocidentais em detrimentos aos orientais e o *modo de operação* de *legitimação* por *dissimulação*. Como em (1.6), faz-se em (1.7) o uso da *impersonalização*. Essa, segundo Fairclough (2003a, p.146), é comum o uso de substantivos abstratos ou concretos cujos significados não inclui a característica semântica “humano”.

(1.8) – “Com a globalização das comunicações, a tendência é a de os países asiáticos se ocidentalizarem muito mais.”



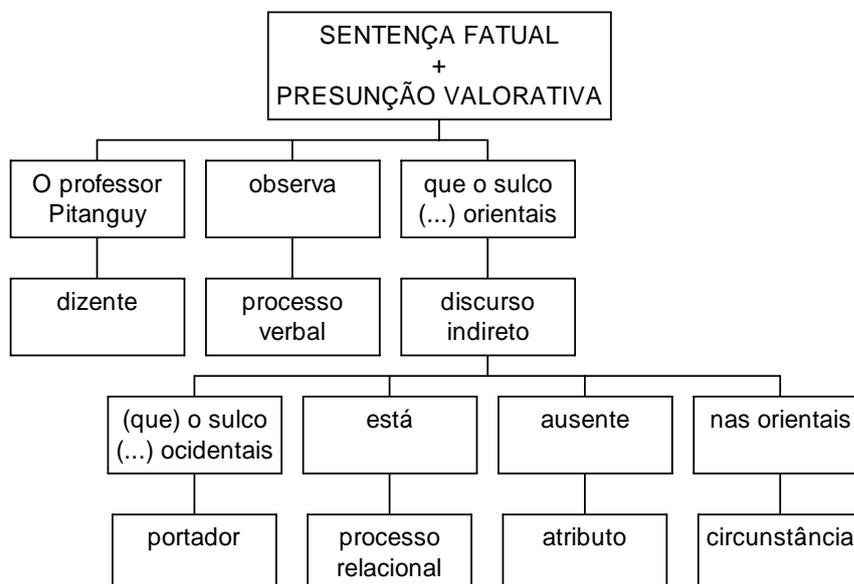
Em (1.8), os “países asiáticos” é componente, *identificador*, do *processo relacional* “é”. Como em (1.7), a *impersonalização* da identidade coletiva é efetivada pela referência metonímica de localização. O construído “se ocidentalizarem” sugere a relação de subjugo já, narrativizada, explicitada em (1.6) e (1.7). Entretanto, no fragmento acima, tal processo que sugere mudanças gradativas e imposições, culturais, políticas e econômicas, adquire *status* de naturalização e é percebido como uma tendência do contexto contemporâneo globalizado, o qual sabemos ser marcado, conforme sugere o fragmento, por um processo de comunicação dinâmica e ativa.

(1.9) – “Os chineses também começam a prestar mais atenção na moda e nos conceitos de estética ocidentais.”



Em (1.9), “os chineses” são os *participantes* do *processo mental* modalizado “começam a prestar”, pois traduz o processo de percepção vivenciado pelo *experienciador*. A atenção dada, pela identidade coletiva, *atores sociais*, à moda e aos conceitos ocidentais é declarada, mas não justificada, revelando, mais uma vez, o *modo de operação de legitimação* por *dissimulação* que ofusca a macro-esfera econômica, política e social capitalista que envolvem e impulsionam esse suposto interesse pelos padrões de beleza ditos ocidental.

(1.10) – “O prof. Pitanguy observa que o sulco palpebral superior, geralmente bem definido e cerca de 7 mm acima da linha ciliar nos ocidentais, está ausente nos orientais.”



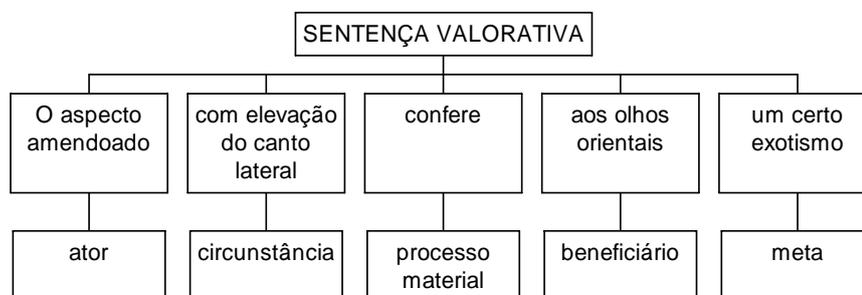
Após justificar uma suposta adesão de asiáticos a usos e costumes ocidentais, a esfera produtora se volta para descrições, *sentenças fatais*, elaboradas a partir de *agentes sociais*, médicos especialistas, que auxiliam na legitimação do discurso da hierarquização de estereótipos físicos.

Em (1.10), sentença em *discurso indireto* no qual se explora da fala do Dr. Ivo Pitanguy, os itens lexicais “ocidentais” e “orientais” não são *participantes*, mas componentes circunstanciais. Em tal *sentença fatorial* com *presunção valorativa* o corpo que é organizado como *participante*. “O sulco palpebral superior” é identificado como valor estético relevante, geralmente presente e bem-definido nos chamados ocidentais, mas “ausente” nos orientais.

Além do texto verbal, o médico Ivo Pitanguy, que tem sua fala habilitada por acumular papéis discursivos de autoridade distintos, médico e professor, contribui para a reportagem com croquis intitulados “olho oriental” e “olho ocidental”. Tais textos não-verbais, em gradação de cinza e legenda externa, periférica com descrições técnicas, são situados nas disposições *dado* e *novo*, previstas por Kress e Van Leeuwen (2001, p.205). Segundo esses

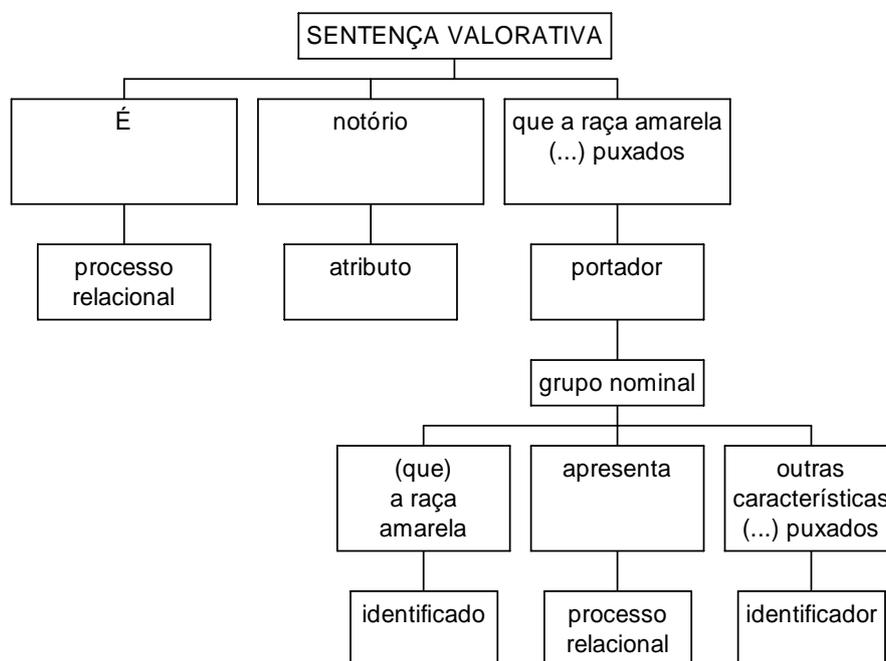
autores, a disposição *novo* é, normalmente disposta à direita de jornais e revista, revela a informação dominante e aceitável, que supera a informação inserida no *dado*; que corresponde ao superável, repulsivo ou ao conteúdo de domínio público pleno. Ou seja, a própria disposição semiótica dos croquis do *agente social* em questão é, também, componente que estimula a “ocidentalização das pálpebras”, proposta pela revista. A mesma estratégia será, por nós, evidenciada nas reportagens (3) e (4), “Dona do seu nariz” e “Beleza globalizada”, em momento oportuno.

(1.11) – “*O aspecto amendoado, com elevação do canto lateral, confere aos olhos orientais um certo exotismo.*”



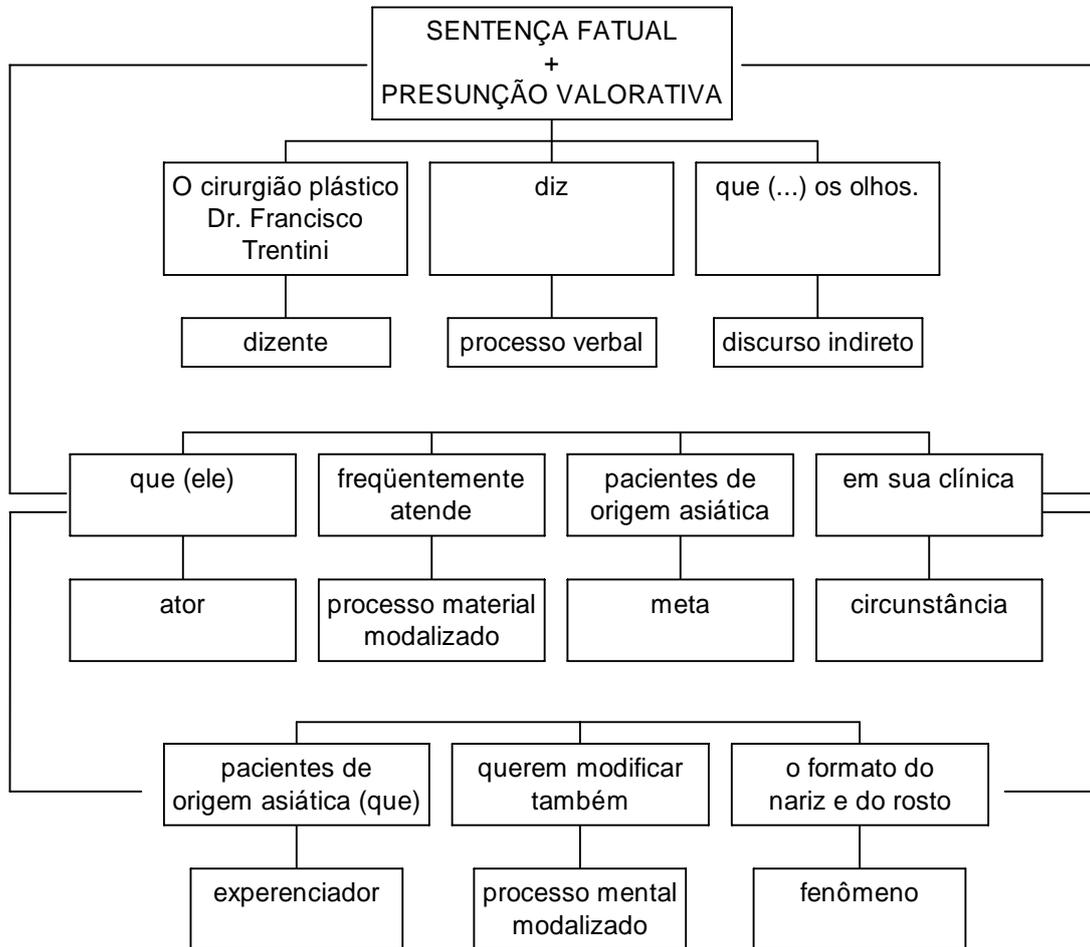
“Os olhos orientais” são o beneficiário da ação *nominalizada*, “elevação do canto lateral”, explicitada na *circunstância* da *sentença valorativa* (1.11). Tal fragmento traduz o resultado, definido na categoria *meta*, esse nos informa que, mesmo com a intervenção cirúrgica, o descendente de oriental, embora passe a portar uma pálpebra supostamente ocidental, exibirá “um certo exotismo”, *nominalização* de conotação positiva, advindo da exposição do “aspecto amendoado” dos olhos dos pacientes.

(1.12) – “É notório que a raça amarela apresenta outras características específicas, além dos olhos puxados.”



Em (1.12), “raça amarela” é o *item lexical* que traduz o grupo de brasileiros descendentes de indivíduos de nações asiáticas. Tal *nominalização* é trabalhada dentro da estrutura transitiva *relacional* possessiva em que a expressão “outras características além dos olhos puxados” se comporta como *identificador* do *processo* “apresenta”. Tanto “raça amarela” quanto “raça negra”, esta utilizada na reportagem a seguir, evidenciam o uso da representação por *classificação*, identificada por Van Leeuwen (1997, p.221), categoria firmada a partir de critérios institucionalizados como idade, sexo, origem, classe social, riqueza, religião, orientação sexual, raça e etnicidade. Entretanto, ressaltamos que cor, como critério de identificação de *atores sociais*, é utilizada, por *Plástica e beleza*, apenas para classificar leitoras cujos estereótipos físicos revelem a descendência africana e asiática, oriental.

(1.13) - “O cirurgião plástico Dr. Francisco Trentini diz que, freqüentemente, atende pacientes de origem asiática em sua clínica que querem modificar também o formato do nariz e do rosto.”



Além de Ivo Pitanguy, a reportagem ratifica o seu discurso utilizando a fala, uma outra *projeção*, do outro médico, *agente social*, especialista em cirurgia plástica, Dr. Francisco Trentini. Tal *dizente* afirma que além dos olhos, há “pacientes de origem oriental” que desejam intervenções estéticas no nariz e também no rosto, o que revelaria a valoração implícita, sugerida na última seqüência de quadros disposta na cadeia do fragmento (1.13).

Tal *presunção valorativa* finaliza e sustenta a proposta exposta durante toda a reportagem: a submissão de descendentes de orientais aos padrões estéticos tipicamente europeus.

REPORTAGEM 2: “PLÁSTICA AFRO”

“Plástica Afro”, publicada na seção “Plástica” da edição de número 61 de *Plástica e beleza*, é uma reportagem, *gênero situado*, que discorre, incentiva e trata da cirurgia plástica para “afro-descendentes”. Assinam pela esfera discursiva produtora, dessa matéria, Renata Menezes e o fotógrafo, Moisés Pazianotto.

A identidade sócioinstitucional de autoridade do texto é garantida através das vozes, em *discurso direto*, dos médicos Arlindo Jacob e Marcos Grillo. Além desses, há a co-participação das atrizes Taís Araújo, Adriana Alves e Adriana Bombom, num *box*, componente da *paisagem semiótica*, denominado de “Elas fizeram”, que contém depoimentos a respeito de cirurgias plásticas ditas bem-sucedidas.

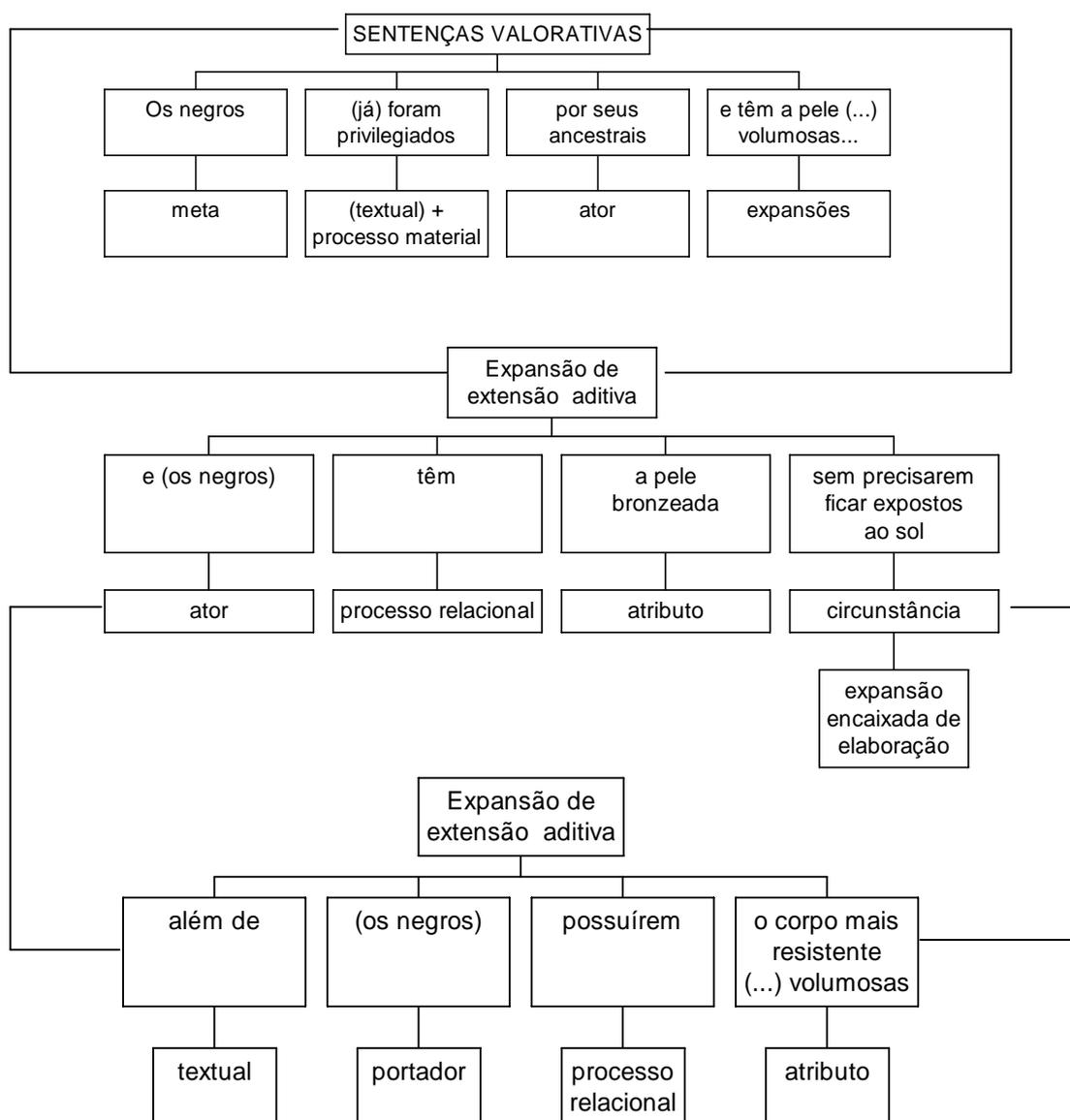
No *box* “Você sabia...”, por exemplo, a reportagem associa rinoplastia, auto-estima e interesse pela vida. O discurso dos especialistas que classificam tais intervenções como procedimentos que visam “deixar o visual mais harmônico”, “corrigir imperfeições” e “suavizar os traços sem tirar as características da etnia” também contribui para que a leitora inspecione o próprio corpo à procura do “errado”, do “não-harmônico” ou do dito “grosseiro” e se sinta desafiada a atingir, um estado de plenitude física sugestionado.

Nesse intuito, as *participantes representadas*, macro componentes semióticos que se estendem entre as pp. 38 e 39, 40 e 41 não se traduzem somente em uma ilustração chamativa, mas em referências para a instância receptora. Elas instigam a comparação entre o corpo da leitora e o corpo reafirmado ou habilitado pela revista.

Em “Plástica afro”, destacamos 13 sentenças, *simples* e *complexas*, nas quais *seleções lexicais* que traduzem identidades étnicas foram destacadas. Como a reportagem objetiva alcançar uma leitora modelo, a que o estereótipo físico revele a descendência africana, essa identidade está presente, sublinhadas em destaque, explícita ou implicitamente, nos fragmentos selecionados, dispostos e categorizados a seguir.

- (2.1) “Os negros já foram privilegiados por seus ancestrais e têm a pele bronzeada por natureza sem precisarem ficar expostos ao sol.
- (2.2) “Além de (os negros) possuírem o corpo mais resistente, as formas arredondadas e volumosas”
- (2.3) “Mas, se com todo este histórico ainda há algo que não agrada (a leitora negra) – por exemplo, o formato do nariz – veja como aperfeiçoar os traços com a ajuda do bisturi”
- (2.4) “A raça negra esnoba (no bom sentido) de um montão de qualidades estéticas.”
- (2.5) “Duvida? Então repare só no corpo das mulatas do carnaval. Com pouquíssima roupa, elas não têm o menor receio de soltar o rebolado e exibir um corpo sensual, rígido e cheio de curvas, longe de qualquer imperfeição.”
- (2.6) “Geralmente as negras são assim mesmo, possuem um biótipo exótico, que quebra qualquer padrão de beleza”
- (2.7) “Mas como ninguém está longe dos ajustes do bisturi, não há mulata que resista a um procedimento cirúrgico para deixar o visual mais harmônico.”
- (2.8) “A natureza genética já favoreceu aos negros ter um bumbum volumoso e arrebitado.”
- (2.9) “O nariz é a região mais procurada (pelos negros) para os retoques por motivos hereditários”.
- (2.10) “É comum em pessoas afro-descendentes o nariz e os lábios serem grandes.”
- (2.11) “Existem negras e mulatas que querem reduzir esta região (os lábios) para deixar a boca mais delicada.”
- (2.12) “Você sabia... Que o nariz negróide afeta no comportamento dos afro-descendentes?”

(2.1) “Os negros já foram privilegiados por seus ancestrais e têm a pele bronzeada por natureza sem precisarem ficar expostos ao sol. (2.2) Além de possuírem o corpo mais resistente, as formas arredondadas e volumosas”

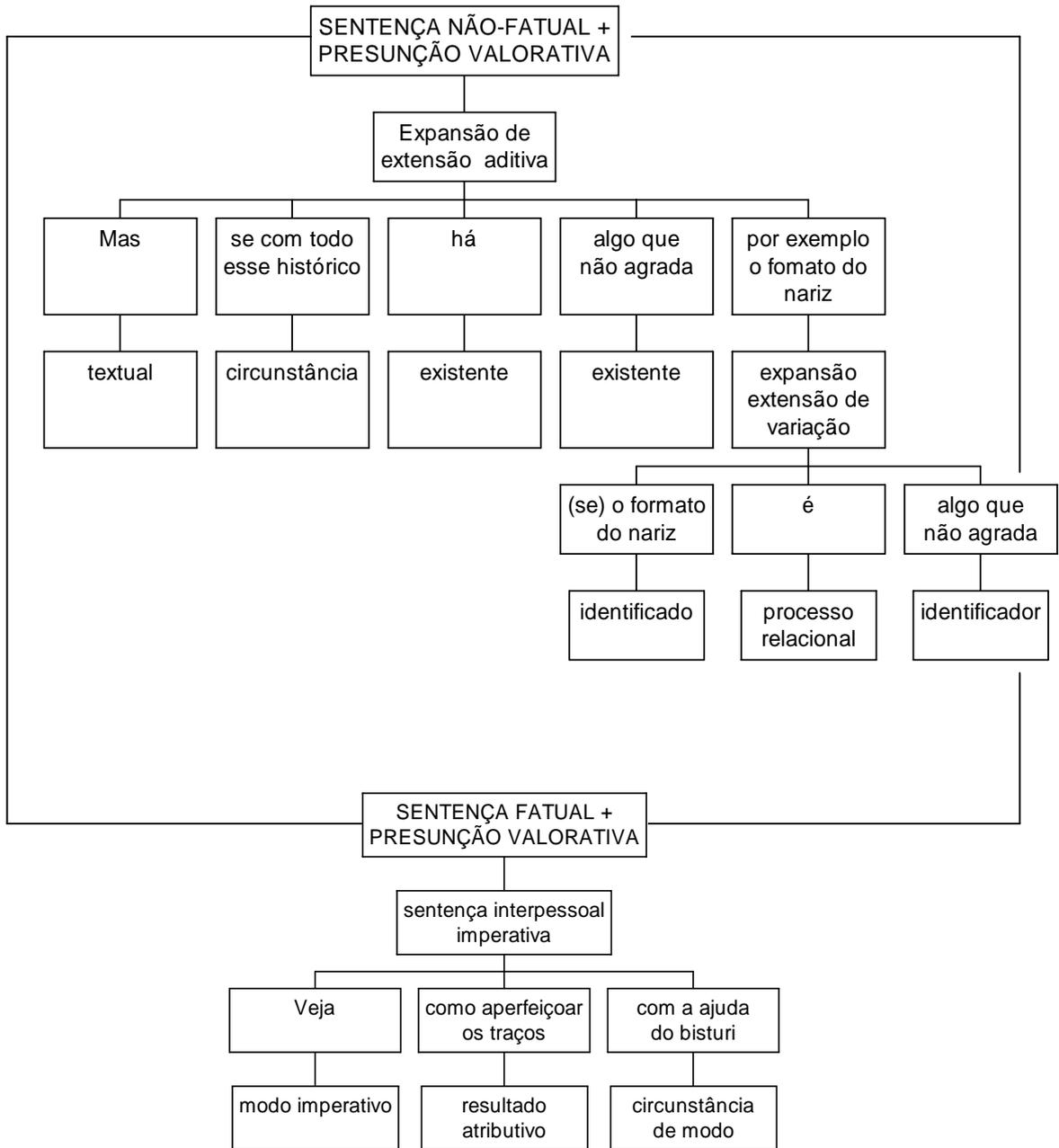


Em (2.1), “os negros” é a identidade em *thema*. Tal *lexema* corresponde à *meta* do *processo material* “foram privilegiados” em que “ancestrais” cumpre a função de *ator*. Nesse contexto, a identidade coletiva, os *atores sociais* cuja representação corresponde à categoria de *classificação*, “os negros” é retomada em *expansões de extensão aditivas* em que o

grupo em evidência é *participante portador* dos atributos “pele bronzeada”, “corpo mais resistente” e “formas arredondadas e volumosas”. Tais *nominalizações*, em que se percebe a associação entre nome e qualificativos, prenuncia a estratégia da instância produtora discursiva que, num primeiro momento, exalta o físico dos *participantes* e depois sugere, para esses, intervenções cirúrgicas para seus supostos defeitos ou imperfeições.

(2.2) é complemento semântico de (2.1) e, por essa razão, estão arroladas em seqüência, conforme identificamos na citação e na cadeia disposta acima. (2.2) trata-se de uma *expansão de extensão aditiva* que especifica ou acrescenta informação à cláusula anterior. Nela, o *ator social* é excluído da estrutura organizacional através de exploração da categoria, ratificada por Fairclough (2003a., p.145), de *encobrimento*, como ocorreu no fragmento (1.4) – numeração que corresponde à matéria anterior.

“(2.3) - Mas, se com todo este histórico ainda há algo que não agrada – por exemplo, o formato do nariz – veja como aperfeiçoar os traços com a ajuda do bisturi”



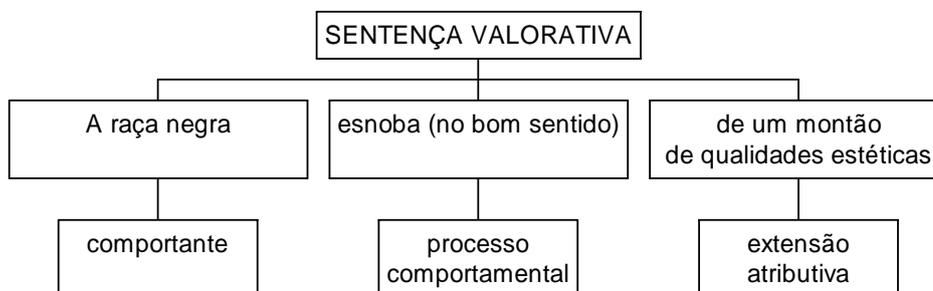
(2.3), *leading* de “Plástica afro”, é iniciada com uma *expansão de extensão aditiva* em que o componente *textual* “mas” compõe o *thema*. Tal *sentença* ratifica a análise crítica que prenunciamos no fragmento anterior. A matéria elogia os *atributos* físicos de “os negros” e depois sugestiona supostas correções plásticas. Isso se legitima através da exploração da função *interpessoal*, disposta em cadeia logo acima, em que uma *afirmação imperativa* instiga a leitora a inspecionar o próprio corpo físico à procura de composições inaptas ou incorretas - a matéria ainda contribui para essa auto-crítica da instância receptora, sugerindo que os *atores social* “os negros” inspecionem o “o formato do nariz”. Tal proposta é organizada através de uma *expansão de extensão por variação*, em que o *textual* de condição “se” é disposto logo no início da sentença.

O *existente* “algo que não agrada” trata-se de uma sentença encaixada modalizada. Nessa, a *polaridade*, “escolha entre polos positivo e negativo”, prevista por Halliday (1994, p.85), atenua a composição corporal considerada reprovada, desagradável ou inadequada. A *expansão* em evidência sugere a estrutura *relacional* comum ao *sistema de transitividade*. Nessa perspectiva, “o formato do nariz” não é *atributo*, mas um elemento *identificado*.

Ressaltamos que o uso da *interpessoal*, em (2.3), é prenunciado no *existente* “algo que não agrada”. Essa aproximação entre as esferas produtora e receptora sugere cumplicidade, atitudes de *solidariedade* - conforme propõem Hodge e Kress (1988, p.123) - que atendam a *demanda* - solicitação explícita, prevista por Halliday (1994, p.69) - através da seleção em modo imperativo “Veja”. Nesse contexto, a leitora negra é o *ator social*, mais uma vez, por *exclusão* por *encobrimento*, consolidado a partir de inferências - conforme propõe Fairclough (2003a, p. 145), com base nos estudos de Kress (1997). Tal leitora negra compõe, é representante, da identidade coletiva “os negros”, mencionada em (2.1) e encoberta em (2.2).

A adequação à valores físicos torna-se nítida em (2.3) através da utilização de *presunções valorativas*, as quais sugestionam hierarquização de componentes e esteriótipos físicos, legitimadas através do verbo “aperfeiçoar” e do *existente* “algo que não lhe agrada”.

(2.4) - “A raça negra esnoba (no bom sentido) de um montão de qualidades estéticas.”



(2.4) é sentença inicial do primeiro parágrafo da reportagem. Ela prenuncia a manutenção da estratégia utilizada no *leading* e discutida em (2.1) e (2.3). Entretanto, em vez de valorizar “os negros”, a instância produtora utiliza outra *seleção lexical*, outra *nominalização* de representação de identidade coletiva: “a raça negra”. Esta cumpre a função de *participante* e atua como *comportante* do *processo comportamental* “esnoba”. O valor positivo da sentença (2.4) é expresso na especificação, “(no bom sentido)”, disposta entre parênteses logo após o *processo*, conforme podemos perceber na cadeia acima.

As “qualidades estéticas” da “raça negra” não são destacadas só em texto-verbal. Imagens femininas são inseridas como componentes macro e micro-semióticos em todas as páginas da reportagem. Nas p.38 e p.39, a imagem de uma mulher com olhar de *demanda*, solicitação - o qual, segundo Kress e Van Leeuwen (2001, p. 124), é estabelecido acima do olhar do leitor, sugerindo poder e autoridade - produz e sustenta uma relação imaginária com o interactante.

Nesse contexto, considerando que o *ato visual* é a menor unidade de significação da representação e interação visual, de acordo com Kress e Van Leeuwen (2001, p.122), associamos tal atitude de *demanda* à sensualidade evidente na imagem feminina, das p.38 e p.39, constituída pela exploração de um corpo suado, semi-nu, apenas coberto por uma canga e colares sobrepostos.

(2.5) - “Duvida? Então repare só no corpo das mulatas do carnaval. Com pouquíssima roupa, elas não têm o menor receio de soltar o rebolado e exibir um corpo sensual, rígido e cheio de curvas, longe de qualquer imperfeição.”

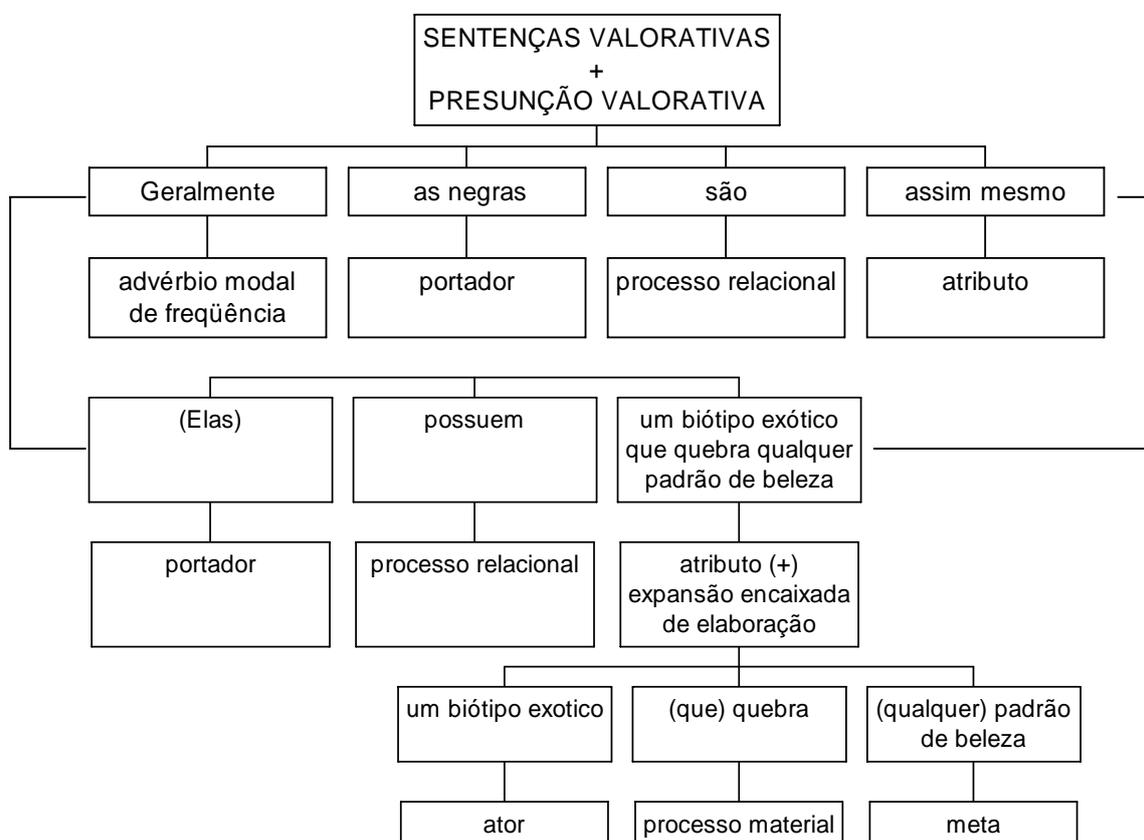


Segundo Halliday (1994, p.83), as *interrogativas*, construções *interpessoais*, “especificam a identidade que o questionador deseja oferta”. Em (2.5), a sentença “Duvida?” compõe o *thema*. A resposta para essa indagação vem logo em seguida; tal qual uma oferta, ou um convite à leitora, constituída de uma *sentença valorativa* composta pelo *portador*, “elas”, pelo *processo relacional modalizado* “não tem” e, ainda, pelas seleções lexicais que correspondem ao item *atributo*. Esse é formado por uma seqüência de *valorações* organizada a partir da exploração e organização de nomes, qualificativos e verbos nominalizados, com *presunções valorativas* que visam exaltar as características físicas da identidade coletiva exposta na matéria em questão.

Nesse contexto, os *atores sociais*, explorados na exemplificação que resgata o evento festivo carnaval, não são mais “os negros” e nem a “raça negra”, mas “as mulatas do carnaval”; *nominalização* vigente após as estruturas interpessoais interrogativa e imperativa: “Duvida?” e “Então, repare só no corpo das mulatas do carnaval”. Essas 2 aqui destacadas compõem a introdução do fragmento (2.5) e prenunciam a organização ideacional transitiva, *sentença valorativa* relevante para o desenvolvimento da nossa pesquisa.

Mais que sustentar o discurso inserido no *leading*, a esfera produtora, tomando as “mulatas do carnaval” como prova de que “a raça negra esnoba (no bom sentido) de um montão de qualidades estéticas”, legítima, na organização textual (2.5), mais um ponto de referência e comparação, em *status* de aprovação, para a leitora de *Plástica e beleza*, já que tais “mulatas do carnaval” exibiriam, segundo a matéria, um corpo apto, “longe de qualquer imperfeição”.

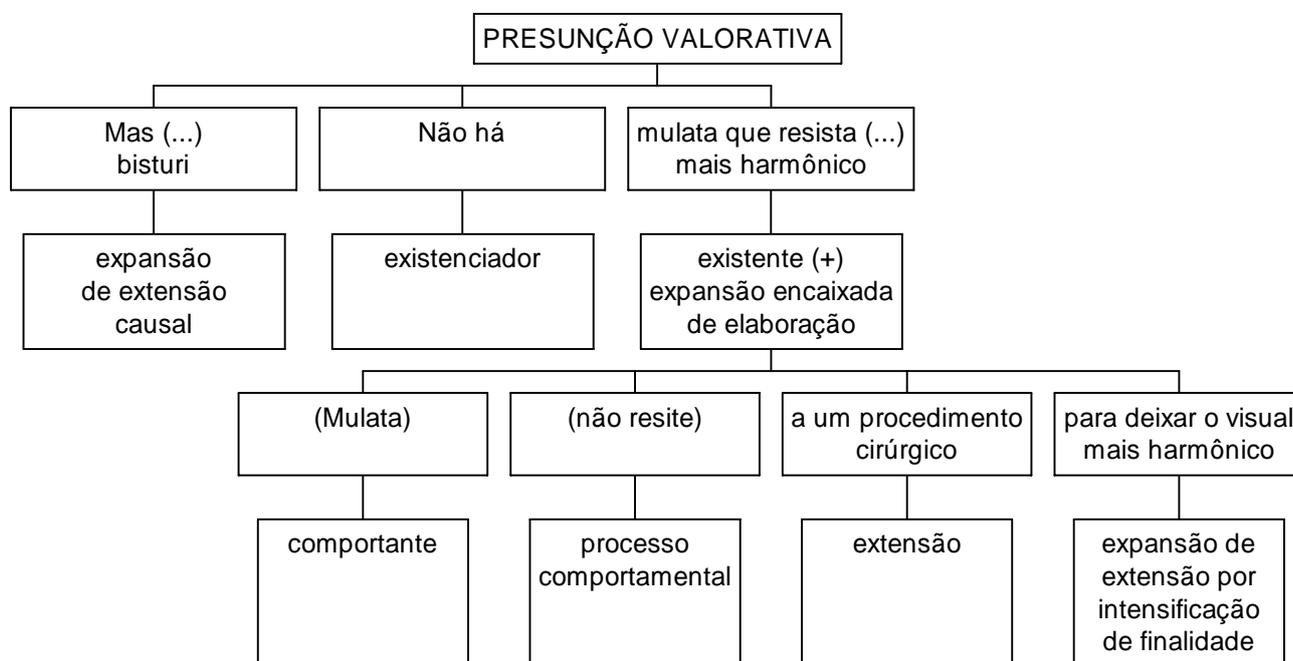
(2.6) – “*Geralmente as negras são assim mesmo, possuem um biótipo exótico, que quebra qualquer padrão de beleza*”



Em (2.6), percebemos que o *grupo nominal* “as mulatas dos carnaval” corresponde, abrange, está inserido ou associado de alguma forma, à identidade coletiva “as negras”. Este é *portador* do *atributo* composto na *nominalização* “assim mesmo”. Este é especificado na *sentença valorativa* subsequente “biótipo exótico, que quebra qualquer padrão de beleza”.

Explorando a *expansão encaixada de elaboração* mencionada no fim do parágrafo acima, percebemos um significativo conteúdo ideológico implícito, uma *presunção valorativa*, desenvolvido pela instância produtora, através da exaltação um estereótipo físico que, embora extremamente recorrente no país, é admitido como “exótico”, seleção lexical que pode ser percebido como o diferente, o atípico, o não-habilitado ou o fora do padrão.

(2.7) – “Mas como ninguém está longe dos ajustes do bisturi, não há mulata que resista a um procedimento cirúrgico para deixar o visual mais harmônico.”

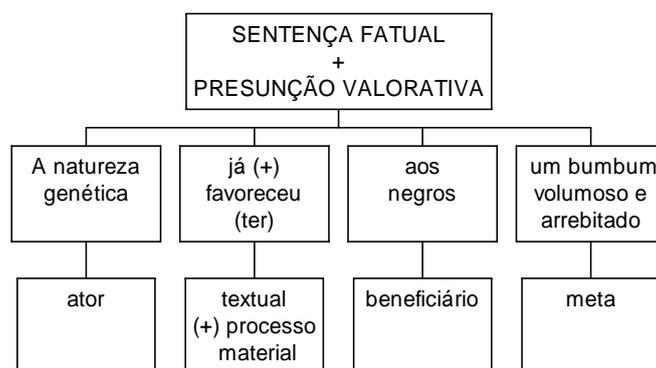


Em (2.7), “mulata” não assume a função de *participante*. Entretanto, o *existente* do *processo existencial* em evidência apresenta, em sua constituição, uma *expansão encaixada de elaboração*. Nessa, percebemos que a ação de “não resistir” é desempenhada pelo *ator social* “mulatas”. Nessa perspectiva, podemos inferir, sugestionar, que tal representação se traduziria em *comportante* num *processo comportamental* em que a ação pratica é justificada por uma *expansão de extensão por intensificação* disposta ao final da sentença.

Apesar das supostas *sentenças* e *presunções valorativas* associadas aos *participantes*, “as mulatas do carnaval”, “a raça negra”, “os negros” e “as negras”, os produtores do discurso

mantém a estratégia pronunciada em (2.3) e advertem: “ninguém está longe dos ajustes do bisturi”. Eles constituem tal argumento em *thema* de (2.7), fazendo com que uma *expansão de elaboração aditiva*, na qual se evidencia na sua introdução a conjunção adversativa “mas”, tenha posição de destaque na organização desse fragmento.

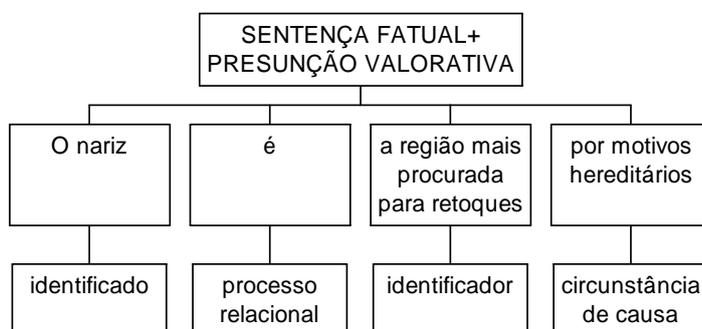
(2.8) – “A natureza genética já favoreceu aos negros ter um bumbum volumoso e arrebitado.”



Em (2.8), a identidade coletiva “os negros” é *beneficiário* da ação promovida pelo *participante* “a natureza genética”; *ator social* que revela a exploração da categoria, para a representação de *atores sociais*, denominada de *impersonalização* - admitida por Fairclough (2003a, p. 146).

As *presunções valorativas* presentes nessa *sentença fatual* são legitimadas através da conotação semântica positiva que é sugerida no verbo “favorecer”, evidente na composição do *processo material*, “favoreceu ter” e dos qualificativos “volumoso” e “arrebitado”, os quais são componentes do *participante meta* da cláusula em questão.

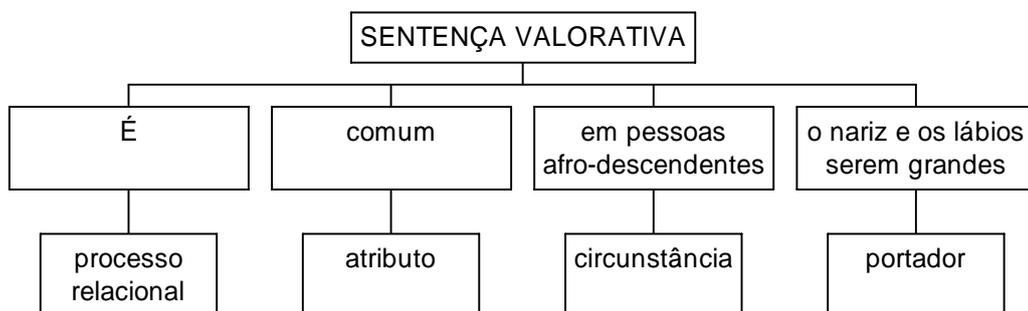
(2.9) – “O nariz é a região mais procurada para os retoques por motivos hereditários”.



Em (2.9), a instância produtora exclui a representação da coletividade étnica através da exploração do fenômeno da *apassivação*, sugerido na informação que compõe o *identificador* da *sentença valorativa* em questão. Na estrutura, “o nariz” é o *participante, identificado*, que é definido como “a região mais procurada para retoques”. A matéria justifica tal afirmativa através da *circunstância de causa* “por motivos hereditários”.

Nesse contexto, evidenciamos o uso do *modo de operação de dissimulação* por *deslocamento* – previsto por Thompson (1995, p.82) - já que a instância produtora ofusca pontos de instabilidade, conotações positivas e negativas, que discriminariam quais ou como caracteres físicos hereditários dos afro-descendentes moldam ou sugestionam um processo de não-aceitação física que, segundo propõe Plástica Afro, impulsiona a procura, por intervenções estético-corporal admitidas como corretivas.

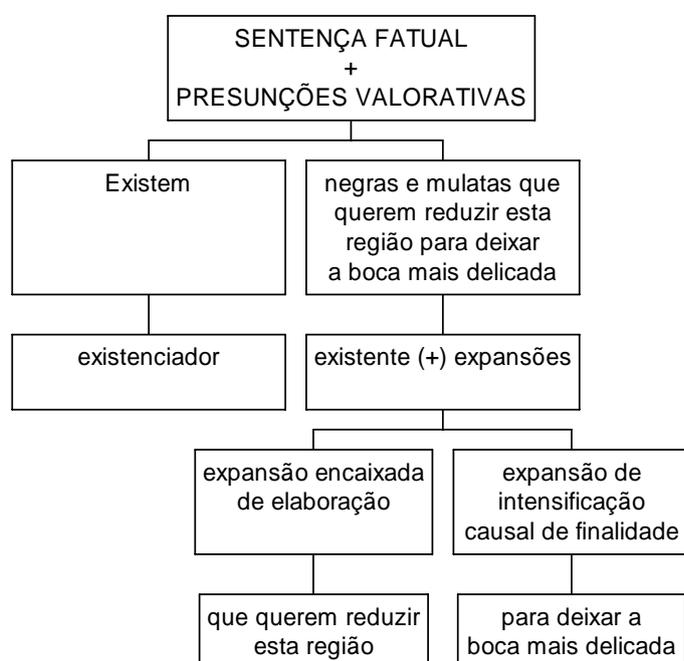
(2.10) – “É comum em pessoas afro-descendentes o nariz e os lábios serem grandes.”



Diferente dos outros fragmentos anteriores de “Plástica afro”, em (2.10), a *seleção lexical* que corresponde à identidade coletiva em questão não é representada pela cor da pele, mas pela descendência africana; revelando, assim, um uso distinto da categoria para representação de atores sociais *classificação* – mencionada por Fairclough (2003a, p. 146).

Em (2.10), “comum” é o *atributo* referente ao *portador* disposto como *rema*, informação secundária, conforme propõem Halliday (1994, p.38). Na referida *sentença valorativa*, que também é *fatual*, além da evidenciada pelo *atributo* “comum”, outra *valoração* é explicitada na estrutura que corresponde ao *portador*. Nessa, qualificativos associados a nomes explicitam os supostos motivos que tornariam a cirurgia estética indicada aos brasileiros descendentes de africanos.

(2.11) “*Existem negras e mulatas que querem reduzir esta região (os lábios) para deixar a boca mais delicada.*”



“Negras e mulatas” são os *itens lexicais*, identidades sociais coletivas, selecionados na composição de (2.11). Nessa *sentença fatual*, essas são *participantes, existentes*, do *processo existencial* “existem”. Esse tem, em sua constituição, duas expansões. Uma *encaixada de elaboração* e outra *de intensificação causal*. Na primeira, há uma *presunção valorativa*, na qual o desejo das mulheres negras e mulatas, a necessidade de se adequar ou de se subjugar a um padrão, está traduzido no *processo mental* modalizado “querem reduzir”. Na segunda, a *presunção valorativa* corresponde a ratificação do padrão de beleza através da *seleção lexical* “boca delicada”.

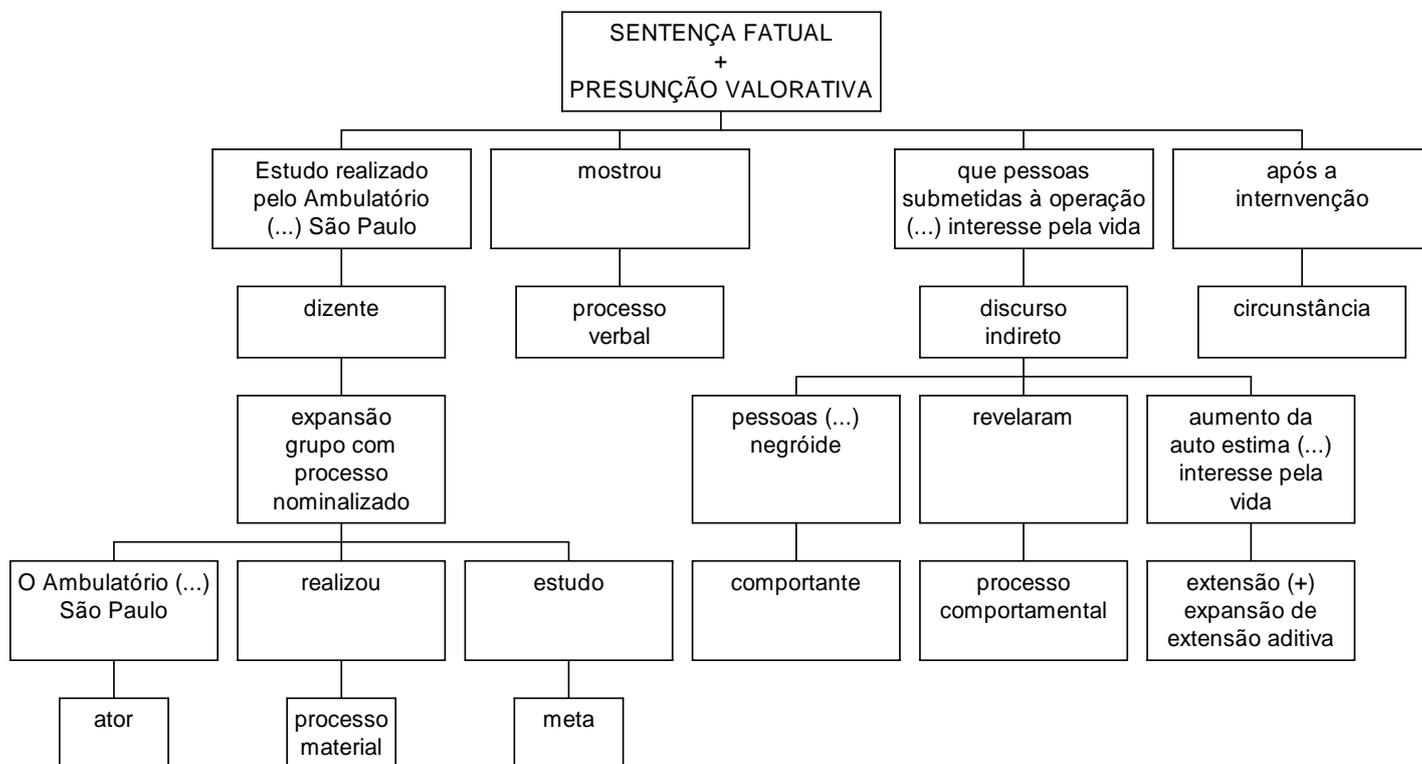
(2.12) – “Você sabia... *Que o nariz negróide afeta no comportamento dos afro-descendentes.*”



(2.12) é uma construção *interpessoal de demanda*, a qual, segundo Halliday (1994, p.69) incita e solicita uma resposta do leitor. Nessa sentença interrogativa, percebemos uma informação que sugerimos como cláusula implícita, *presunção valorativa*, a qual a estrutura ideacional, organização sugestionada, se encontra disposta acima.

Em tal *presunção*, o componente físico, traduzido pela grupo nominal “o nariz negróide”, é capaz de alterar o comportamento social dos “afro-descendentes”. Tal afirmação ganha *status* de autoridade, a partir da exploração da fonte responsável pela informação; o *ator social* “Ambulatório de Rinoplastia do Hospital São Paulo”, conforme percebemos no fragmento (2.13) analisado a seguir.

(2.13) - “Estudo realizado pelo Ambulatório de Rinoplastia do Hospital São Paulo mostrou que pessoas submetidas à operação de correção do nariz negróide revelaram aumento da auto-estima e do interesse pela vida após a intervenção.”



Em (2.13), disponível em *box*, não há uma identidade representativa, assumida como “étnica” coletiva, atuando como participante na *sentença fatural*. De acordo com o contexto, percebemos que “pessoas submetidas à operação de correção do nariz negróide” é a *seleção lexical* que inclui e se referir aos chamados “afro-descendentes” em evidência na reportagem. O grupo nominal “Estudo realizado pelo Ambulatório de Rinoplastia do Hospital São Paulo”, além de revelar, mais uma vez, o uso da categoria *impersonalização*, atua como *dizente*, o qual que corresponde ao *processo verbal* “mostrou”.

O *discurso indireto* inserido nesse *processo de transitividade* determina, como *participante*, o sujeito *comportante*, que tem sua auto-estima e interesse pela vida intensificados após a intervenção médica. Esse discurso se faz vigente na *extensão* na qual há, em sua consituição, uma *expansão de extensão aditiva*.

O discurso no *box* “Você sabia...” sugere que o desinteresse pelo convívio social pode ser ocasionado pelo suposto incômodo que um “nariz negróide” causaria em seu portador; e sugere que a intervenção cirúrgica seja suficiente para resolver questões de relacionamentos e problemas de auto-aceitação e auto-estima.

O último argumento utilizado por “Plástica afro” para estimular a leitora que se assume “afro descendente” às operações cirúrgicas de ordem estética é o *box* “Elas fizeram”. Nele, há o depoimento, em *discurso direto*, de personalidades da televisão que se submeteram às intervenções estéticas e se assumem como ex-pacientes bem-sucedidas. Em tal *box*, exibe-se a imagem da modelo e atriz Adriana Bombom e as atrizes Taís Araújo e Adriana Alves em *close-shot*. As 3 personalidades, como as *participantes*, figuras femininas das p. 40 e 41, estão em contato fictício com a leitora, através da exploração do olhar de solicitação, *demandas*, como acontece no fragmento (1.2) da reportagem anterior.

REPORTAGEM 3: “DONA DO SEU NARIZ”

Em “Dona do seu nariz”, *corpus* coletado do exemplar de *Plástica e beleza* de novembro de 2006, as leitoras, classificadas “negra”, “européia” ou “oriental”, são incentivadas a realizar a rinoplastia e “solucionar” ou “corrigir” supostos problemas de ordem estética. Isto é notório logo na introdução – *leading*. Nesse, o termo “moda” evidencia uso da categoria para representação de *atores sociais* de *impersonalização*, como acontece no *leading* de “De olho na dobrinha” e no *box* “Você sabia...” de “Plástica afro”. Através da exploração de tal categoria, prevista em Van Leeuwen (1997, p. 222), percebemos que a instância produtora discursiva legitima autoridade, mesmo que a leitora não identifique quem ou o que dita a instituição moda.

Em seu desenvolvimento, “Dona do seu nariz” apresenta uma forma linear, considerando estereótipos físicos brasileiros, tratando-os em tópicos específicos, concedendo fala, através do discurso direto, em três momentos distintos, a médicos cirurgiões que retratam os passos envolvidos no procedimento sugerido e a multiplicidade das técnicas da suposta “correção”.

Na conclusão do artigo, próximo do que acontece na reportagem anterior, um quadro de personalidades, artistas de televisão que optaram pela rinoplastia, é apresentado. Esse se revela como estratégia de persuasão, *solidariedade*, já que tais mulheres de projeção nacional têm seus comportamentos e opiniões assimiladas, com facilidade, pelo grande público.

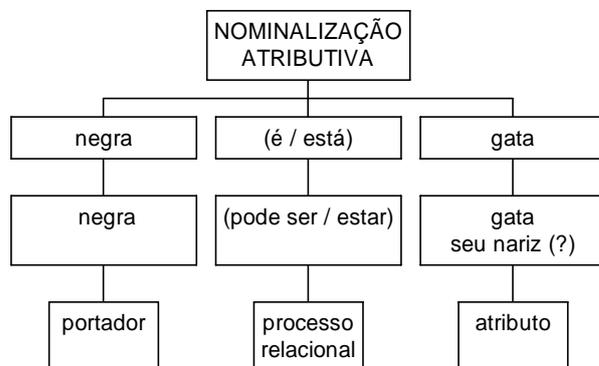
A esfera produtiva de “Dona do seu nariz” é constituída pela autora da matéria, Aline Rodrigues, o fotógrafo Moisés Pazianotto, conforme explicitado pela reportagem, suas fontes – entre as quais evidencia-se os cirurgiões Mariângela Santiago e Dimos Iksila.

Em “Dona do seu nariz”, a reportagem objetiva alcançar uma leitora modelo cujo estereótipo explicita a descendência africana, européia ou oriental. Considerando isso, destacamos diferentes construções linguísticas nas quais *seleções lexicais* que traduzem

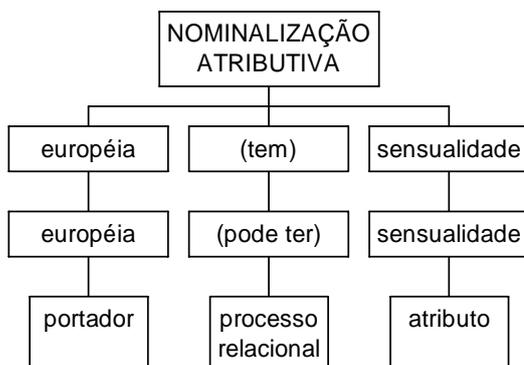
identidades étnicas, sublinhadas em destaque nos fragmentos, foram destacadas. 3 subtítulos, dispostos conjuntamente, e 7 sentenças, *simples* e *complexas*, foram selecionados e categorizados a seguir.

- (3.1) “Negra gata”
- (3.2) “Sensualidade (da leitora) européia”
- (3.3) “Orientais charmosas”
- (3.4) “O nariz da raça negra tem a ponta baixa e as asas, largas.”
- (3.5) “Um nariz negróide tem alguns pontos básicos de correção, como aumentar o dorso e diminuir as laterais”, diz a cirurgiã plástica Mariângela Santiago (SP).
- (3.6) “É comum notarmos nos descendentes de europeus, principalmente nos de italianos, gregos, espanhóis, árabes e libaneses, a ponta caída e o dorso alto.”
- (3.7) “O nariz das orientais chega a se assemelhar com o negróide, já que tem asa larga, dorso baixo e ponta esparramada.”

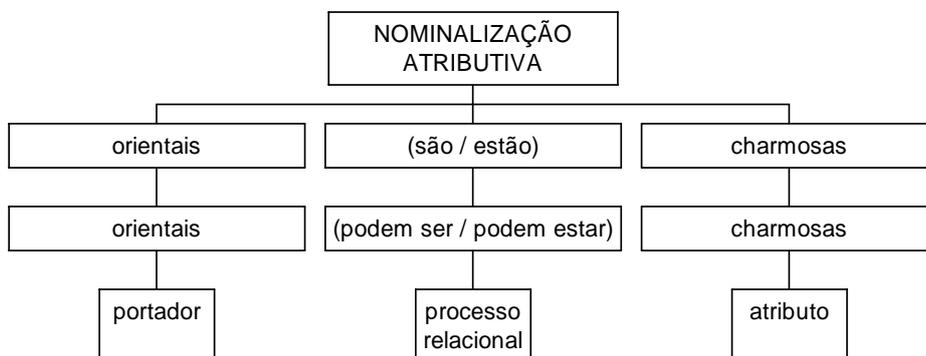
(3.1) - “Negra gata”



(3.2) - “Sensualidade européia”



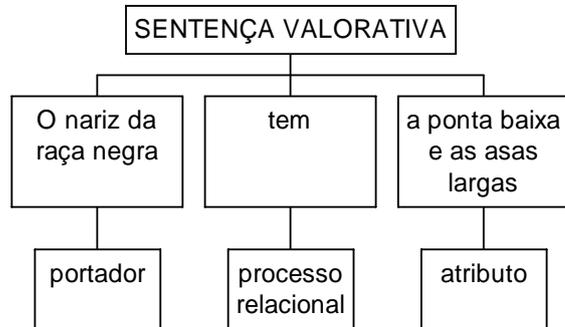
(3.3) - “Orientais charmosas”



“Dona do seu nariz” contém subtítulos em que, também, há *presunções valorativas* originais, cujas *seleções lexicais* não são retomadas durante o desenvolvimento da materialidade discursiva. As estruturas (3.1), (3.2) e (3.3) tratam-se de *nominalizações* que associam identidade coletiva a atributo subjetivos. Ao sugerir essa classificação de leitoras, a reportagem contempla, de forma bem-sucedida, o universo das mulheres brasileiras; já que a maioria destas têm alguma influência ou herança física de antepassados, de origem estrangeira, que se remetem, pelo menos, a uma das 3 identidades exploradas.

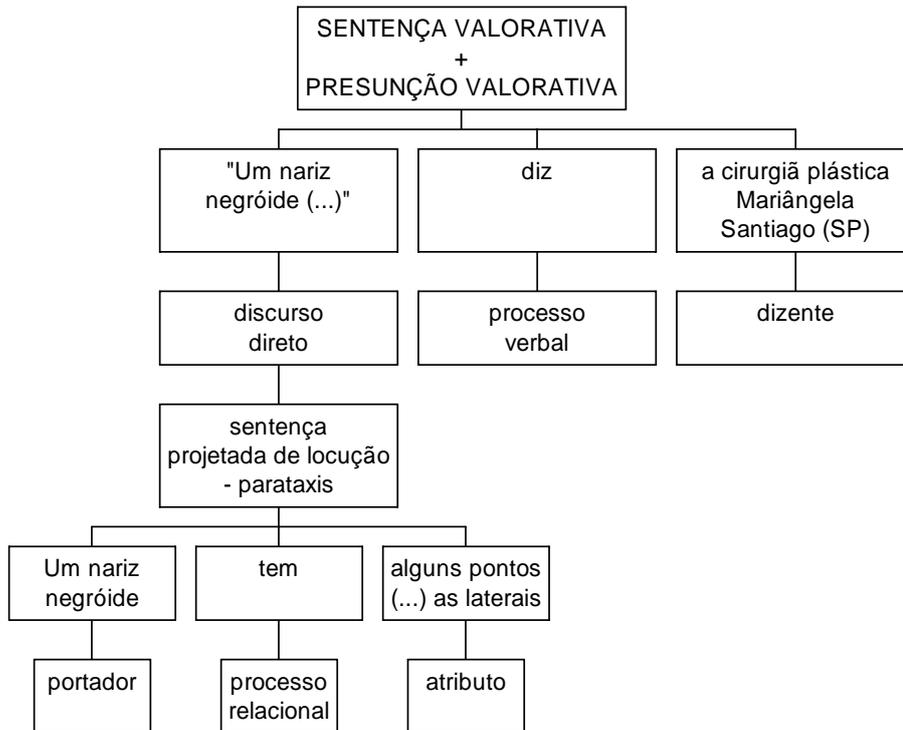
Em (3.1), a identidade feminina é traduzida pelo cor, “negra”. Através de inferência, percebemos que a informação dada à leitora é que essa é, está ou pode ser, gata. Já em (3.2), a identidade é revelada pela continentalidade, o ser “européia”. Tal *seleção lexical* não é seguido de *atributo*, mas por outro *nome*: “sensualidade”. Em (3.3), “orientais” também resgata a questão da localização. Junto a tal nome, flexionado no plural, está “charmosas”, a *valoração* conferida a essas mulheres supostamente de descendência asiática. Considerando que a proposta de *Plástica e beleza*, ressaltamos a que a leitora que se reconhece como “negra”, “européia” ou “oriental” é estimulada a adquirir as *valorações* ser gata, ter sensualidade e ser charmosa, através das intervenções estéticas estimulas pela revista.

(3.4) - “O nariz da raça negra tem a ponta baixa e as asas, largas.”



(3.4) é uma *sentença valorativa* em que o *portador* é o grupo nominal “o nariz da raça negra”. Nesse estrutura, a *seleção lexical* que traduz a identidade coletiva nominalizada “raça negra” apenas especifica o componente realmente enfatizado na organização transitiva: “o nariz”. Esse, associado ao *processo relacional* de posse “tem”, apresenta como *atributo* a seleção “a ponta baixa e as asas largas”, associação de nomes e qualificativos que prenuncia a proposta da correção explicitada na afirmação, fala da cirurgiã Mariângela Santiago, discriminada na página seguinte.

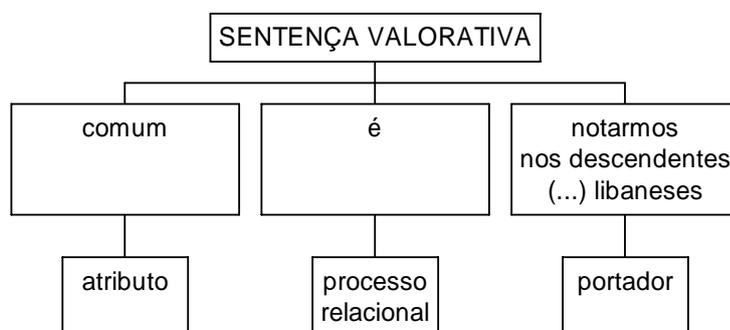
(3.5) - “Um nariz negróide tem alguns pontos básicos de correção, como aumentar o dorso e diminuir as laterais”, diz a cirurgiã plástica Mariângela Santiago (SP).



Em (3.5), o discurso é legitimado pela fala, articulada numa *sentença projetada de locução parataxis*, da médica, *agente social*, Mariângela Santiago. Como ocorre nas reportagens anteriores, a fala de um especialista em estética corporal concede autoridade e legitima o discurso da esfera produtora. Dessa maneira, *Plástica e beleza* garante credibilidade e viabiliza atitudes de *solidariedade* da leitora, que encontra respaldo do profissional da saúde para se submeter às cirurgias estéticas.

Em (3.5), conforme disposto na cadeia acima, o “nariz negróide” é o *portador* do *atributo* “alguns pontos de correção”. Em tal sentença, com o *processo relacional* “ter”, possessivo, sugestionado, a fala de médica sustenta a *presunção valorativa* que prevê o nariz dito negróide como componente naturalmente inapto ou incorreto.

(3.6) “É comum notarmos nos descendentes de europeus, principalmente nos de italianos, gregos, espanhóis, árabes e libaneses, a ponta caída e o dorso alto.”

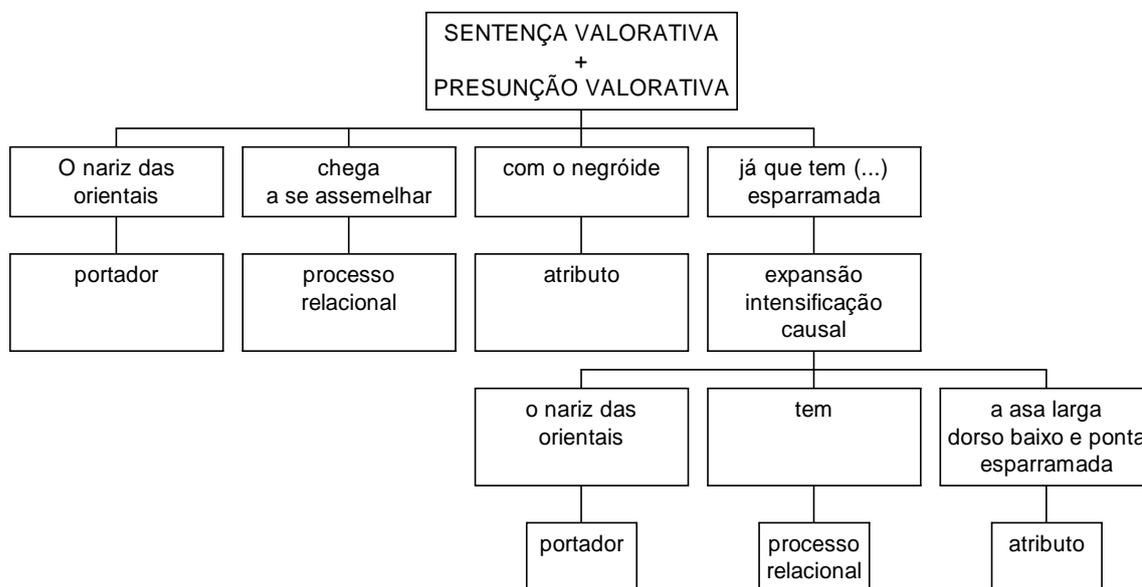


De forma diferente das estruturas anteriores que compõem “Dona do seu nariz”, em (3.3) há o uso da função *interpessoal*. Essa está vigente na utilização da 1ª pessoa do plural, que segundo Halliday (1994, p.68) diz respeito à interatividade, papéis complementares assumidos pelo falante e ouvinte. Tal seleção gera empatia, cumplicidade, aproximação entre a leitora e a instância produtora discursiva; o que viabiliza o processo de *solidariedade* ao discurso da padronização estética sustentado.

Em tal *sentença valorativa*, o *portador* do *atributo* comum é uma extensa *nominalização*; na qual há preocupação em relacionar as identidades coletivas de nacionalidade europeia que possuem um nariz de “ponta caída e dorso alto”.

Essa preocupação, que diz respeito à especificação de componentes físicos a partir de nacionalidades, não é presente nos textos que correspondem aos subtítulos (3.1) e (3.3). Tal atitude prenuncia o que será explicitado na reportagem “Beleza globalizada”, a seguir: o padrão de beleza física propagado e habilitado pela revista corresponde ao esteriótipo, imagem, comum às mulheres de determinados países da Europa ocidental.

(3.7) – “O nariz das orientais chega a se assemelhar com o negróide, já que tem asa larga, dorso baixo e ponta esparramada.”



Como nas 3 cadeias anteriores, em (3.7), é o componente corporal “nariz” que cumpre a função de *participante*. Nesse fragmento, ele é sugerido, ainda, a partir de uma *expansão de intensificação causal*, como *portador* do *atributo* “asa larga, dorso baixo e ponta esparramada”. Como o nariz dito negróide apresenta supostos pontos de correção, conforme exposto em (3.5), por inferência, *presunção valorativa*, é possível afirmar que ao afirmar que o nariz dito oriental, focalizado em (3.7), também requer, naturalmente, intervenções plásticas estético-corretivas.

REPORTAGEM 4: “BELEZA GLOBALIZADA”

“Beleza globalizada”, publicada na seção “Plástica” da edição de número 93 de *Plástica & Beleza*. Ela é uma reportagem, *gênero situado*, que discrimina “pequenas correções” estéticas capazes de deixar a leitora “mais segura” e “valorizar” o que essa teria “de melhor”. Isso, sem “negar as origens”, conforme propõe o *leading* disposto na parte inferior da p.58.

Durante a organização textual, “Beleza globalizada” propõe a rinoplastia para os descendentes de árabes, africanos, orientais, italianos e espanhóis. Sugere, por exemplo, aumento de seios, “bumbum” e alargamento da fenda pálpebral, para as descendentes de orientais, e afinamento dos lábios e do nariz para as descendentes de africanos.

A matéria se desenvolve com os blocos, nos quais os títulos sugerem diferentes identidades coletivas: “De olhos orientais para ocidentais”; “De lábios finíssimos para lábios sensuais”; “De nariz de libanesa para nariz de sueca”; “De bumbum de americana para bumbum de brasileira”; “De seios de brasileira para seios de americana”; “De nariz de angolana para nariz de francesa” e “De lábios de africana para lábios de italiana”.

“Beleza globalizada” é encerrada com o tópico “Intercâmbio feminino”. Nessa conclusão, a leitora será orientada a como passar a ter cabelos lisos, bronzear ou clarear a pele através de relaxamentos a laser, bronzeamento artificial e produtos à base de hidroquinona que inibem a produção de melanina.

Assinam pela esfera discursiva produtora, dessa matéria, Fabiana Gonçalves e o fotógrafo, Moisés Pazianotto, conforme explicitado na reportagem. A identidade sócioinstitucional de autoridade do texto é garantida através das vozes, em *discurso direto*, dos médicos, cirurgiões plásticos, Paulo Miüller, Aristóteles Bersou Jr, Evaldo Bolivar, Raul Gonzáles, Saraiva e a dermatologista Ana Lúcia Récio. Além desses, a profissional, cabeleireira,

Vivian Esteves, auxilia na constituição e legitimação de “Beleza globalizada” através de uma *projeção de ilocução parataxis*.

Como as outras reportagens, “Beleza globalizada” concilia os *pré-gêneros* narrativo, descritivo e argumentativo através de associação de composições verbais e não-verbais. As imagens, situadas nas p. 58, p.60 e p.61, exploram 2 estereótipos físicos: um comum aos povos asiáticos e outro próximo a um africano. Tais supostas identificações são ratificadas pelo texto escrito, cujos os fragmentos, segundo os objetivos dessa pesquisa, são expostos, em análise, a seguir.

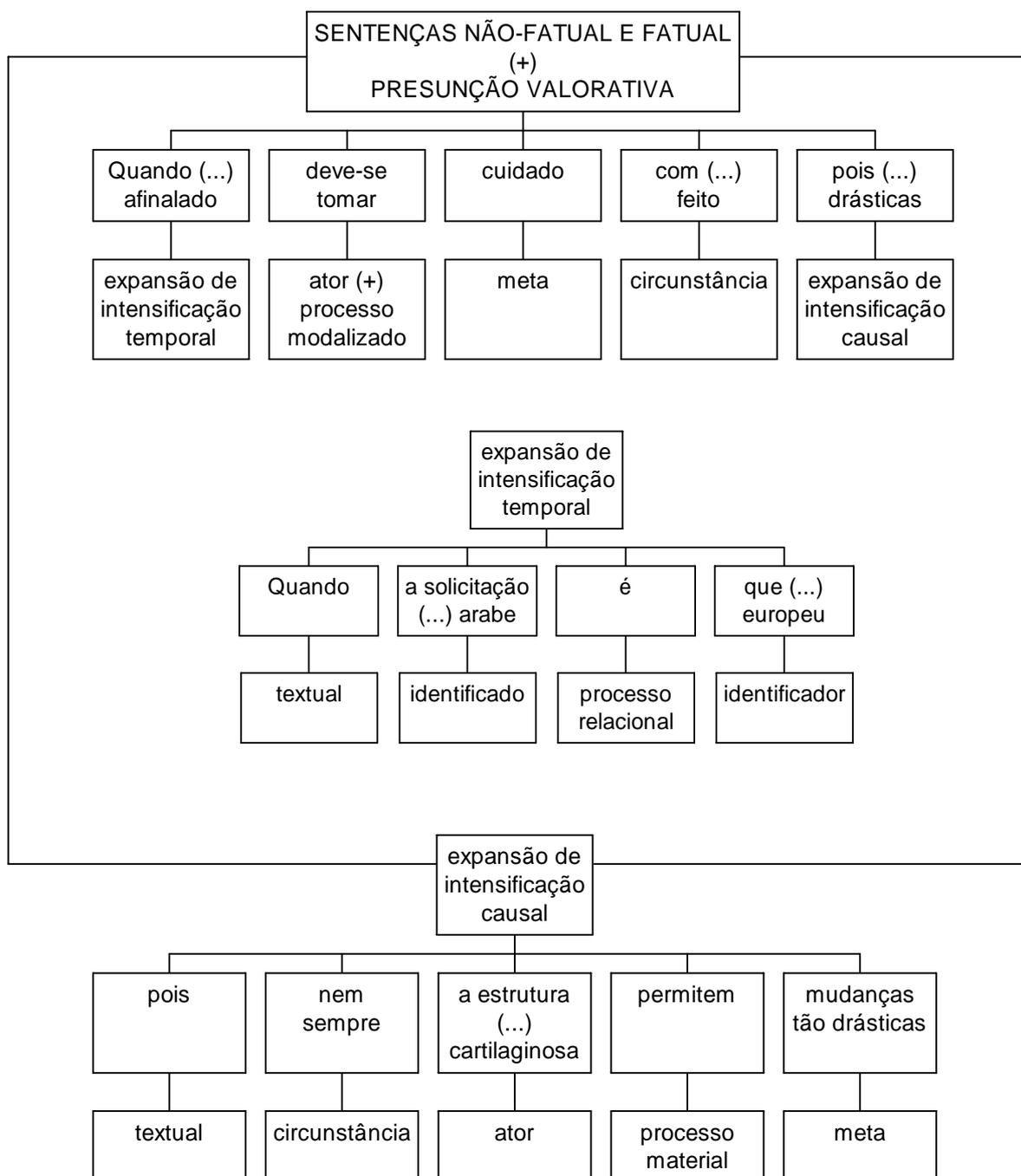
É evidente que as 2 imagens, em *close-shot*, sofrem recortes. O objetivo é esboçar, para a leitora, uma face sem os supostos aperfeiçoamentos adquiridos, através de intervenções estéticas, e outra com os caracteres, valores físicos, assumidos como padrão pela instância produtora discursiva. No centro, um lápis azul, com borracha na ponta, segurado pelas *participantes representados*, além de sugerir o poder para se apagar e desenhar o próprio rosto, divide a composição *dado e novo*.

Em “Beleza globalizada”, destacamos 10 sentenças, *simples* e *complexas*, nas quais *seleções lexicais* que traduzem identidades étnicas foram mencionadas. Como a reportagem objetiva alcançar uma leitora modelo, a que o estereótipo físico explicita a descendência africana, européia ou oriental, essas identidades estão presentes, sublinhadas em destaque, explícita ou implicitamente, nos fragmentos selecionados, dispostos e categorizados a seguir.

- (4.1) “Quando a solicitação da paciente árabe é que o nariz, normalmente com dorso mais alto e as narinas mais abertas, seja transformado em um típico europeu, mais afinado, deve-se tomar cuidado com o que é possível ser feito, pois nem sempre a estrutura óssea e cartilaginosa permitem mudanças tão drásticas.”
- (4.2) “Árabes, negros, orientais e descendentes de italianos e espanhóis costumam procurar correções para harmonizar o nariz e o restante do rosto.”

- (4.3) “Uma procura muito grande por parte das mulheres orientais é pela cirurgia de implante de próteses de silicone, tanto nas mamas quanto no bumbum, já que ambos costumam ser pequenos, abaixo da média mundial.”
- (4.4) “A mulher oriental não costuma acumular gordura no bumbum, mas sim no abdômen e na região que vai das costas às nádegas. Portanto, ela se beneficia muito da transferência de gordura dessas áreas para os glúteos. Isso não significa a descaracterização da raça, mas sim o realçamento da sua sensualidade – finaliza o cirurgião plástico Bresou Jr.”
- (4.5) “Os orientais têm fenda palpebral muito fina e, quase sempre, não têm sulco ou depressão nas pálpebras superiores.”
- (4.6) “Descendentes árabes, espanhóis e italianos possuem a giba proeminente (aquele ossinho no dorso do nariz.”
- (4.7) “Ao contrário das pessoas de descendência árabe e européia, as pessoas de descendência africana não têm muita cartilagem no septo-nasal”
- (4.8) “A cirurgia também é indicada no caso das orientais, em que a estrutura do nariz é semelhante à das negras, mas em menor proporção.”
- (4.9) “O médico acrescenta que o objetivo desse procedimento é “oferecer ao paciente muito mais naturalidade, amenizando os traços mais marcantes de que não goste, sem jamais fazer um negro parecer um caucasiano ou vice-versa.”
- (4.10) “É comum as mulheres fazerem pequenas mudanças para conquistar o look desejado – mesmo que elas não sejam características da própria etnia. Têm negras com cabelo liso, loiras com black power, branquinhas morenaças...”

(4.1) – “Quando a solicitação da paciente árabe é que o nariz, normalmente com dorso mais alto e as narinas mais abertas, seja transformado em um típico europeu, mais afinado, deve-se tomar cuidado com o que é possível ser feito, pois nem sempre a estrutura óssea e cartilaginosa permitem mudanças tão drásticas.”



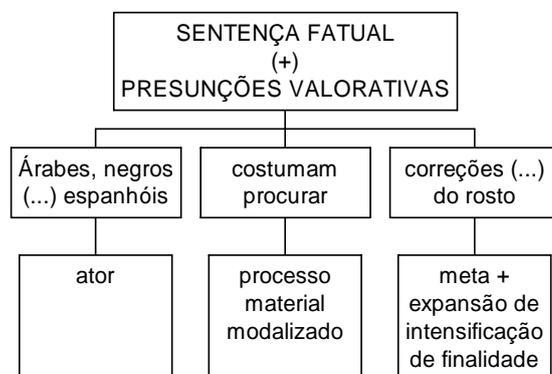
(4.1) tem como *tema* uma *expansão de intensificação temporal*. Essa é uma *sentença não-fatual*, conforme propõe Fairclough (2003a, p. 109), em que ação trata-se apenas de uma sugestão ou hipótese articulada pela esfera discursiva produtora.

A identidade coletiva é representada pela *seleção lexical* “paciente árabe”. Essa é disposta, conforme sugerimos na cadeia da página anterior, como componente do *participante, identificado*, de uma *sentença valorativa* possível, em que a estrutura extensa “que o nariz, normalmente com dorso mais alto e as narinas mais abertas, seja transformado em um típico europeu, mais afinado” corresponde ao participante *identificador* do processo relacional “é”.

A informação principal em (4.1) é a *sentença fatual* “deve-se tomar cuidado com o que é possível ser feito”. Esta é complementada, justificada, pela *expansão de intensificação causal* “pois nem sempre a estrutura óssea e cartilaginosa permitem mudanças tão drásticas”.

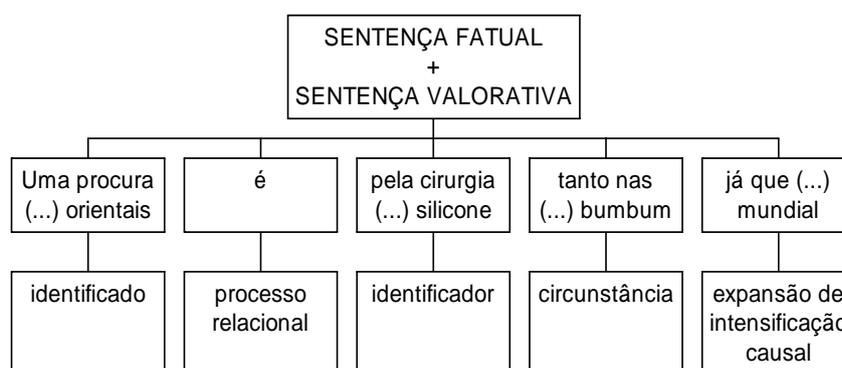
Conforme mencionamos anteriormente, inclusive no fragmento (3.6) de “Dona do seu nariz”, o nariz europeu é explicitado em “Beleza globalizada” como padrão a ser adquirido. Isso é ratificado no título tópico que tematiza a rinoplastia, situado na p.60 da reportagem: “de nariz de libanesa para nariz de sueca”. Nesse contexto, estrategicamente, rescinde-se o *modo de operação ideológica* denominado por Thompson (1995, p.85) de *dissimulação por eufemização*, já que a esfera produtora ofusca os pontos de instabilidade que permeiam a adesão de um grupo, supostamente formado por mulheres de descendência árabe, ao dito valor físico, nariz europeu afinado, em questão.

(4.2) – “Árabes, negros, orientais e descendentes de italianos e espanhóis costumam procurar correções para harmonizar o nariz e o restante do rosto.”



(4.2) é uma *sentença fatural* com *presunções valorativas*. Nela, “árabes, negros, orientais e descendentes de italianos e espanhóis” são os *atores* do *processo material modalizado* “costumam procurar”. Tal estrutura é complementada pela *meta* acrescida de uma *expansão de intensificação de finalidade*. Esta apresenta *presunções valorativas* legitimadas pelas *seleções lexicais* “correções” e “harmonizar”; as quais sugerem que os grupos, identidades coletivas mencionadas em (4.2), apresentam traços físicos naturalmente inaptos e desarmônicos.

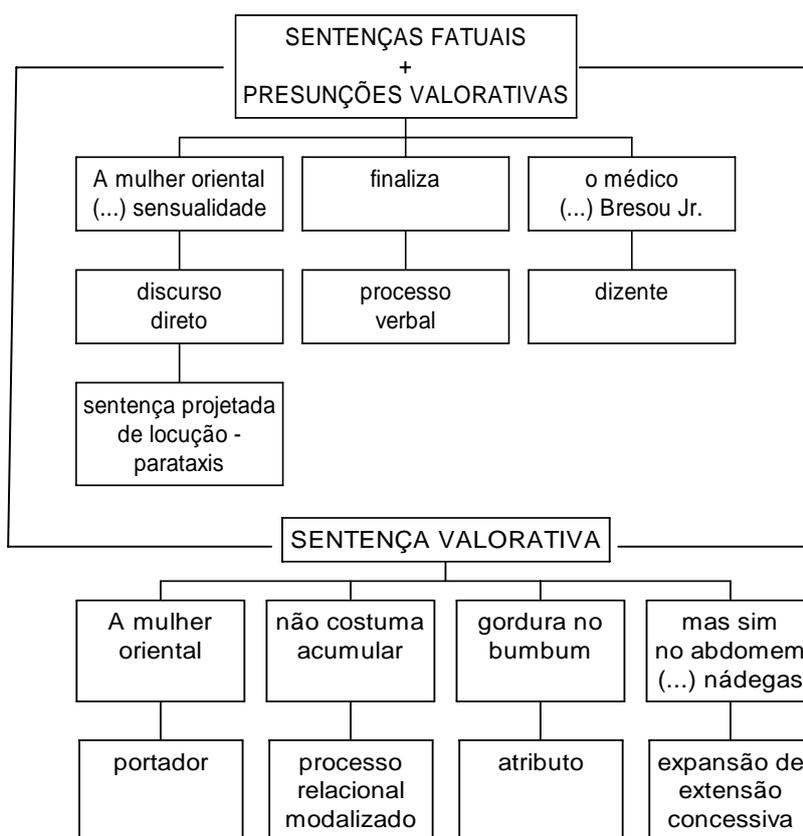
(4.3) – “Uma procura muito grande por parte das mulheres orientais é pela cirurgia de implante de próteses de silicone, tanto nas mamas quanto no bumbum, já que ambos costumam ser pequenos, abaixo da média mundial.”



Em (4.3), a identidade coletiva “mulheres orientais” explorada compõe o participante *identificado* da *sentença fatual* que introduz o fragmento em questão. Tal cláusula mantém relação semântica com uma *sentença valorativa*, a *expansão de intensificação causal* “já que ambos costumam ser pequenos, abaixo da média mundial”. Essa visa justificar o comportamento de “parte das mulheres orientais” que, segundo a revista, recorrem a cirurgia plástica para implantar silicone “tanto nas mamas quanto no bumbum”.

Nesse contexto, ressaltamos que “Beleza globalizada” e as outras 3 reportagens, aqui, computadas, pouco privilegiam *seleções lexicais* que explicitem a descendência de mulheres, pacientes ou leitoras brasileiras, cujo estereótipo físico resgate a origem asiática. Essa omissão acaba por sugerir certo distanciamento da nacionalidade brasileira que, certamente, é valor relevante para a maioria das leitoras de *Plástica e beleza*, sejam essas de descendentes de africanos, europeus ou asiáticos.

(4.4) – “A mulher oriental não costuma acumular gordura no bumbum, mas sim no abdômen e na região que vai das costas às nádegas. Portanto, ela se beneficia muito da transferência de gordura dessas áreas para os glúteos. Isso não significa a descaracterização da raça, mas sim o realçamento da sua sensualidade – finaliza o cirurgião plástico Bresou Jr.”



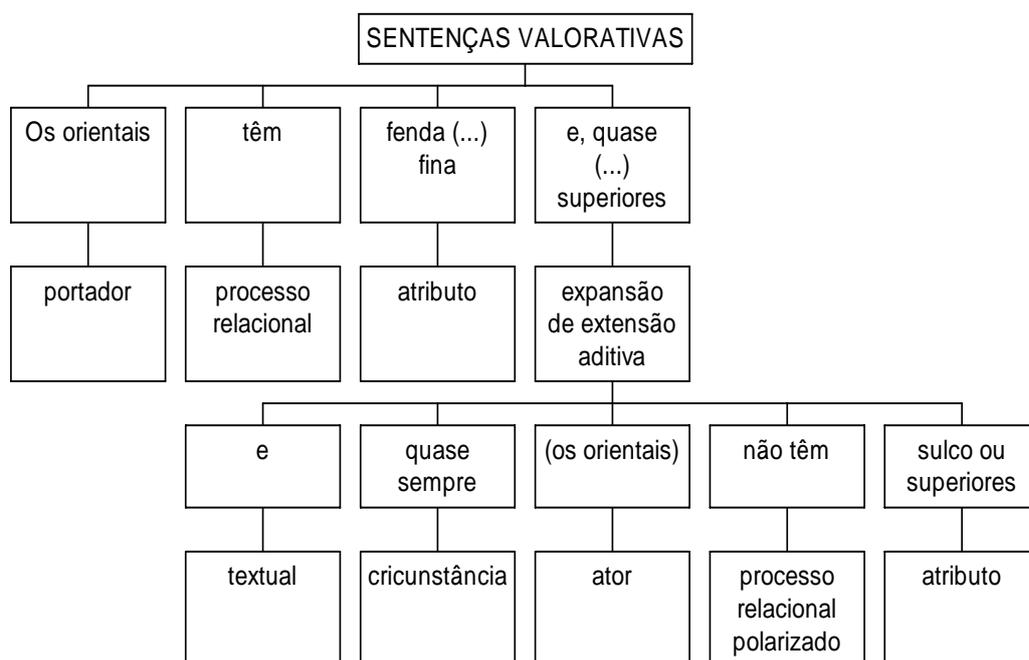
(4.4) trata-se de uma *sentença projetada de ilocução partaxis*, através da qual a instância produtora utiliza a fala do médico Bresou Jr., em *discurso direto*, para legitimar a proposta da intervenção plástica para mulheres “orientais”, as quais são incitadas, pela revista, a reforçar a sensualidade através do aumento do glúteo.

No fragmento, “a mulher oriental” é *participante, portadora*, do atributo “gordura” cujo *processo relacional modalizado* é “não costuma acumular”. Tais componentes são

organizados em uma *sentença valorativa*, a qual é seguida por uma *expansão de extensão concessiva* “mas sim o realçamento da sua sensualidade”.

Tal *ator social* é retomado através do pronome “ela”, na segunda *sentença valorativa* do *discurso direto* em evidência. (4.4) retoma o discurso que identifica a noção “raça” além do plano físico ou biológico. Como já registrado em Tal *sentença projetada* contém uma *sentença valorativa* que identifica as intervenções cirúrgicas como ações que não descaracterizariam a “raça”, mas que realçariam a sensualidade feminina das descendentes de orientais.

(4.5) - “Os orientais têm fenda palpebral muito fina e, quase sempre, não têm sulco ou depressão nas pálpebras superiores.”



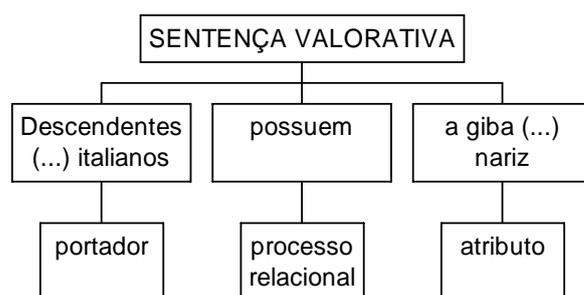
(4.5) é uma descrição dos olhos, componente físicos, comuns em descendentes de orientais. Esses, *atores sociais* nomeados “os orientais”, assumem a função de *portador* da *sentença valorativa* que introduz o fragmento em questão. Tal cláusula é associada a uma *expansão de extensão aditiva* a qual apresenta, em sua constituição, uma *sentença de base relacional*.

Nesta, a identidade coletiva abordada é omitida; o que revela a exploração da categoria para representação de *atores sociais* de *encobrimento*, conforme exposto por Fairclough (2003a, p.146).

(4.5) é introdução do tópico de “Beleza globalizada”, disposto na p. 69, intitulado “De olhos orientais para olhos ocidentais”. É a partir dessa descrição inicial que a revista irá propor alterações para a leitora que tem ascendência oriental supostamente revelada através dos olhos. Tal proposta de alteração física é explicitada também na *participante representado* da p. 58. A imagem feminina em questão, disposta em *close-shot*, está em contato com a leitora, através de um olhar de *demanda*, solicitação, conforme propõe Kress e Van Leeuwen (2001, p. 124) na *Gramática do design visual*.

A partir da figura feminina, macro-componente visual da p.69, além da simulação da pálpebra ocidental, a leitora é estimulada a adquirir e fazer uso de, também, lentes de contato verdes, cor que corresponde aos olhos de indivíduos de descendência européia, e maquiagem; com sombras, escurecimento de sobrancelhas e cílios alongados.

(4.6) – “*Descendentes árabes, espanhóis e italianos possuem a giba proeminente (aquele ossinho no dorso do nariz).*”



Como em “Dona do seu nariz”, a rinoplastia em “Beleza globalizada” não é indicada somente para leitoras de descendência africana ou oriental, mas também para árabes, espanhóis e italianos. Esses assumem em (4.6) a função de *portador* do *atributo* expresso na *seleção lexical* “a giba proeminente (aquele ossinho no dorso do nariz)”.

Embora não corresponda aos supostos estereótipos físicos que evidenciaríamos, segundo a revista, uma descendência italiana ou espanhola, ratificamos que o nariz considerado apto e belo pela instância produtora é, sim, de origem européia. Isso é está implícito em “Dona do seu nariz” e explícito em “Beleza globalizada”; através das seguintes constituições lingüísticas: “De nariz de libanesa para nariz de sueca” e “De nariz de angolana para nariz de francesa”. Essas estruturas, dispostas nas pp. 60 e 61 da matéria, intitulam tópicos diferentes, os quais propõem permutas e, ainda, descrevem o pós-operatório e os procedimentos necessários para a efetivação de uma rinoplastia.

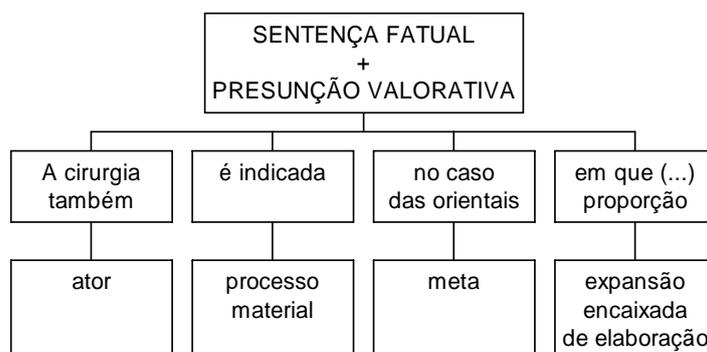
(4.7) – “Ao contrário das pessoas de descendência árabe e européia, as pessoas de descendência africana não têm muita cartilagem no septo-nasal”



A descendência africana é retomada em (4.7). Ela compõe o grupo nominal que corresponde ao *portador* da referida *sentença valorativa*. Esta tem como *tema* uma *circunstância* que possui, em sua constituição, *seleções lexicais* que traduzem outras 2 identidades coletivas: “pessoas de descendência árabe” e pessoas de descendência “européia”.

O *atributo* seguido de *circunstância*: “muita cartilagem no septo nasal” tem *valoração* intensificada pelo advérbio modal “muito”. A modalização ainda se faz presente no *processo relacional* possessivo definido pela *seleção lexical* “não tem”. Tal fragmento introduz o tópico “De nariz de africana para nariz de francesa”; estrutura nominal que sugere, conforme sugerimos em (4.6), a adesão da leitora ao valor físico europeu propagado pela revista.

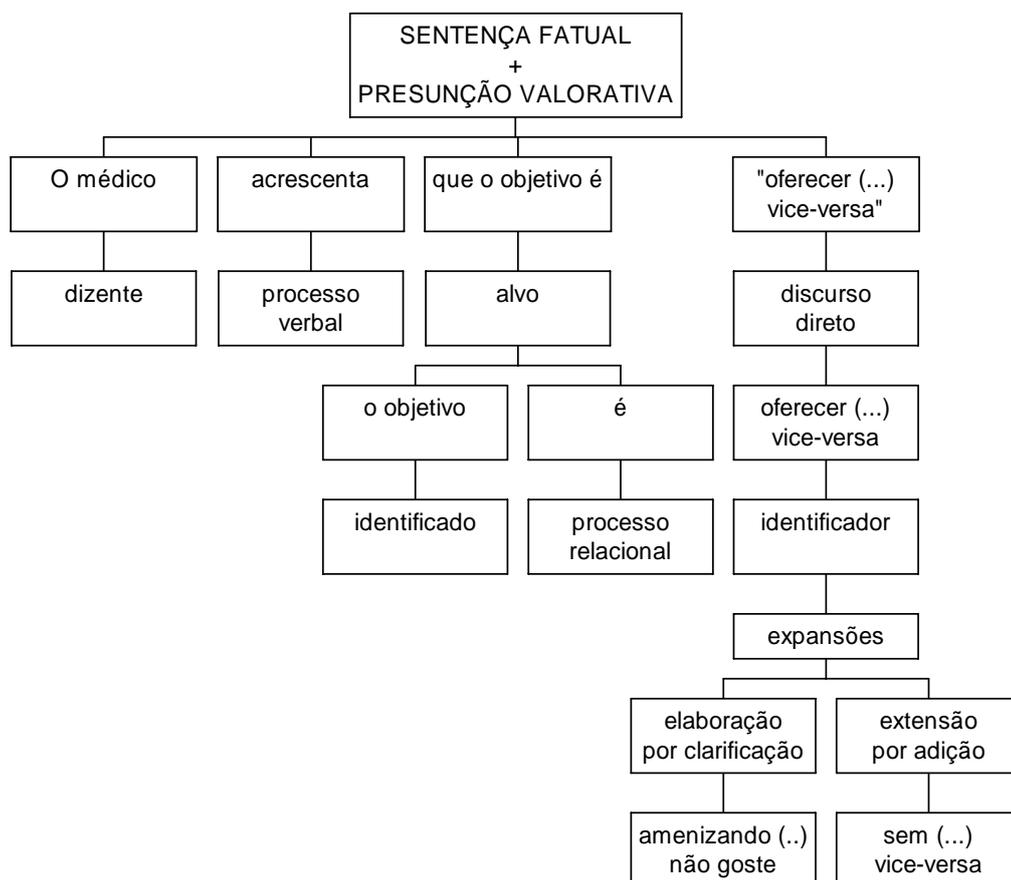
(4.8) – “A cirurgia também é indicada no caso das orientais, em que a estrutura do nariz é semelhante à das negras, mas em menor proporção.”



Em (4.8), há o apagamento do sujeito que indica a rinoplastia como cirurgia estético-corretiva para os chamados “orientais”. Esses compõem a *meta* da *sentença valorativa* que apresenta, como *ator* a *seleção lexical* “a cirurgia”, a qual pode ser classificada como participante em *impersonalização*, conforme sugere Fairclough (2003a, p.146), a partir de Van Leeuwen (1997) em seus estudos sobre identidade e representação.

O fragmento é encerrado com a *expansão encaixada de elaboração*, “em que a estrutura do nariz é semelhante à das negras, mas em menor proporção”, que visa especificar, legitimar, a informação proferida na cláusula simples anterior.

(4.9) – “O médico acrescenta que o objetivo desse procedimento é “oferecer ao paciente muito mais naturalidade, amenizando os traços mais marcantes de que não goste, sem jamais fazer um negro parecer um caucasiano ou vice-versa.”



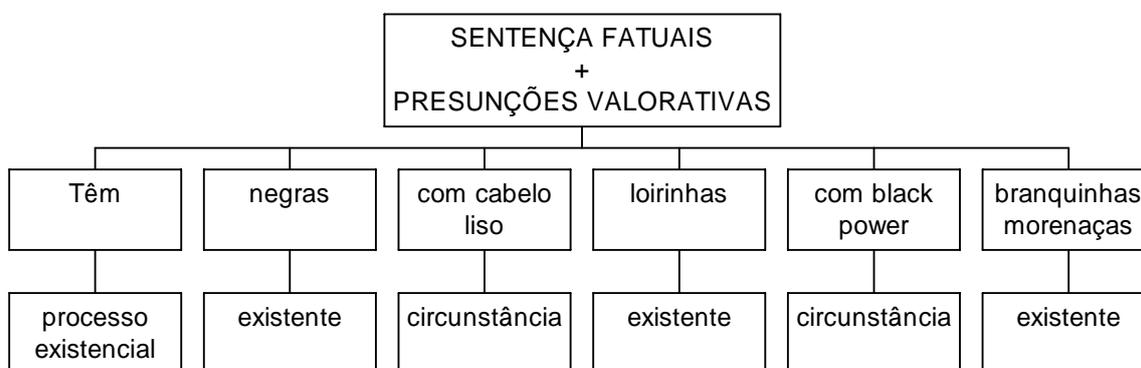
(4.9) apresenta uma *sentença projetada de ilocução parataxis* em que a fala do médico, Dr. Saraiva, é associada ao texto através do *discurso direto* demarcado por aspas. O grupo “traços mais marcantes de que não goste” é componente da *expansão de elaboração por clarificação* interligada à *expansão de extensão aditiva* “sem jamais fazer um negro parecer um caucasiano e vice-versa.”

A proposta, explicitada no discurso do Dr. Saraiva, diz respeito a uma suposta naturalidade que seria concedida à paciente disposta a submeter a uma intervenção de ordem estética. Nesse contexto, a nominalização “de que não goste” revela uma seleção em que a utilização do *advérbio de negação* acaba por atenuar a sensação de desgostar ou desaprovar o próprio

corpo e supervalorizar o corpo do outro, percebido como melhor, mais belo ou apto. A *expansão de extensão aditiva* encerra o fragmento e evoca a questão da transposição do que a revista assume como “raça” ou “etnia”.

Além disso, percebemos que o suposto valor oferecido a “naturalidade” para “os traços mais marcantes de que não goste” revela o *modo de operação* de *legitimação*, caracterizado por Thompson (1995, p. 82) em que uma construção simbólica, assumida como universal, sustenta relações sistematicamente assimétricas de poder.

(4.10) – “*Têm negras com cabelo liso, loirinhas com black power, branquinhas morenaças...*”



(4.10) trata-se de uma *sentenças fatuais* nas quais *processo existencial*, explícito na primeira cláusula e explícito na segunda e na terceira, é a *seleção lexical* “têm”. No fragmento, as identidades coletivas, em categoria de *classificação* de acordo com Van Leeuwen (1997), “negras”, “loirinhas” e “branquinhas morenaças”, atuam como *existentes*; sendo que o último trata-se de uma *nominalização* oriunda da união entre o nome “branquinhas” e o qualificativo “morenaças”.

(4.10) objetiva o estimular outras mudanças no físico da leitora que podem ser adquiridas com outros tratamentos estéticos disponíveis no mercado. Supostamente, a revista, nessa *sentenças fatuais* sugere que as leitoras delineiem o seu físico conforme o seu próprio gosto e vontade. Entretanto, conforme já explicitamos, *Plástica e beleza* privilegia e propaga, nos artigos analisados, a adesão a um estereótipo físico europeu: a mulher de pele clara, nariz

afinalado, com o sulco palpebral superior bem definido; como a *participante representado*, presente na p.77, da matéria “Dona do seu nariz”.

CONCLUSÃO

Em suas discussões sobre “raça” e “etnia”, Munanga (2004, p.16) afirma que “a classificação é um dado da unidade do espírito humano”. Sem adentrar nas subjetividades que tal afirmação sugere, o antropólogo e professor da USP, a partir dessa, distingue o ato da classificação e da hierarquização, legitima o 1º e confronta o 2º.

Munanga (2004, p.19), a discorrer sobre os estudos naturalistas e os racismos oriundos desse, afirma que

“se os naturalistas dos séculos XVIII e XIX tivessem limitado seus trabalhos somente à sistematização dos grupos humanos, em função das características físicas, eles não teriam causado nenhum problema à humanidade. Suas classificações teriam sido mantidas ou rejeitadas como sempre aconteceu na história do conhecimento científico.”

Entretanto, conforme propõe a análise crítica, acreditamos que “manutenção” e “rejeição” de classificações, nas quais se inserem valores, identidades e representações, imprimem hierarquia e, conseqüentemente, conflitos ou disputas pelo poder. Esses confrontos que revelam e sustentam padrões e hegemonias são, também, objetos de estudo de pesquisadores de gênero, como Scott (1999, 2001), Minow (1984) e Bultler (2003); que admitem as legitimações de representações e de identidade como instrumentos de solidificação de hierarquias sociais.

Compartilhando de uma perspectiva similar, Hodge e Kress (1988) sugerem a investigação de atitudes de *solidariedade*, instituídas no meio social, através de *práticas particulares*, promovidas entre e pelos *sujeitos*. E é isso que empenhamos em fazer nessa pesquisa: a observação e análise lingüística, visual e discursiva de reportagens de *Plástica e beleza* que propõem cirurgias estéticas explorando, para isso, esteriótipos físicos-padrão e identidades

coletivas, supostamente raciais o étnicas, as quais são evocadas a partir de *seleções lexicais* distintas.

Nas 4 reportagens expostas em análise, a esfera produtora discursiva sugere intervenções estéticas que deixariam a leitora mais bela, segura e aceitável em seu meio de atuação social. Além disso, o padrão de beleza defendido pela revista geraria sensualidade e, conseqüentemente, poder.

Durante seus desenvolvimentos, as matérias sugestionam diferentes tipos de procedimentos plásticos. Nesse contexto, só a rinoplastia é tema recorrente em todas as reportagens. A alteração do formato do nariz seria indicada a descendentes de africanos, de orientais, de libaneses, de árabes e de europeus; espanhóis e italianos.

Para a maioria dos descendentes de europeus, a revista não propõe cirurgias específicas, ao contrário dos descendentes de asiáticos e africanos que são estimulados a reformar, além dos narizes, os olhos, o formato do rosto e os lábios. Somente as chamadas lipoesculturas e o implante de próteses de silicone nos seios são indicados, nas matérias, para todo e qualquer tipo de estereótipo físico.

A não-aceitação da imagem pós-cirúrgica e uma suposta “descaracterização da raça” são preocupações recorrentes nas 4 matérias. Nesse contexto, nossa pesquisa observou que, num primeiro momento, *Plástica e beleza* concede o mesmo valor, não promove diferenciações entre as noções “raça” e “etnia”. Entretanto, posteriormente, percebemos que a instância produtora manipula esses conceitos conforme seu interesse principal: convencer a leitora que uma intervenção estético-cirúrgica, para todo qualquer caso, é sempre possível e indicada.

Quando sugere uma “descaracterização da raça” devido a excesso de intervenções estéticas, *Plástica e beleza* restringe a noção “raça” a estereótipos físicos; como acontece nas reportagens (2), (3), e (4), “Plástica afro”, “Dona do seu nariz” e “Beleza globalizada”. Entretanto, ao assumir que atrás de um suposto “desejo de ocidentalização da imagem, está

toda uma cultura e tradição orientais”, como ocorre na reportagem (1), “De olho na dobrinha”, ela se aproxima da noção de “etnia” admitida por Munanga (2003).

O termo “ocidentalização” não é restrito ao contexto estético-corporal. Essa *seleção lexical* foi utilizada pelas ciências humanas para traduzir processos de colonização e subjugo de sociedades, como o das asiáticas e africanas ocorrido nos séculos XVIII e XIX. Recentemente, em estudos sobre modernidade, Giddens (1991, p.174) define a globalização como um processo de ocidentalização, uma “difusão das instituições ocidentais através do mundo, onde outras culturas são esmagadas”.

Sabemos que esse esmagamento recente, sugerido por Giddens, não privilegiou o uso da força física, armada ou bélica, mas, econômica, política ideológica. Nesse contexto, legitima-se a proposta prevista na Semiótica Social de Hodge e Kress (1988); a qual sustenta que estruturas de dominação são bem-sucedidas através de propagação de ideologias e manutenção de *complexos logonômicos*, sistema de legitimação de regras, crenças e valores propagados por agente sociais, que modalizam e viabilizam o controle de comportamentos de sujeitos.

Plástica e beleza discrimina em seus textos os desejos de mulheres não-européias de adquirir uma aparência próxima à “ocidental”. Tal estereótipo físico, privilegiado pela revista, corresponde ao dos antigos colonizadores dos séculos XVIII e XIX, entre os quais destacamos os ingleses e os franceses. Nesse contexto, as reportagens mencionam “o desejo”, “a procura” ou “a busca” por uma aparência que legitimaria uma crença internalizada, a qual sugere a rejeição do próprio eu-físico e a assimilação, ou simulação, de estereótipo estrangeiro, assumido e identificado como padrão.

Ao defender uma suposta beleza-padrão e ao mesmo tempo garantir atitudes de *solidariedade* da leitora, a revista faz uso de diferentes estratégias para captação. Em “De olho na dobrinha”, através de uma *seleção lexical* que revela a *impersonalização* do ator social, a instância produtora se distancia da esfera midiática da qual, verdadeiramente, ela faz parte, contribui, sustenta e é sustentada, responsabilizando os “apelos da mídia” pela intensificação do “desejo das descendentes de imigrantes orientais pela aparência ocidentalizada”. Cabe ressaltar que tal afirmativa sugere outras duas observações: a predominância da mulher de “aparência ocidentalizada” na mídia e a exposição dessa com

caracteres que primam a sensualidade: “olhos grandes e sensuais, lábios grossos, mamas turbinadas e bumbum empinado”.

Em “Beleza globalizada” a substituição de estereótipos físicos é explícita. A reportagem ensina mulheres brasileiras, com o físico próximo de africanos, como: alisar cabelos, fazer “branqueamento”, inibir a produção de melanina e tratar a macroquelia, o fator responsável, segundo a revista, por “lábios gigantes e deformados”. O resultado desses investimentos é face direita da *participante representado* da p. 61. Já as brasileiras, com o físico próximo a de orientais, além dos “retoques” já enumerados, a *participante representado* da p. 60, sugere, até mesmo, o uso de lentes de contato que deixem os olhos claros, verdes ou azuis, como o de suecos, noruegueses e outros povos e tipicamente europeus.

No que se remete a temática gênero, *Plástica e beleza* sugere a empoderamento da mulher a partir da sensualidade proveniente da submissão à moda e da a exibição um corpo físico supostamente perfeito. Este garantiria à leitora: melhoria da auto-estima, de relacionamentos sociais e maior capacidade de sedução. Essa promessa corresponde não só o que um sujeito, *ator social e participante*, é capaz de possuir, mas, também, ao que esse é capaz de demonstrar em suas diversas situações sócio-comunicacionais. Nessa perspectiva, o físico é o fator auxiliador ou determinante para a felicidade da mulher que, nas 4 matérias analisadas, é estimulada a encontrar em seu corpo “algo que não agrada”, “os traços étnicos acentuados demais”. É a adequação ao estereótipo europeu sugerido que propiciaria mudança significativa na qualidade e modo de vida das diferentes leitoras.

Dessa maneira, podemos afirmar que, em relação ao comportamento, a instância receptora de *Plástica e beleza*, é constantemente convidada a submeter uma suposta moda ou padrão, mesmo em “Dona do seu nariz”: reportagem cujo título é capaz de evocar, implicitamente, complexidades associadas às questões do gênero, direcionando e canalizando o possível discurso feminista inserido no título, o qual sugere autonomia e liberdade para a mulher-leitora, para o procedimento e componente físico em tema: a rinoplastia e o nariz.

Segundo Munanga (2003, p.27), o termo “raça” emigrou de estudos botânicos, naturalistas, para os antropológicos; o que gerou as pseudo-teorias hierarquizantes, racialistas, da antiga

antropologia-física. Esse movimento de noções e conceitos pode ser identificado, a partir de Thompson (1995, p.22) como *modo de operação ideológica: dissimulação por eufemização*; em que há deslocamento de noções e de suas respectivas conotações.

Plástica e beleza não faz uso das noções de “etnia” e “raça” para promover racismos. Entretanto, como demonstramos, as reportagens trabalham com *sentenças valorativas e presunções valorativas* que só não classificam, mas hierarquizam estereótipos físicos de mulheres cujos corpos revelam ascendência africana, asiática ou européia. Para não sugerir a categorização de estereótipos, a instância produtora utiliza de recursos lingüístico-dicursivos para ofuscar pontos de instabilidades, que revelariam as relações de dominação que a instituição de padrões imprime; o que nos viabilizou a análise das reportagens a partir dos *modos de operação ideológica* de Thompson (1995).

Considerando que a noção de beleza é transitória, passível a variações sócio-históricas, percebemos, no discurso de *Plástica e beleza*, o *modo de operação de unificação*; através do qual, há a adoção de um referencial padrão partilhado. Entretanto, é a *dissimulação* o *modo de operação* predominante no *corpus*. Ela corresponde à negação ou ofuscação por construções simbólicas através do *deslocamento* e *eufemização*.

Segundo a revista, padrões de beleza física são impulsionados por fenômenos sociais diversos, entre os quais, destacamos: “a moda”, “a mídia” e até a “globalização”. Entretanto, as reportagens não sugerem a imposição de valores ou estilos, capitalistas ou elitistas, que desembocam relações de dominação e poder.

No plano lingüístico, as diferentes identidades são articuladas de forma a convencer a leitora a se submeter a procedimentos estéticos-cirúrgicos diversos. Nesse contexto, para ressaltar partes de corpo admitidas como naturalmente “aptas” pelo a instância produtora, as diferentes coletivas, ditas “étnicas” ou “raciais”, são organizada em *tema* como *participantes*, em *personalização*, de *processos relacionais* atributivos ou de identificação. Entretanto, para indicar supostas “correções” dos componentes ditos “não-harmônicos”, também presentes no corpo da leitora, a instância produtora opta por *encobrimentos* e uso da *voz passiva* e de *pronomes*. Dessa maneira, constituem-se *paisagens semióticas* em que as *escolhas realizacionais* visam colher posturas de *solidariedade*, que sugerem a

identificação do “inapto” e adequação de padrão de beleza defendido, no caso do Brasil, desde época da colonização.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem* (1979). São Paulo: Hucitec, 1979.
- BORDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BRANDÃO, H. *Introdução à análise do discurso*. 7es. Campinas: Pontes, 1999.
- CALDAS COULTHARD, C.R. *Texts and practices – readings in Critical Discourse Analysis*. London: Routledge, 1996.
- CARNEIRO, A. *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1996.
- CASTELLS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e terra, 1999.
- CAVALLI-SFORZA, L.; CAVALLI-SFORZA, F. *Quem somos nós? História da diversidade humana*. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.
- CHOULIARAKU, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in Late Modernity. Rethinking critical discourse analysis*. Edinburg: Edinburgh University Press, 1999.
- COULTHARD, M. *An introduction to discourse analysis*. London: Longman, 1977.
- CRUZ, A. *Análise semiolinguística da representação do negro em propagandas de medicamentos em revistas médicas*. In: MACHADO, I; CRUZ, A.; LYSARDO-DIAS, D. (orgs). *Teorias e práticas discursivas: Estudo em análise do discurso*. Belo Horizonte: Carol Borges, 1998; pp. 187– 212.
- EGGINS, S. *An introduction to systemic functional grammar*. London: Pinter, 1994.
- FAIRCLOUGH, N. *Critical Discourse Analysis: the critical study of language*. 3^a ed. London; New York: Longman, 1988.
- _____. *Discourse and social change*. Cambridge Polity Press, 1992.
- _____. *Critical discourse analysis: the critical study of language*. London: Longman, 1995.
- _____. *Language and power*. 10^a ed. London; New York: Longman, 1996.
- _____. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001a.
- _____. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.
- FARACO, C. *Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003.
- FIORIN, J. *Elementos da análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 1989.

- _____. Semântica e análise do discurso. In: MARI, H.; PIRES, S.; CRUZ, A.; MACHADO, I. (orgs). *Fundamentos e dimensões da análise do discurso*. Belo Horizonte: Carol Broges, 1999; pp. 225 – 238.
- FOUCAULT, M. *The archaeology of knowledge*. London: Tavistock, 1974.
- GIDDENS, A. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- _____. *Modernidade e identidade*. São Paulo: Zahar, 2002.
- GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- HALL, S. Quem precisa de identidade? In.: SILVA. T. (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 103 – 33.
- HALLIDAY, M. *Explorations in the functions of language*. London: Edward Arnold, 1973.
- _____. *An introduction to functional grammar*. London; Caugield East: Edward Arnold, 1995.
- HALLIDAY, M.; HASSAN, R. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: OUP, 1989.
- HALLIDAY, M.; MATHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. London; Caugield East: Edward Arnold, 2004.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1992.
- _____. *El nuevo imperialismo*. Madri: Akal, 2004.
- HODGE, R.; KRESS, G. *Language as ideology*. London: Routledge, 1983.
- _____. *Social semiotics*. London: Polity Press: 1988.
- _____. (org.) *Comunicação and cultura*. Sidney: N.S.W. University Press.
- JACQUARD, A. *Elogio da diferença*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- JACQUARD, A.; POSSENOT, J. *Todos semelhantes, todos diferentes*. São Paulo: Editora Augustus, 1993.
- JAMESON, F. *A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- KRESS, G. *Linguistic Processes in sociocultural practice*. Oxford: University Press, 1989.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Arnold publishers, 2001.

- _____. *Reading images: the grammar of visual design*. London; New York: Routledge, 1996.
- MAGALHÃES, C. (org). *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*. Belo Horizonte: FALE / UFMG, 2001.
- MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Working with discourse*. London; New York: Continuum, 2004.
- MEURER, J.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, R. (Orgs). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- MUNANGA, K. *Racismo – perspectivas para um estudos contextualizado da sociedade brasileira*. Niterói: EDUFF, 1998.
- MUNANGA, K. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. / Palestra proferida no 3º seminário Nacional Relações Raciais e Educação – PENESB – Rio de Janeiro, 05/11/03.
- NASCIMENTO, E. *O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Summus, 2003.
- PAVEAU, M.; SARFATI, G. *As grandes teorias da lingüística: da gramática comparada à pragmática*. São Carlos: Claraluz, 2006.
- PIMENTA, S. *O signo da receptividade: uma visão sócio-construcionista da interação*. Belo Horizonte: FALE / UFMG, 2006.
- _____. *Tratado de argumentação*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- PERELMAN, C. *Retóricas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- REICH, B. ; ADCOCK, C. *Valores, atitudes e mudanças de comportamento*. São Paulo: Zahar editores, 1976.
- RESENDE, V.; RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.
- REVISTA PLÁSTICA & BELEZA. *Curvas: o novo padrão de beleza*. Ano 3. n. 26. 5 de fevereiro de 2000.
- _____. *De olho nas dobrinhas*. Ano 3. n. 28. 1 de abril de 2000.
- _____. *Plásticas às escondidas: eu já sei o que vocês fizeram no verão passado*. Ano 3. n. 28. 3 de junho de 2000.
- _____. *Cirurgias étnicas: traços mais suaves e harmoniosos*. Ano 4. n.40. 2 de abril de 2001.
- _____. *Plástica Afro*. Ano 6. n. 61. 1 de abril de 2003.
- _____. *Dona do seu nariz*. Ano 9. n. 79. 3 de novembro de 2006.

- RUCHKYS, A.; ARAÚJO, M. A. Análise do Discurso: em busca das (In) Congruências entre a vertente francesa e a anglo-saxã. In: MAGALHÃES, C. (Org.) *Reflexões sobre Análise Crítica do Discurso*. Belo Horizonte: FALE / UFMG, 2005.
- SANTOS, J. O gênero textual como manifestação discursiva. In.: MACHADO, I.L.; MELLO, R. (Orgs). *Gêneros: reflexões em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004, p. 327 - 337.
- SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.
- SCOTT, J. G. *Gênero, uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade:1995.
- SHWARCZ, L.; QUEIROZ, R. (org). *Raça e diversidade*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- SPINK, M. (org). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- STREY, M. N. *Mulher, estudos de gêneros*. Rio Grande do Sul: Editora Usininos, 1997.
- RESENDE, V.; RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.
- SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1991.
- THOMPSON, J. *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- _____. *A mídia e a modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- TODOROV, T. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- VAN LEEUWEN, T. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, E. R. (org) *Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1997. pp. 169-222.

ANEXOS

De olho na dobrinha

Os apelos da mídia, destacando olhos grandes e sensuais, lábios grossos, mamas turbinadas e bumbum empinado, intensificam o desejo das descendentes de imigrantes orientais pela aparência ocidentalizada. Como o que mais caracteriza a raça amarela é o formato dos olhos, a busca pela transformação estética idealizada começa pela ocidentalização das pálpebras

Segundo dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, vem aumentando o número de pacientes de origem oriental que procuram a cirurgia plástica de ocidentalização de pálpebras para ficar o mais próximo possível dos padrões de beleza ocidental. Estima-se que 14 mil pessoas, sobretudo em São Paulo e no Paraná, submetam-se a cirurgias de ocidentalização a cada ano, o dobro do que acontecia no início dos anos 90. Um assunto que merece muita atenção e ética do cirurgião plástico. "Atrás do desejo de ocidentalização da imagem, está toda uma cultura e tradição orientais. Isso não pode ser esquecido. A transformação radical dos traços étnicos é perigosa, porque a própria pessoa pode não se identificar com a nova imagem. Se ela não tiver uma estrutura psicológica bem definida, a não-aceitação, certamente, irá gerar sérios distúrbios emocionais", alerta o cirurgião plástico Prof. Dr. Ivo Pitanguy.

O especialista esclarece que o desejo da maioria dos asiáticos de ter uma aparência menos oriental não é

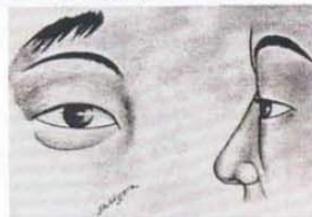
de hoje. Pode-se dizer que é decorrência da hegemonia dos Estados Unidos, após a Segunda Guerra Mundial. O arquipélago do Havaí, ao tornar-se Estado norte-americano, passou a adotar seus costumes, embora algumas tradições ainda permaneçam, os cânones de beleza sofreram intensa influência externa. Mas, foi a população japonesa que mais aderiu ao predomínio da ocidentalização, particularmente no vestuário e nos padrões de comportamento e beleza.

Com a globalização das comunica-

ções, a tendência é a de os países asiáticos se ocidentalizarem mais. Durante a última Copa do Mundo, isso ficou bem nítido. Além do Japão, atualmente se fazem bastantes cirurgias plásticas de ocidentalização das pálpebras na Coreia, Indonésia e Cingapura. Os chineses também começam a prestar mais atenção na moda e nos conceitos de estética ocidentais.

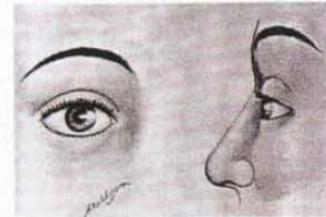
É importante ressaltar ainda que a miscigenação racial, consequência natural do convívio entre as diferentes raças, provocou em todo o mundo, es-

OLHO ORIENTAL



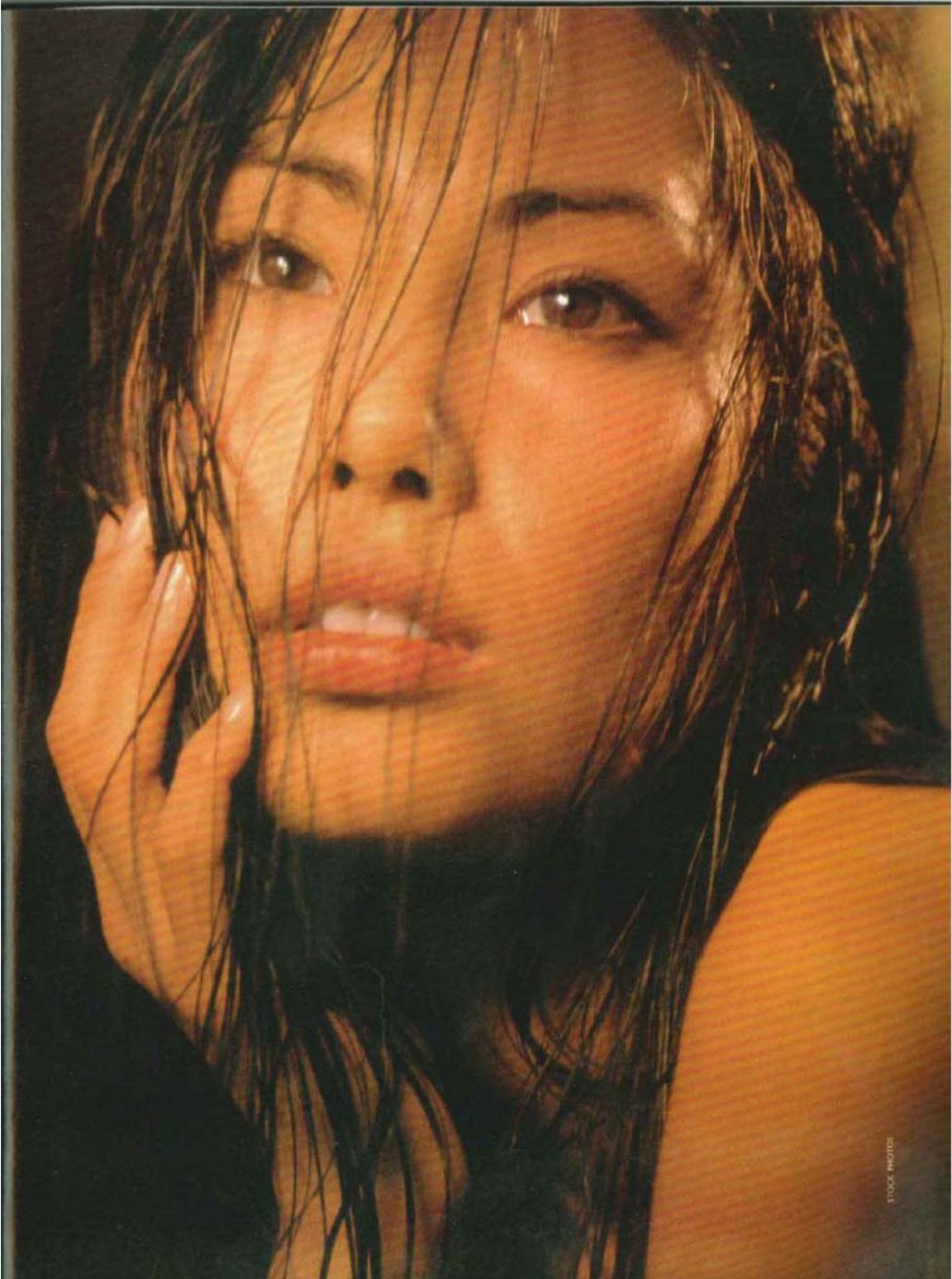
Desenho mostrando ausência de definição do sulco palpebral superior, epicanto em graus variáveis e bolsas palpebrais acentuadas, principalmente lateral.

OLHO OCIDENTAL



Desenho mostrando sulco palpebral superior bem definido, ausência de epicanto e bolsa palpebral lateral pouco pronunciada.

ILUSTRAÇÕES FORNECIDAS PELO PROF. DR. IVO PITANGUY



STOCK PHOTO



A ocidentalização estética é uma cirurgia relativamente simples e rápida

STOCK PHOTOS

pecialmente no Brasil, a procura de um padrão estético uniforme. A busca desse padrão estético uno influenciou o desenvolvimento de várias técnicas cirúrgicas, que, respeitando os caracteres básicos de cada etnia, visam a atenuar diversas características raciais, e o aspecto oriental dos olhos é uma delas.

Características anatômicas

Para entender o formato dos olhos orientais, é preciso conhecer algumas características anatômicas próprias. O Prof. Pitanguy observa que o sulco palpebral superior, geralmente bem definido e cerca de 7 mm acima da linha ciliar nos ocidentais, está ausente nos orientais. Esse sulco torna-se mais evidente ao se abrir os olhos. O aspecto amendoado, com elevação do canto lateral, confere aos olhos orientais um certo exotismo. A pálpebra inferior é caracterizada por

excesso de gordura orbital, gordura pré-tarsal (porção posterior) e excesso de pele na parte medial.

É notório que a raça amarela apresenta outras características específicas, além dos olhos puxados. A face tende a ser redonda com projeções marcadas das maçãs e a pirâmide nasal pouco acentuada. O cirurgião plástico Dr. Francisco Trentini diz que, freqüentemente, atende pacientes de origem asiática em sua clínica que querem modificar também o formato do nariz e do rosto. Mas, concorda que a preferência principal é pela ocidentalização das pálpebras (criar uma dobrinha sobre os olhos).

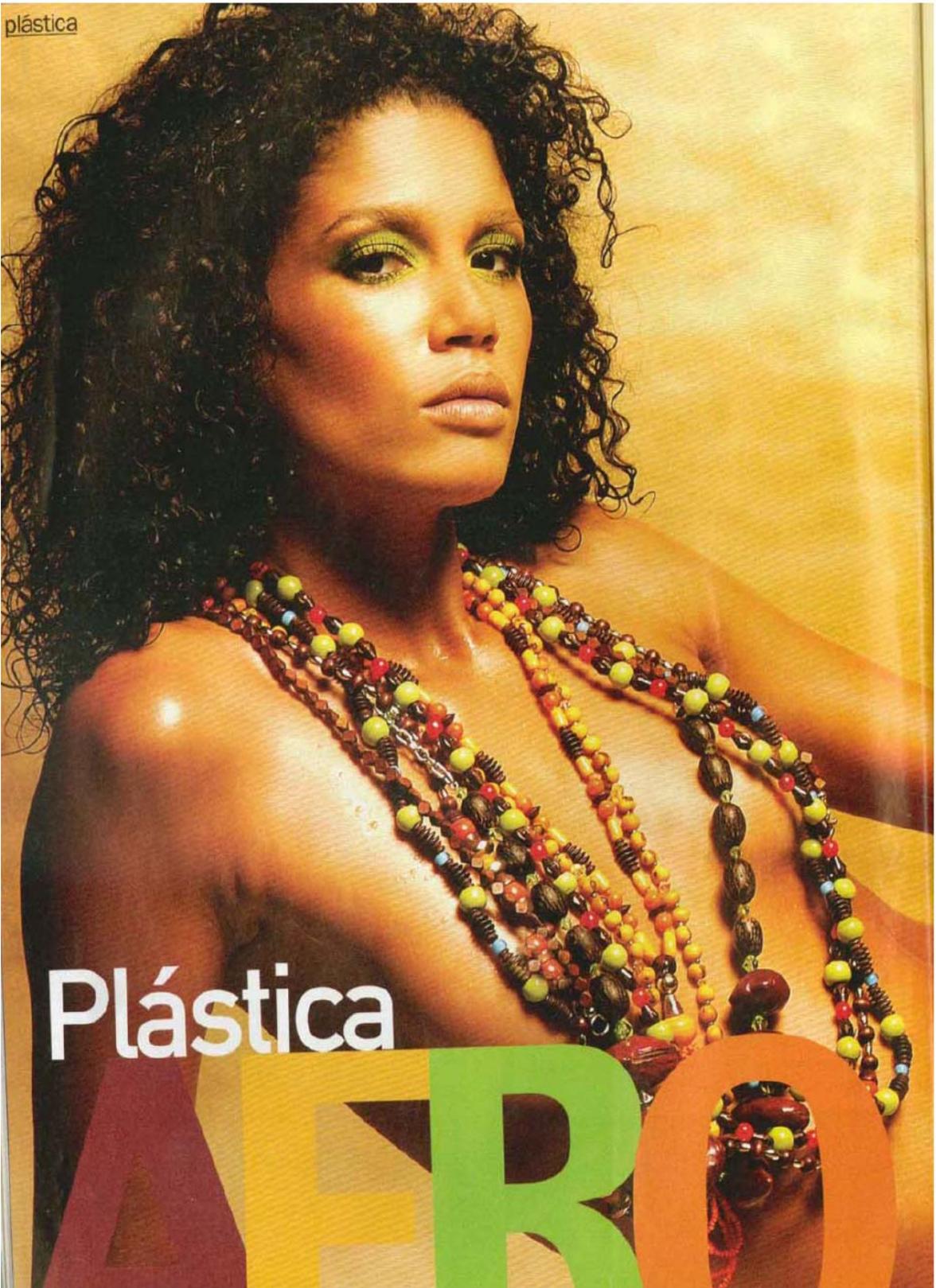
A cirurgia

A técnica cirúrgica utilizada para a ocidentalização das pálpebras deve ter como objetivo básico a alteração das características anatômicas orientais

dos olhos. Durante a avaliação pré-operatória, será discutida com o paciente a altura ideal do novo sulco palpebral, que poderá variar conforme o caso e a preferência individual, sempre considerando a harmonia facial. A pele em excesso da pálpebra superior deve ser avaliada cuidadosamente.

A definição de um novo sulco palpebral, o tratamento das bolsas gordurosas e do epicanto medial correspondem aos fundamentos da cirurgia da ocidentalização dos olhos. A intervenção é bastante simples e rápida. Consiste na retirada de parte da gordura existente nas pálpebras superiores e, na maioria das vezes, também de uma pequena tira de tecido muscular, para eliminar o aspecto inchado. Depois, cria-se uma dobra nas pálpebras superiores, de 5 a 7 mm. A cirurgia é feita com anestesia local mais sedação. **P&B**

plástica



Plástica

A R O

Os negros já foram privilegiados por seus ancestrais e têm a pele bronzeada por natureza sem precisarem ficar expostos ao sol, além de possuírem o corpo mais resistente, as formas arredondadas e volumosas... Mas, se com todo este histórico ainda há algo que não agrada - por exemplo, o formato do nariz - veja como aperfeiçoar os traços com a ajuda do bisturi

Por RENATA MINEZES
Fotos: MOISÉS PAZIANOTTO

A raça negra esnoba (no bom sentido) de um montão de qualidades estéticas. Duvida? Então repare só no corpo das mulatas do carnaval. Com pouquíssima roupa, elas não têm o menor receio de soltar o rebolado e exibir um corpo sensual, rígido e cheio de curvas, longe de qualquer imperfeição. Geralmente as negras são assim mesmo, possuem um biótipo exótico, que quebra qualquer padrão de beleza. Mas como ninguém está longe dos ajustes do bisturi, não há mulata que resista a um procedimento cirúrgico para deixar o visual mais harmônico. Está certo que retoques no glúteo passam longe da lista das cirurgias mais pedidas por este público. "A natureza genética já favoreceu aos negros ter um bumbum volumoso e arrebitado. Por isso, são raras as gluteoplastias, por exemplo", avisa o cirurgião plástico, Dr. Arlindo Jacob (SP). Mas, em compensação, o nariz é a região mais procurada para os retoques por motivos hereditários. "Eles costumam ter a estrutura osseocartilaginosa muito pequena, o que resulta em ponta achatada e base larga", explica Dr. Arlindo. No rastro do nariz, que é campeão absoluto, também estão: correção de lábios muito volumosos, correções e aumentos das mamas - das

quais ninguém está livre -, e intervenções no abdome, para retirar excessos de gordura e pele. Mais do que qualquer outra raça, a cirurgia plástica em negros deve ser feita com cautela, pois a não-aceitação da imagem pode descaracterizar totalmente a origem e a essência de cada pessoa, como aconteceu com o cantor Michael Jackson. Segundo o Dr. Marcos Grillo, cirurgião plástico (PR), há formas de corrigir imperfeições, deixar um conjunto mais harmônico e suavizar traços sem tirar as características da etnia.

Nariz e lábios negróides

É comum em pessoas afro-descendentes o nariz e os lábios serem grandes. A rinoplastia para tratamento de nariz negróide (achatado na ponta e asas largas), é um procedimento simples e eficaz. A procura, na maioria das vezes, é para diminuir o tamanho e deixá-lo mais afilado. "Para diminuir a largura basta ressecar as asas nasais", explica o Dr. Marcos Grillo. Já para afinar é feito enxerto de osso ou cartilagem. A área doadora para enxerto de cartilagem pode ser parte da concha da orelha. "Para enxertar osso, retira-se uma parte pequena da região das têmporas (na lateral externa dos olhos) e coloca no dorso nasal", explica o cirurgião plástico. A região ganha altura ▶

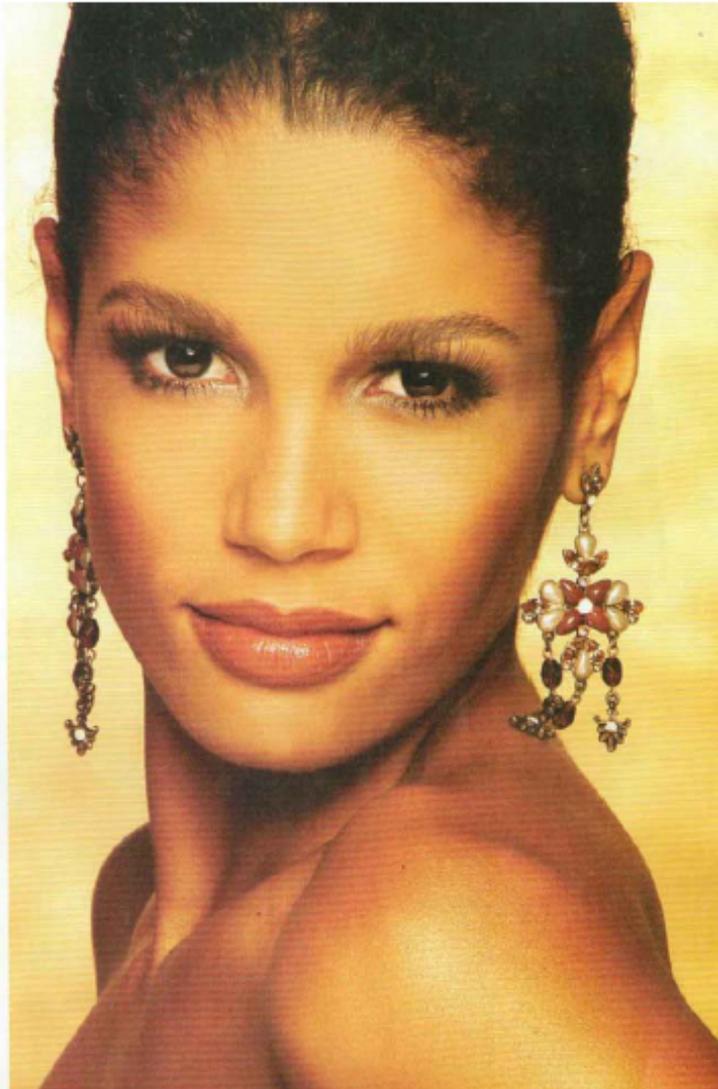


de Laser, utilizar fitas curativas, do tipo micropore, que evita tensões nas bordas das cirurgias durante três meses. Há também curativos à base de silicone, que são placas de silicone bem finas que fazem compressão na pele. "Estas medidas devem ser tomadas em até 24 horas após a cirurgia para o resultado ser satisfatório", explica o Dr. Marcos Grillo. Caso não se tome nenhum desses cuidados e ocorrer hipertrofia da cicatriz, você pode ainda passar pomada ou fazer injeções de corticóide em baixa concentração na cicatriz ou ressecar o quelóide clinicamente com um cirurgião. "Todos estes procedimentos estão disponíveis para evitar ou minimizar o quelóide, caso eles apareçam", explica o Dr. Marcos Grillo. 

Você sabia...

Que o nariz negróide afeta no comportamento dos afro-descendentes?

Estudo realizado pelo Ambulatório de Rinoplastia do Hospital São Paulo mostrou que pessoas submetidas à operação de correção de nariz negróide revelaram aumento da auto-estima e do interesse pela vida após a intervenção. Antes da cirurgia plástica cerca de 74% das pessoas entrevistadas tinham desinteresse pelo convívio social - talvez pela dificuldade em se relacionar com o outro e pela cautela em qualquer tipo de aproximação. Após a intervenção, este número caiu pela metade.



ELAS FIZERAM

TAÍS ARAÚJO

atriz

Silicone nos seios

"Eu achava que os meus seios eram muito pequenos, então resolvi aumentá-los. Procurei um cirurgião plástico e coloquei 215 ml de silicone. Fiquei muito satisfeita com o resultado. A operação foi extremamente tranquila. Para você ter uma idéia, dois dias após a cirurgia eu estava no cinema."



ADRIANA ALVES

atriz

Silicone nos seios

"Coloquei 220 ml de silicone. Gostei muito do resultado, porém o meu pós-operatório foi um pouco doloroso. Eu tive problema de quelóide, mas fiz tratamento com betaterapia e em pouco tempo a cicatriz ficou imperceptível. A cirurgia plástica é um recurso estético importante e fundamental."



ADRIANA BOMBOM

modelo e atriz

Lipo, nariz e silicone

"Eu estava insatisfeita com os meus seios e, como malho bastante, eles estavam sumindo. Resolvi colocar 190 ml e logo nesta primeira operação foi feita uma lipoaspiração para retirada mínima de gordura abdominal. Depois fiz uma rinoplastia e aumentei a prótese de silicone para 290 ml."



Dona do seu nariz

A moda, ultimamente, são as mudanças étnicas. Mulheres orientais, européias e até negras encontram no bisturi a solução para arrebitar, afinar ou tirar aquele ossinho saliente

Por Aline Rodrigues Fotos Moisés Pazianotto



Negra gata

O nariz da raça negra tem a ponta baixa e as asas, largas. "Um nariz negróide tem alguns pontos básicos de correção, como aumentar o dorso e diminuir as laterais", diz a cirurgiã plástica Mariângela Santiago (SP). Existem várias técnicas para aumentar o dorso, como o uso de substâncias do próprio corpo – osso, cartilagem –, ou com materiais biocompatíveis. Já a ponta é corrigida com a remoção do excesso de cartilagem, raspagem do osso e até fratura, quando necessária.



Sensualidade européia

É comum notarmos nos descendentes de europeus, principalmente nos de italianos, gregos, espanhóis, árabes e libaneses, a ponta caída e o dorso alto. "Existem várias intervenções para um nariz caucasiano. Entre elas, a retirada do excesso das estruturas ósseas e cartilaginosas do dorso; encurtamento da ponta; correção do desvio de septo; estreitamento da base óssea.



Orientais charmosas

O nariz das orientais chega a se assemelhar com o negróide, já que tem a asa larga, dorso baixo e ponta esparramada. A cirurgia é bastante simples. O médico remove o excesso de cartilagem das laterais e da ponta e dá o formato desejado no local. Nos casos em que o dorso é bastante baixo, o especialista lança mão do implante de cartilagem, osso ou prótese de silicone para modelar a área.

O caminho da correção

Para estreitar a base



A retirada de pele das asas nasais é feita por meio de incisões externas nas laterais, próximas à dobra.

Para diminuir o dorso

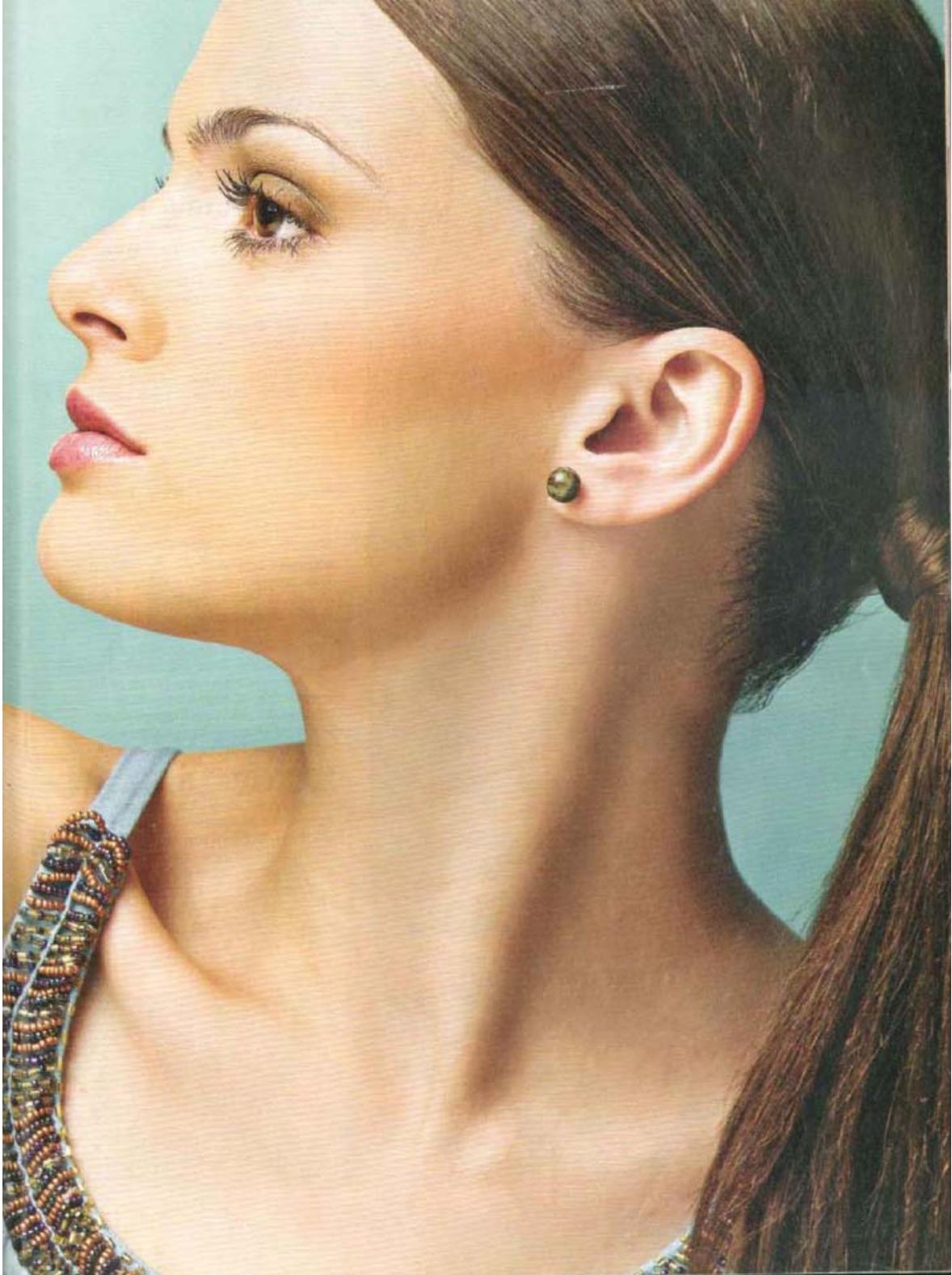


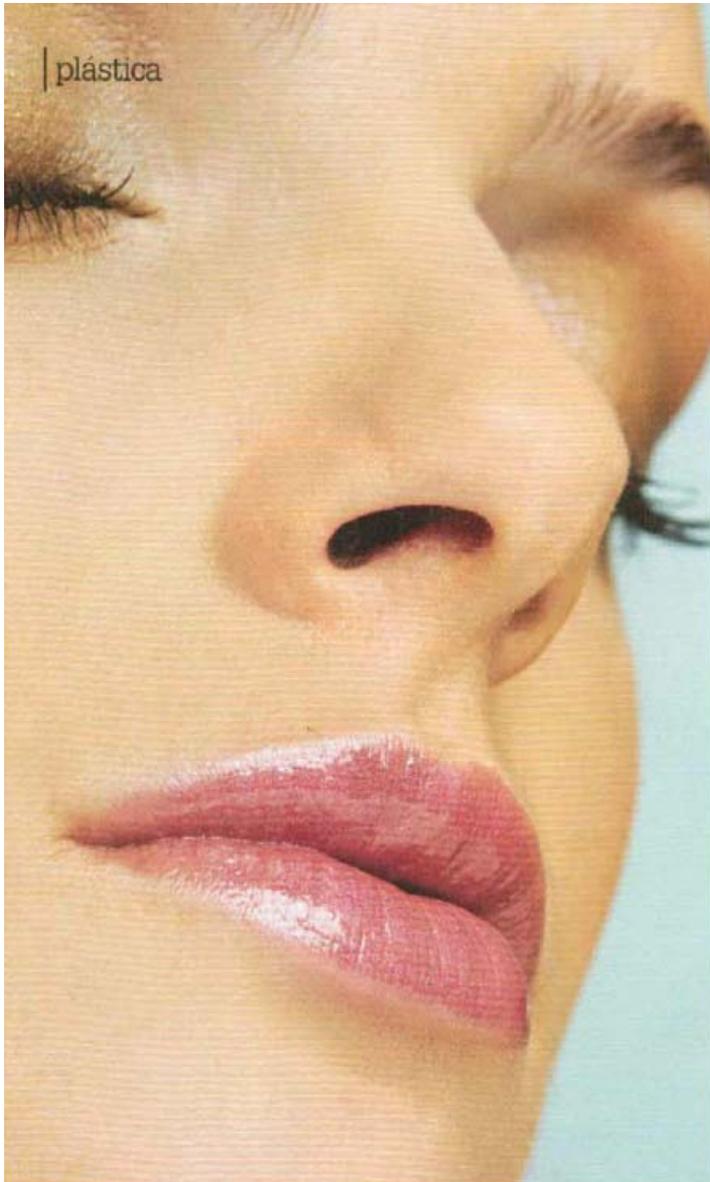
O especialista faz uma incisão interna na mucosa e lixa o osso com um instrumento apropriado.

Para afinar a ponta



Para este procedimento é feita uma incisão dentro do nariz, e pequenos cortes na cartilagem que forma a ponta. Em seguida, ela é pressionada pelas laterais para que afine.





Raio X da cirurgia

São muitas as técnicas de rinoplastia que podem ajudá-la a conquistar um nariz perfeito. Mas os cuidados e a cirurgia em si são os mesmos para qualquer pessoa.

■ Pré e pós-operatório:

O pré-operatório, nos três casos, consiste basicamente em exames clínicos e boa condição física. Já no pós-operatório a paciente fica com um tampão em cada narina, para reabsorver o sangue que sai das incisões, durante 12 horas. Quando existe tratamento do desvio de septo, o tampão permanecerá de 24 a 48 horas. Um curativo que imobiliza os ossos nasais protege o nariz de sete a dez dias. O inchaço no pós-operatório imediato é natural e o resultado final da cirurgia só aparece depois de aproximadamente seis meses.

■ Incisões e cicatrizes:

As incisões são realizadas dentro do nariz e as cicatrizes ficam escondidas. Em algumas situações é necessária a utilização de uma cicatriz na base da columela, onde se levantam os tecidos da ponta do nariz, deixando uma cicatriz na base da columela que evolui, ficando pouco aparente. Quando existe a indicação de ressecção das asas nasais (negróide e oriental), haverá uma cicatriz na base das asas nasais, que também fica pouco aparente.

■ Anestesia e internação:

Local com sedação ou geral, dependendo do caso. "A cultura de cirurgia plástica atualmente é de diminuir o trauma. Com isso, a anestesia geral só é utilizada em último caso. Normalmente utilizamos local com sedação e alta no mesmo dia", enfatiza o cirurgião plástico Dimos Iksilara, da clínica Vitalitá (SP).

■ Preço: de R\$ 5 mil a R\$ 10 mil.

Essas famosas já operaram o nariz:

» Diminuíram a giba e/ou afilaram a pontinha



Xuxa



Cláudia Raia



Fernanda Souza

» Diminuíram as abas laterais



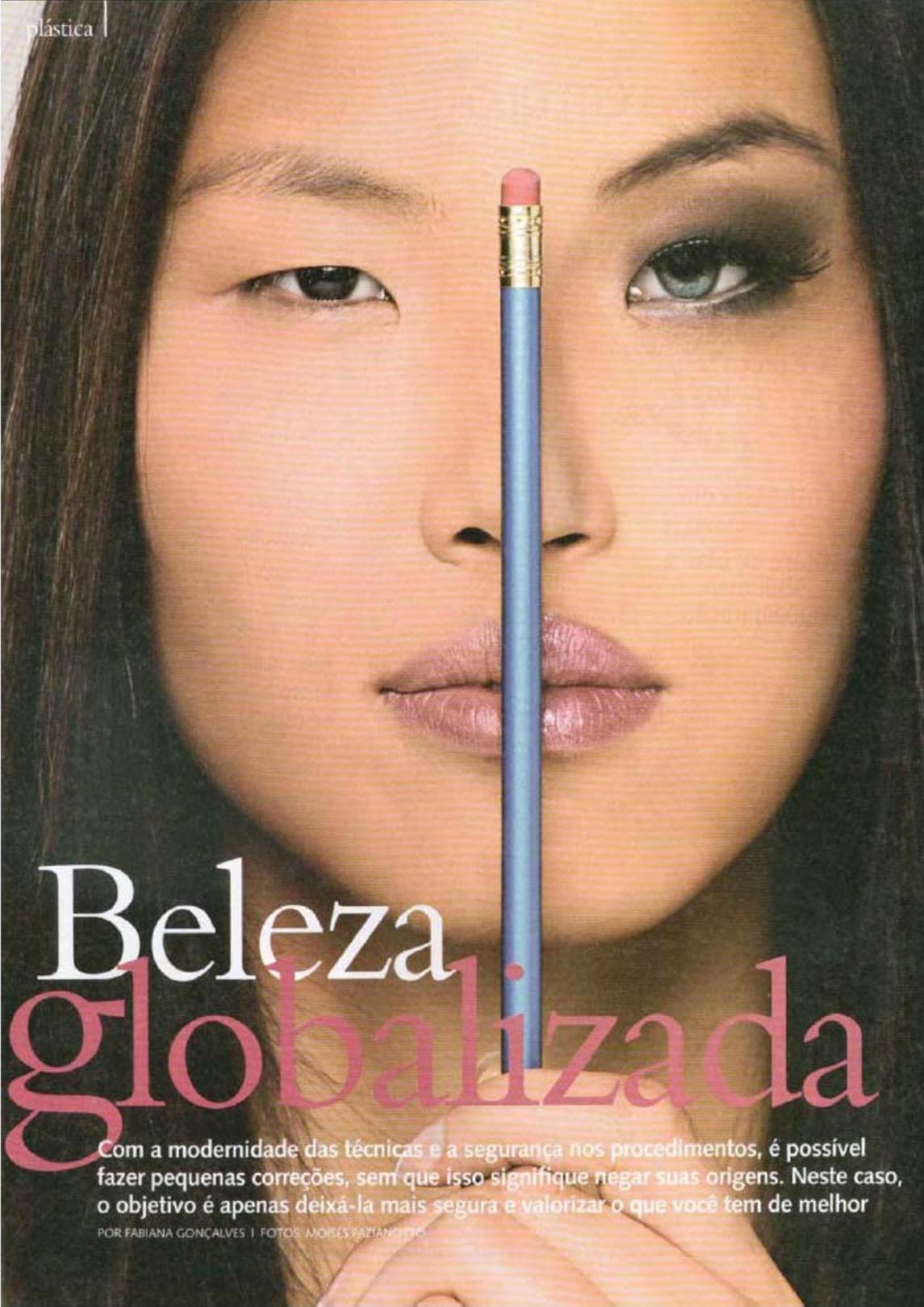
Tais Araújo



Adriana Bombom

Fotografia: Michelli Almeida / Assessoria: Marco Duarte / Maquiagem: Ana Carolina / Iluminação: Valéria Werneck / Estúdio: Estúdio Rodolfo

plástica



Beleza globalizada

Com a modernidade das técnicas e a segurança nos procedimentos, é possível fazer pequenas correções, sem que isso signifique negar suas origens. Neste caso, o objetivo é apenas deixá-la mais segura e valorizar o que você tem de melhor

POR FABIANA GONÇALVES | FOTOS: MOISÉS RAZIANI/STC

Quem nunca quis dar uma afinadinha no nariz achatado ou retirar a gibba (convexidade no dorso da região nasal)? Parece brincadeira, mas essas e outras pequenas alterações podem atenuar os traços étnicos e deixá-la mais segura com a aparência. "Mas a paciente precisa saber que ela não poderá fazer mudanças radicais que descaracterizem a sua ascendência", afirma o cirurgião plástico Paulo Müller (RJ). É importante observar a harmonia facial e não simplesmente a região a ser operada. "Não adianta ficar com o nariz pequeno e arrebitado se os olhos são grandes, o queixo é retraído ou muito projetado e a região molar é baixa. Tudo é questão de equilíbrio", alerta o cirurgião plástico Aristóteles Bersou Jr. (SP).

Insatisfação X correção

O descontentamento com o próprio corpo não tem época nem idade para aparecer. E para cada situação, existe uma solução. Porém, é importante entender que a plástica é capaz de satisfazer um grande número de sonhos, porém é mais importante ainda compreender que existem limitações técnicas. Apesar de o profissional ser habilitado e a técnica ser bem aplicada, ela vai deixar cicatriz e nem sempre o resultado é como o sonhado. "Os exageros levam, muitas vezes, ao insucesso. Mulheres de mamas pequenas, por exemplo, podem desejar ter próteses enormes. Esse tipo de solicitação tem de ser vista com muito cuidado. Afinal, há de haver equilíbrio entre a arte e a sensualidade", esclarece o Dr. Aristóteles Bersou Jr.

O cirurgião plástico Paulo Müller acrescenta que nesses casos há uma outra questão a ser levantada: "se a paciente tem uma estrutura óssea estreita, por mais que ela anseie por seios enormes, não há espaço na caixa torácica para a sua capacidade se expandir. Logo, ela precisará aumentar aos poucos com intervalos de até dois anos entre um procedimento e outro, para que o corpo vá se adequando."

Nariz: o campeão de ajustes

O mesmo vale para a rinoplastia. Quando a solicitação da paciente árabe é que o nariz, normalmente com dorso mais alto e as narinas mais abertas, seja transformado em um típico europeu, mais afinado, deve-se tomar cuidado com o que é possível ser feito, pois nem sempre a estrutura óssea e cartilaginosa permitem mudanças tão drásticas.

Árabes, negros, orientais e descendentes de italianos e espanhóis, costumam procurar correções para harmonizar o nariz e o restante do rosto. "É a região mais procurada para retoque étnicos", explica o cirurgião plástico José Saraiva (SP).

Silicone nos seios e bumbum: melhora da auto-estima

Uma procura muito grande por parte das mulheres orientais é pela cirurgia de implante de próteses de silicone, tanto nas mamas quanto no bumbum, já que ambos costumam ser pequenos, abaixo da média mundial. Para dar o toque final ao contorno corporal e deixar o corpo mais acinturado e sensual, a lipoescultura vem sendo cada vez mais requisitada. "A mulher oriental não costuma acumular gordura no bumbum, mas sim no abdômen e na região que vai das costas às nádegas. Portanto, ela se beneficia muito da transferência de gordura dessas áreas para os glúteos. Isso não significa a descaracterização da raça, mas sim o realçamento da sua sensualidade", finaliza o cirurgião plástico Bersou Jr. Veja, a seguir, detalhes dos procedimentos mais utilizados para cada mudança de cada grupo étnico.

DE OLHOS ORIENTAIS PARA OCIDENTAIS

Os orientais têm a fenda palpebral muito fina e, quase sempre, não têm o sulco ou depressão nas pálpebras superiores. Existe uma cirurgia que procura dar traços ocidentais a este biótipo e é chamada de ocidentalização, que faz uma pequena dobra nas pálpebras. Os resultados satisfazem, mas com restrições, devido principalmente ao formato do crânio e à profundidade da órbita - o oriental tem órbita rasa e o ocidental, geralmente, mais profunda.

• **Como é feito:** a cirurgia é simples. "Faz-se uma pequena incisão no músculo elevador da pálpebra, de modo a fazer a dobra e simular a pálpebra ocidental", explica o cirurgião plástico Ewald Bolívar (SP). O olho oriental também costuma apresentar mais gordura nesta região e, por isso, o conjunto ocular é bem mais proeminente. "Em algumas situações, pode ser interessante retirar um pouco da gordura, mas na maioria dos casos o mais importante é fazer a dobrinha bem calculada", alerta o Dr. Bolívar. A cirurgia é realizada sob anestesia local e demora cerca de uma hora.

• **Pós-operatório:** como é feito em consultório, a paciente volta para casa logo em seguida, com medicação oral (antibiótico e antiinflamatório) por sete dias. O curativo deve ficar por duas semanas e a paciente não pode pegar peso e abaixar bruscamente. A volta ao trabalho é imediata, mas com curativo. Dirigir está liberado depois de uma semana.

• **Resultados:** podem ser vistos a partir do primeiro mês. No entanto, a cicatrização completa se dá em seis meses.



DE LÁBIOS FINÍSSIMOS PARA LÁBIOS SENSUAIS

Para os especialistas, é muito mais fácil aumentar do que diminuir os lábios, mas mesmo assim o bom senso tem de predominar. "O ideal é que seja utilizado material absorvível, pois os permanentes podem trazer resultados antiestéticos", afirma Aristóteles Bersou Jr.

- **Como é feito:** o cirurgião Paulo Müller é adepto do enxerto de gordura, que é retirado do próprio corpo, como o Joelho. "Essa gordura passa por uma centrifuga e depois é injetada nos lábios. É um procedimento que garante bons resultados", analisa. Outra opção é a barlotização (de Brigitte Bardot), técnica que consiste em fazer um corte no meio dos lábios, redefinindo a forma e o contorno (retira-se a pele), aumentando a parte vermelha dos lábios. A cicatriz é bem sutil e pode, perfeitamente, ser camuflada com maquiagem. A anestesia é local e a plástica demora cerca de 40 minutos para ser feita.

- **Pós-operatório:** a paciente volta para casa no mesmo dia. Precisa tomar antibiótico e antiinflamatório por sete dias. A alimentação deve ser líquida-pastosa durante uma semana. Não pode falar muito, dar risada, nem beijar. Em 15 dias, ela já está pronta para retomar todas as atividades.

- **Resultado:** em 30 dias, já está bem cicatrizado. Já em 60 dias é praticamente imperceptível.

DE NARIZ DE LIBANESA PARA NARIZ DE SUECA

Descendentes árabes, espanhóis e italianos possuem a giba proeminente (aquele ossinho no dorso do nariz). Segundo os especialistas, basta remover esse osso em uma cirurgia simples, chamada rinoplastia estética e funcional – são nestes casos em que o otorrinolaringologista geralmente participa da intervenção para que seja corrigido também algum possível problema na respiração, o conhecido desvio de septo.

- **Como é feito:** o procedimento, realizado sob anestesia local, demora cerca de 40 minutos. A retirada da giba é feita através de uma incisão que deixa uma cicatriz interna. "Faz-se uma fratura no local, com a retirada desse osso cartilaginoso. Em seguida, levanta-se um pouco a ponta do nariz à fim de deixá-la naturalmente empinada", explica o Dr. Paulo Müller.

- **Pós-operatório:** é simples, a paciente volta para casa logo depois do procedimento. O afastamento das atividades normais se dá por no máximo duas semanas, mas porque de um modo geral, o paciente não quer trabalhar com curativo feito com o esparadrapo cirúrgico, que é finíssimo e fácil de trocar. Por uma semana, não é possível dirigir, pegar peso e baixar drasticamente a cabeça.

- **Resultado:** é possível notar a perfeição na cirurgia nove meses depois do procedimento.

DE BUMBUM DE AMERICANA PARA BUMBUM DE BRASILEIRA

As nádegas caídas ou pequenas podem ser melhoradas com a utilização de próteses de silicone, que têm formato próprio para a região e são mais resistentes a impactos.

- **Como é feito:** as próteses são colocadas por uma incisão feita no sulco entre as nádegas e no espaço criado pela separação dos músculos glúteos. A cirurgia dura em média duas horas para ser realizada e costuma ser feita sob anestesia local associada a sedação.

- **Pós-operatório:** depois do procedimento, a paciente fica internada por uma noite e deve usar uma cinta específica por um mês. "Em toda cirurgia que envolva próteses, é importante o repouso no pós-operatório, pois a mobilização precoce poderá provocar a mudança da posição delas, o que pode levar a formação de seroma, que é um líquido que o organismo fabrica como resposta a uma infecção", explica o cirurgião plástico Raul Gonzáles (SP).

- **Resultado:** é possível notar imediatamente após a cirurgia, mas o definitivo se dá após seis meses.

DE SEIOS DE BRASILEIRA PARA SEIOS DE AMERICANA

Dependendo do formato das mamas e do seu volume, o cirurgião determina o implante de próteses de silicone, que geralmente é feito através de uma incisão nas axilas, nas bases das mamas, ou ainda pelas aréolas e podem ser colocadas sobre o músculo peitoral ou por baixo dele. "A grande maioria das pacientes evolui com resultados que as satisfazem, mas como trata-se de uma cirurgia, não posso deixar de citar a possibilidade de complicações, como cicatrizes antiestéticas e dobras palpáveis nas próteses", avisa o especialista.

- **Como é feito:** a incisão é realizada em torno da aréola ou abaixo dela, em formato de I ou T invertido, por onde é introduzida a prótese de silicone. Geralmente, utiliza-se anestesia geral e o procedimento leva cerca de duas horas para ser realizado. A paciente fica internada por 24 horas.

- **Pós-operatório:** é dolorido e, por esta razão, há a necessidade de tomar antibiótico e antiinflamatório por sete dias, no mínimo. "A volta ao trabalho se dá em 15 dias, mas sem movimentação brusca com os braços. A paciente estará liberada para dirigir em duas semanas, desde que não haja retirada de excesso de pele, que requer mais pontos no local (neste caso, levantar peso e dirigir estará liberado apenas depois de 30 dias)", orienta o Dr. Paulo Müller. É recomendável o uso de sutiã de malha compressiva por um mês, evitar a movimentação dos braços na primeira semana e dormir de costas ou de lado por dois meses.

- **Resultado:** a cicatrização se dá entre seis e oito meses.

Assistente: Bruno Rodrigues / Cabele e Maquiagem: Cristiano Avramov (Foto) / Produção: Wyma
Bastardo / Assessoria: Argenta Vitória / Modelos: Katharina Chow (Foto) / Thyssuan (Foto)

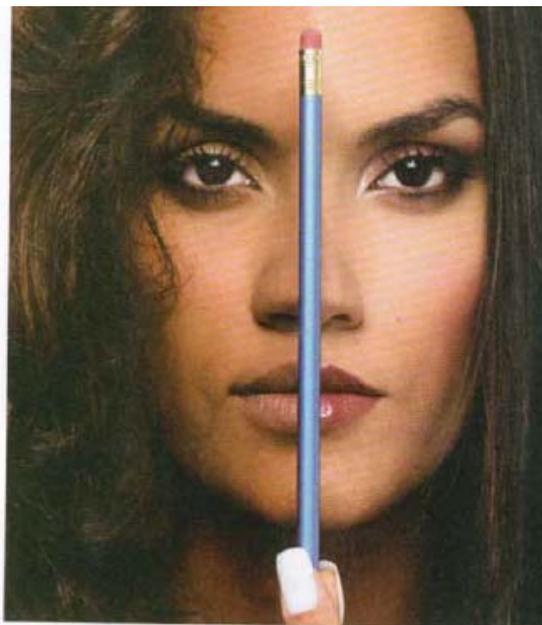
DE NARIZ DE ANGOLANA PARA NARIZ DE FRANCESA

Ao contrário das pessoas de descendência árabe e europeia, as pessoas de descendência africana não tem muita cartilagem no septo-nasal. "Nestes casos, a asa nasal é muito larga e é preciso encurtá-la e também adicionar cartilagem no septo para deixá-lo mais alto e harmonioso", informa o cirurgião plástico Dr. Paulo Müller.

• **Como é feito:** após anestesia local, o médico adiciona elementos na estrutura nasal, através de enxerto de osso ou cartilagem. A área doadora pode ser o próprio septo-nasal ou em alguns casos, as costelas. "Às vezes, pequenos fragmentos da costela são suficientes para se moldar e enxertar, fazendo com que a região ganhe altura, deixando o nariz mais delicado. Já o excesso de aba pode ser retirado com uma pequena incisão, interna ou externa", explica o Dr. Bersou Jr. A cirurgia também é indicada no caso das orientais, em que a estrutura do nariz é semelhante à das negras, mas em menor proporção. O procedimento demora cerca de 3h30 para ser feito.

• **Pós-operatório:** é incômodo, pois a paciente sai do hospital com um curativo de gesso termomoldável e medicada com antibiótico e antiinflamatório. Após esse período, ela fica apenas com um esparadrapo cirúrgico, que deve permanecer por mais duas semanas. Não pode baixar a cabeça, fazer movimentos bruscos, pegar peso e dirigir por uma semana. A volta ao trabalho se dá em três semanas.

• **Resultado:** é possível notar o efeito da cirurgia nove meses depois do procedimento. "A rinoplastia moderna visa um ponto de equilíbrio entre a parte estética e funcional. Assim o paciente consegue um nariz bonito e com capacidade de respiração normal afirma o Dr. Saraiva. O médico acrescenta que o objetivo desse procedimento é "oferecer ao paciente muito mais naturalidade, amenizando os traços mais marcantes de que não goste, sem jamais fazer um negro parecer caucasiano ou vice-versa."



DE LÁBIOS DE AFRICANA PARA LÁBIOS DE ITALIANA

Em casos de macroqueilia (lábios gigantes e deformados), a plástica deixa a aparência mais harmoniosa. "A técnica retira fusos de mucosa e músculo pelo lado interno da boca, o que provoca uma retração interna dos lábios", explica o Dr. Bersou Jr.

• **Como é feito:** sob anestesia local, são retirados segmentos da mucosa e tecido labial na parte interna da boca, deixando uma cicatriz imperceptível. "Essa cirurgia é indicada também para pessoas que injetaram toxina botulínica e PMD (silicone injetável) e tiveram como seqüelas lábios grandes demais. O procedimento vai remover o silicone e enxertar gordura retirada de outra parte do corpo, deixando um aspecto natural", assegura o cirurgião plástico Dr. Paulo Müller.

• **Pós-operatório:** a volta para casa é imediata e, por sete dias, toma-se antibiótico e antiinflamatório e segue uma alimentação líquida-pastosa. Não pode falar muito, dar risada, nem beijar.

• **Resultado:** é possível notar passados 30 dias.

Intercâmbio feminino

É comum as mulheres fazerem pequenas mudanças para conquistar o look desejado – mesmo que elas não sejam características da pró-pria etnia. Têm negras com cabelo liso, loiras com black power, branquinhas morenas...Veja algumas transformações:

■ **De crespa a lisa:** basta recorrer às escovas diárias ou aos alisamentos. A cabeleireira Vivian Esteves, do Salão Cenário (SP), aposta no alisamento e relaxamento a laser. A luz não muda a estrutura do fio, mas auxilia na penetração dos ativos, que neste caso a principal base é a amônia. "Podemos soltar os cachos ou deixar o cabelo liso", afirma. O efeito da técnica dura cerca de três meses.

■ **De branquinha a morena:** o bronzeamento a jato é uma boa alternativa para essa situação. "É um método seguro e que não causa danos a pele. Como a cor sai na medida em que a pele vai descamando, o ideal é que seja feito mensalmente. A manutenção em casa pode ser realizada com os autobronzeadores, uma vez por semana", exemplifica a dermatologista Ana Lúcia Récio (SP).

■ **De mulata a morena clara:** É possível clarear a cor da pele com produtos à base de hidroquinona, ácido retinóico ou kójico, que inibem a produção de melanina. Deve ser usado protetor solar diariamente e o efeito some em poucos dias. Porém, se utilizadas em excesso, esses ativos podem destruir os melanócitos, as células que produzem a melanina e aí, o branqueamento se torna permanente. ■

